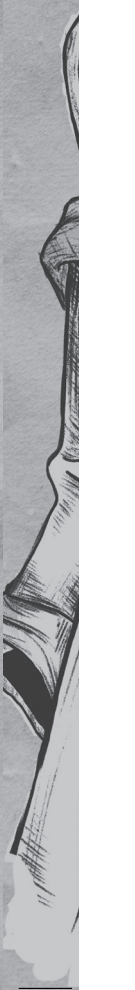
Abraham Kuyper

MULHERES *da* BÍBLIA

Penkall





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kuyper, Abraham, 1837-1920
Mulheres na Bíblia / Abraham Kuyper ; [tradução da Editora]. -- Londrina, PR : Livrarias Família Cristã, 2021. -- (Textos selecionados de Abraham Kuyper)

ISBN 978-65-5996-268-6 (capa dura)
ISBN 978-65-5996-276-1 (brochura)

1. Histórias bíblicas 2. Mulheres na Bíblia
I. Título. II. Série

21-87666
21-88339 CDD-220.83054

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Mulheres na Bíblia 220.83054
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

© 2021 Livrarias Família Cristã LTDA.

Autor: Abraham Kuyper
Tradução: Brian Gordon Kibuuka
Coordenação do projeto: Rebeca Louzada Macedo
Equipe de revisão: Ana Santos e Raphaela Silva
Revisão final: Lucas dos Santos Lavisio
Coordenação do projeto gráfico: Thaila Sayuri Nagazawa
Diagramação: Dayane Germani
Capa: Emerson Pereira e Isadora Berbel Gardenal
Questões elaboradas: Brian Gordon Kibuuka

Toda esta publicação foi desenvolvida pela Editora Penkal
Edição Exclusiva Livrarias Família Cristã

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

INTRODUÇÃO 9

ABIGAIL 13

AGAR 17

ANA, A MÃE DE SAMUEL 23

AZENATE 27

ATALIA 31

BATE-SEBA 35

QUETURA 39

DALILA 43

DÉBORA, A AMA 47

DÉBORA, A PROFETISA 51

DINÁ 55

ESTER 59

EVA, A MÃE DE TODOS 63

HULDA 69

JAEL 73

JEZABEL 77

JOQUEBEDE 81

JEOSABATE 85
JUDITE E BASEMATE 89
A CAMPONESA DO BAURIM 93
ESPOSA DE MANOÁ 97
FILHA DO FARAÓ 101
FILHA DE JEFTÉ 105
ESPOSA DE JEROBOÃO 109
A RAINHA DE SABÁ 113
RAINHA VASTI 117
EMPREGADA DOMÉSTICA JUDIA DE NAAMÃ 121
A SUNAMITA 125
A VERDADEIRA MÃE 129
A VIÚVA DE SAREPTA 133
LIA 137
MIRIÃ, IRMÃ DE MOISÉS 141
NOÁDIA 145
NOEMI 149
ORFA 153
RAABE 157
RAQUEL 161

REBECA 165

RISPA 169

RUTE 173

SARA 177

ZÍPORA 181

SIFRA E PÚA 185

TAMAR 189

ANA, A PROFETISA 193

DORCAS (TABITA) 197

DRUSILA 201

ISABEL 205

EUNICE 209

EVÓDIA E SÍNTIQUE 213

HERODIAS 217

A MULHER CANANEIA 221

ESPOSA DE PILATOS 225

A MULHER COM FLUXO DE SANGUE 229

A MULHER SAMARITANA 233

A MULHER PECADORA ARREPENDIDA 237

AS SERVAS DE CAIFÁS 241

LÍDIA 245

LÓIDE 249

MARIA DE BETÂNIA 253

MARIA DE JERUSALÉM 257

MARIA DE ROMA 261

MARIA, MÃE DO APÓSTOLO 265

MARIA, A MÃE DE JESUS: I. SUA HUMILDADE ... 269

MARIA, A MÃE DE JESUS: II. A MÃE DE NOSSO SENHOR 273

MARIA, A MÃE DE JESUS: III. SUA FÉ 277

MARIA MADALENA 281

MARTA 285

RODE 289

SAFIRA 293

SALOMÉ 297

SOGRA DE PEDRO 301

Introdução

Abraham Kuyper nasceu na cidade holandesa de Maassluis, perto de Roterdã, em 29 de outubro de 1837. Convertido a Cristo quando tinha dez anos, ele foi um aluno talentoso na escola, um leitor ávido de jornais e desde cedo desenvolveu um interesse por jornalismo e política.

Foi a leitura do romance *The Heir of Redclyffe,* publicado em 1853 por Charlotte M. Yonge (1823–1902), que ajudou Kuyper a se reconhecer como pecador carente da Graça de Deus.

Em 1855, Kuyper se matriculou como estudante de teologia na Universidade de Leiden, curso que concluiu ao fim de sete anos de estudos. A sua dissertação, apresentada em 1863, comparava a doutrina da igreja na teologia de João Calvino e um reformador polonês chamado Jan Laski. Durante os seus estudos, Kuyper rompeu com a sua ligação com a ortodoxia reformada e abraçou o liberalismo teológico da escola de Leiden.

Em 1863, Kuyper começou sua atividade como pastor na pequena cidade de Beesd, onde encontrou camponeses comuns que transmitiam uma expressão viva da fé e a coerência de uma cosmovisão cristã. Sob a influência dos seus paroquianos, Kuyper passou por uma segunda conversão, emergin-

do como um calvinista ortodoxo. A "segunda conversão" de Kuyper em Beesd resultou em um compromisso com o partido ortodoxo na igreja e com o partido antirrevolucionário na política, que se opunha aos princípios seculares que inspiraram a Revolução Francesa enquanto defendia a doutrina reformada expressa nas Três Fórmulas para a Unidade (Confissão Belga, Catecismo de Heidelberg e o Sínodo de Dordt).

Entre 1867 e 1870, Kuyper serviu ao Domkerk em Utrecht, envolvendo-se em controvérsias teológicas com a ala liberal "Ética" da Igreja Reformada Holandesa, envolvendo-se também no debate sobre a questão da educação cristã e/ou estatal. Em 1872, ele fundou e se tornou o editor-chefe do jornal *De Standaard,* incorporando o semanário religioso *De Heraut,* que Kuyper editava desde 1871; o jornal tornou-se o principal órgão jornalístico do partido. Ao longo de um período de 50 anos, Kuyper escreveu milhares de artigos sobre questões políticas, culturais e educacionais.

Os artigos de Kuyper influenciaram o debate político e religioso na Holanda por quase meio século. Isso fez com que, em 20 de março de 1874, Kuyper, aos 36 anos, tendo vencido uma eleição parlamentar, assumisse um assento na Segunda Câmara de Haia como membro do Parlamento holandês. Ele, como membro do parlamento, começou a promover a reforma da sociedade conforme os princípios cristãos.

Em 1876, Kuyper sofreu um colapso nervoso devido ao excesso de trabalho, ataques pessoais de oponentes políticos e a decepção associada com seu apoio ao evangelista americano Pearsall Smith, que caiu em desgraça devido a um adultério. Ainda assim, em 1879, Kuyper fundou o Partido Antirrevolucionário,

em grande parte devido aos seus esforços. Esse partido foi o primeiro partido político popular moderno organizado na Holanda.

Kuyper também atuou no campo da educação, tendo sido o fundador da Universidade Livre de Amsterdã, em 20 de outubro de 1880, onde foi professor de teologia e o primeiro reitor da Universidade, auxiliando para que o ensino superior na Holanda passasse a ser organizado em linhas religiosas e ideológicas.

Entre 1880 a 1898, Kuyper deu palestras e escreveu extensivamente sobre educação, produziu numerosas obras meditativas e devocionais, exerceu esforços vigorosos em direção à reforma eclesiástica, iniciou uma iniciativa de trabalhar com os católicos romanos nos domínios político e social. Em 1898, viajou para os EUA para proferir as prestigiadas Conferências Stone no Seminário Teológico de Princeton, começando em 10 de outubro de 1898. Ele escolheu como tema o Calvinismo, que ele acreditava ser a defesa consistente contra o modernismo. Kuyper procurou apresentar o Calvinismo como um "sistema de vida" ou cosmovisão (*Weltanschauung*) abrangente, enfatizando o relacionamento entre Deus, a humanidade e o mundo. Ele desejava dissipar a noção de que o Calvinismo era meramente um sistema doutrinário ou estrutura eclesiástica. Em vez disso, procurou mostrar como era uma filosofia cristã abrangente e enraizada nas noções de criação, queda e redenção, concebida, portanto, de forma ampla.

A visão abrangente de Kuyper da fé calvinista e cristã gerou o que ficou conhecido como "neocalvinismo" ou "kuyperianismo", sendo particularmente influente nos círculos teológicos reformados nos Estados Unidos. Além disso, seu pensamento tem sido relevante entre as instituições associadas ao Conselho

de Faculdades e Universidades Cristãs, também influenciando o cristianismo protestante e evangélico dominante.

A influência de Kuyper o levou a se tornar primeiro-ministro da Holanda entre 1901 e 1905. Ele morreu em 8 de novembro de 1920 com 82 anos.

Este livro é uma coletânea de textos de Kuyper, extraídos de muitos de seus livros em vários volumes, os quais vieram de seus artigos de jornal, incluindo *Common Grace e Pro Rege*. Abraham Kuyper serviu como um símbolo de inspiração para milhões de pessoas e continua a fazê-lo por meio dos artigos selecionados, que podem ajudar as mulheres a compreender como se aproximar de Deus, através de exemplos do Antigo e do Novo Testamento.

Abigail

"E era o nome deste homem Nabal, e o nome de sua mulher Abigail; e era a mulher de bom entendimento e formosa; porém o homem era duro, e maligno nas obras, e era da casa de Calebe."

(1Samuel 25.3).

Leia: 1 Samuel 25.2-42.

Parece que os casamentos entre pessoas extremamente diferentes também eram arranjados em outras épocas. Temos um exemplo disso no casamento de Nabal com Abigail. Nabal era um homem muito rico, mas extremamente indócil, rude (selvagem), de pouco discernimento e dado a todo tipo de excessos, enquanto Abigail era uma mulher bonita e criteriosa, com um senso moral correto.

Você pode estar se perguntando como essa mulher poderia aceitar um homem assim. Para compreender, basta lembrar que naquela época as mulheres não eram consultadas antes de serem oferecidas como esposas. Para nós, basta mencionar Lia em seu casamento com Jacó. Podemos supor que o caso de Abigail foi semelhante.

Não é muito provável que Abigail tivesse uma vida muito plácida com esse homem, ou que houvesse muita compreensão de sua parte nos assuntos da casa ou em seus relaciona-

mentos pessoais. Esse homem só se orgulhava de seus bens materiais, e a sua maior satisfação era fazer grande folia com seus camaradas. Nabal assumiu o papel de Saul, o rei, em sua disputa com Davi, como é evidente para nós na resposta que ele dá aos mensageiros de Davi*: "Hoje em dia, muitos servos estão fugindo de seus senhores"* (1Samuel 25.10). Como veremos, Abigail teve muito mais compreensão, e é evidente que ela estava decididamente do lado de Davi, como mostram suas palavras: *"E há de ser que, usando o SENHOR com o meu senhor conforme a todo o bem que já tem falado de ti, e te houver estabelecido príncipe sobre Israel"* (1Samuel 25.30).

A história pode ser contada rapidamente: Davi estava com seus homens na montanha e enviou um destacamento a Nabal para lhe pedir provisões (suprimentos). Davi acreditava ter direito a isso porque havia protegido os pastores de Nabal. Mas Nabal odiava Davi; portanto, tratou seus enviados rudemente e os mandou embora de mãos vazias.

A reação de Davi ao saber do ultraje é compreensível: *"Ponham suas espadas na cintura"* (1Samuel 25.13). Quatrocentos soldados caíram sobre a casa de Nabal e nenhum homem ficaria vivo nela, mas Abigail interveio e deu ordens para carregar vários burros com pão, odres de vinho, ovelhas, grãos e frutas. Ela os enviou a Davi e ela mesma seguiu seus servos para ter certeza de ver Davi satisfeito. O discurso de Abigail a Davi é um modelo de diplomacia, e ela conseguiu o que queria. Ela caiu aos pés de Davi assim que o viu e se desculpou pela tolice de seu marido com palavras eloquentes. Então, pediu a Davi misericórdia em nome de Jeová e, no final, o fez ver que, quando chegasse o dia em que Davi teria seus direitos reconhecidos, ele ficaria feliz por não ter

derramado sangue sem causa *"nem de ter feito justiça com as próprias mãos"* (1 Samuel 25.31). As palavras com que ela se despede são: *"Lembra-te de tua serva"* (1 Samuel 25.31).

Ela não apenas acalmou a ira de Davi, mas, quando Nabal morreu pouco depois de uma terrível embriaguez, e Abigail ficou viúva, Davi "lembrou-se" dela: ele enviou uma embaixada dizendo que queria tomá-la como esposa. Vamos ouvir a resposta de Abigail: *"Aqui está a sua serva, pronta para servi--los e lavar os pés dos servos de meu senhor"* (1Samuel 25.41). Sua discrição não a havia abandonado. Devemos ter em mente que esse era o estilo de linguagem daquela época.

Abigail mostrou prudência em circunstâncias difíceis. Ela mostrou fé ao dizer a Davi, o escolhido de Deus, em oposição ao Rei Saul: "*Mesmo que alguém te persiga para tirar-te a vida, a vida de meu senhor estará firmemente segura como a dos que são protegidos pelo Senhor teu Deus. Mas a vida de teus inimigos será atirada para longe como por uma atiradeira"* (1Samuel 25.29).

Abigail viu essas palavras se cumprirem.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Que tipo de casamento era o de Abigail?

2. Como é possível que esse casamento tenha ocorrido?

3. Como Abigail mostrou a sua fé?

Agar

"Mas também do filho desta serva farei uma nação, porquanto é tua descendência".

(Gênesis 21:13).

Leia: Gênesis 21.9-21.

Agar foi levada do Egito quando criança e vendida como escrava. Ela provavelmente já esteve com Sara em Ur dos Caldeus. O fato é que, entre muitos servos e criadas, Agar era muito estimada por sua senhora. Isso é evidente pelo fato de que, quando Sara queria que Abraão tivesse um filho, quando ela se acreditava estéril, ela deu-lhe a Abraão para que o filho da promessa nascesse de Agar. Do ponto de vista de Sara, era impossível conceder maior honra a uma escrava.

E, no entanto, isso constituiu um pecado para Deus, para todos os três, mas nem tanto para Agar. Foi um pecado e como tal permaneceu, visto que o ato sexual não é permitido fora do casamento. É verdade que os costumes da época eram diferentes, mas isso não anula as leis de Deus, portanto, todos os três eram culpados. No caso de Abraão e Sara, a essa violação dos preceitos de Deus foi adicionado o pecado da incredulidade. A tentativa de assegurar o Filho da promessa por meio de Agar foi o resultado de uma falta de fé na onipotência de Deus e

na certeza de Suas promessas. Agar, sendo uma escrava, era naturalmente a menos responsável por ter menos liberdade.

Assim, não é surpreendente que nenhuma bênção não resulte desse arranjo humano. Agar olhava com desprezo para sua dona (Gênesis 16.4) e fugia dela antes mesmo do nascimento de Ismael. Mais tarde, quando Sara deu à luz um filho, apareceu o ciúme entre os dois, ciúme que mais tarde foi transferido das mães para os filhos. Ismael zombou de Isaque, ao que surgiu a discórdia entre Abraão e Sara. Abraão dispensou Agar somente após a intervenção de Deus. Dessa vez, ela foi para o deserto com o filho.

Mas isso não completa o episódio de Agar, pois houve consequências visíveis a partir dele até hoje. De Ismael vieram os árabes, de quem Maomé veio. Portanto, a força do Islã, que ainda é poderosa em três continentes, está originalmente ligada ao nome de Agar.

Na verdade, há um mistério nessa circunstância que ainda não foi bem compreendido. Não há dúvida de que essa garota egípcia conheceu o verdadeiro Deus na tenda de Abraão. Pela Graça de Deus, a fé apareceu em seu coração e, por meio dessa promessa, havia fé no Messias nela. Agar deve ter sonhado que daria à luz o precursor do Messias. E assim ela acreditou por anos, mas, com o passar do tempo, seus olhos se abriram e a decepção entrou.

No entanto, antes e depois dessa ilusão de fé, Agar foi objeto de especial cuidado de Deus. Por duas vezes ela teve o privilégio de testemunhar a aparição do Senhor. A primeira vez foi no caminho para Shur, quando ele escapou; a segunda, no deserto de Berseba, quando Ismael estava morrendo de sede.

É natural que toda essa atenção de Deus tenha naturalmente grande significado na história de Seu reino, afinal o Senhor deu a ela ricas promessas. No deserto de Berseba, Deus disse claramente que faria de seu filho uma grande nação. Anteriormente, Deus havia lhe dito que *"E ele será homem feroz, e a sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele"* (Gênesis 16.12). E para Abraão Deus disse que daria prosperidade a Ismael por ser a semente de Abraão. Tudo isso está registrado em Gênesis 16.10-12 e 21.13, muito antes do nascimento de Maomé. Vemos que a profecia foi literalmente cumprida. E, no entanto, essa página da história, que começa com a fé de Agar e termina com a falsa fé do Islã, permanece envolta em névoa. Só se pode dizer que o povo nascido de Agar foi empregado por Deus para disciplinar sua Igreja, mas também devemos considerar que eles têm grandes territórios que constituem uma barreira contra o paganismo. Todos eles, muitos milhões, acreditam em um Deus e na revelação profética de Deus. Devemos lembrar que os maometanos reconhecem Jesus como um profeta, o erro deles é não crer em Jesus como o Messias e colocar um falso profeta acima d'Ele. Portanto, eles permanecem com parte do Antigo Testamento e rejeitam o Novo, colocando sua fé no conteúdo do Alcorão.

Isso talvez seja o que Paulo sugere quando, em Gálatas 4.22, compara Sara com uma mulher livre e Agar com uma escrava, interpretando misticamente que aqueles que não encontram o Messias permanecem "filhos da escrava", e os outros são "filhos da liberdade". É possível que ele se refira à Jerusalém terrena e à religião cristã, orientando que não se busque Jerusalém na terra, mas eternamente no céu.

Seja como for, Agar aparece nas Escrituras por mais razões do que meramente para estimular nossa simpatia pelo fato de estar perdida no deserto. Ela aparece como um elo na cadeia da Providência insondável de Deus. O nome de Agar está entrelaçado com as raízes da história da Igreja de Deus.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Qual foi o pecado de Agar? Por que o pecado de Sara e Abraão foi maior que o seu?

2. Quais profecias de Deus a Agar se concretizaram?

3. Qual é a mensagem particular da vida de Agar para nós?

Ana, a mãe de Samuel

"O Senhor empobrece e enriquece; abaixa e também exalta"
(1Samuel 2.7).

Leia: 1Samuel 2.

Ana se tornou mãe pela fé. Ela nos é apresentada na história como uma mulher estéril, mas que conseguiu tornar-se mãe, completando, pois, seu papel. Depois disso, seu nome não é mencionado novamente, ou seja, a revelação de Deus não está mais expressa em Ana, a mãe, mas em Samuel, o filho que ela pediu ao Senhor.

Em alguns aspectos, então, Ana nos lembra Sara, mas em outros ela é totalmente diferente. O amor de Sara, é verdade, estava em conflito com o de outra mulher antes de ela ser mãe, porém, antes de esse filho nascer, não podemos encontrar o menor traço de fé em Sara. Nós a encontramos rindo de sua incredulidade, e é a fé inabalável de Abraão que a leva a acreditar.

Não se pode dizer que o marido de Ana exerceu uma influência semelhante à de Abraão sobre sua esposa. Não há dúvida de que ele era um bom homem. Ele ia a Siló para adorar no santuário todos os anos e amava Ana muito mais do que Penina, sua outra esposa. Para Elcana, o problema de Ana era a esterilidade, e ele abordou isso de um ponto de vista estritamente psicológico: *"Ana, por que choras? E por que não comes? E por que está mal o teu coração? Não te sou eu melhor do que dez filhos?"*

(1Samuel 1.8). Não vemos em lugar nenhum que ele tivesse uma fé firme. Ele facilmente se resignou à condição de Ana e não participou da luta de oração com Deus, como Abraão fez. Não temos dúvidas de que ele orava de vez em quando: "Senhor, dê um filho a Ana, minha querida esposa". Contudo, essas orações gerais não envolvem um conflito profundo para a alma e muitas vezes permanecem sem resposta.

Por outro lado, Ana tinha uma concepção clara de que Deus poderia conceder-lhe um filho. Nossa geração tende a confiar na ciência em circunstâncias semelhantes, esquecendo ser Deus quem governa o destino dos homens. Para Ana, tudo se resumia a um problema de fé. O filho teve que ser dado a ele por Deus. E, na verdade, Deus fez grandes planos para ela. Esse foi um momento decisivo na história de Seu povo, e Deus ordenou que Samuel, o futuro profeta, nascesse de Ana. Em sua longa espera, vemos que Deus está preparando Ana para sua contribuição decisiva para a vida de Samuel.

Em sua tribulação, Ana se rendeu completamente à confiança de Deus. Sua fé firme no Senhor pôde fazer dela uma mãe. Podemos chamar de intuição, podemos chamar de inspiração divina, mas houve algo que instigou Ana e a fez persistir. Ela não estava contente sem o filho, ignorava tudo ao seu redor, mesmo a irritação causada por Penina, que tinha vários filhos e não valorizava o consolo que seu marido dispensava a ela. Seu olhar estava fixo apenas em Deus.

Chegou a hora de Elcana e sua esposa irem a Siló para as festividades. E, entrando no santuário: *"Ela, pois, com amargura de alma, orou ao Senhor, e chorou abundantemente"* (1Samuel 1.10). Ela orou com todo o fervor de sua alma, lutou com Deus

e não estava disposta a ceder até que sua oração fosse atendida. Não sabemos todos os motivos da mente de Ana. É possível que nem todos fossem puros, pois a imagem de Penina e o desejo de triunfar sobre ela e de se livrar de sua zombaria podem tê-la empurrado. Ao lermos seu cântico, vemos que ela menciona a satisfação de ter compensado as provocações anteriores que fez, mas isso era secundário. Seu desejo era um filho para se dedicar ao Senhor, como podemos ver no voto solene que ele faz. E Ana tem fé no fato de que Deus pode conceder isso a ela. Ele viu a resposta não apenas como possível, mas como verdadeira. Sua fé a levou a se apegar ao Deus vivo.

O pedido foi atendido. O Senhor deu-lhe Samuel. Naturalmente, nem toda mãe está disposta a dar seu filho a Deus no momento do nascimento. Por meio de Ana, porém, esse pensamento passa de Deus para toda mãe cristã. Como Ana, elas devem reconhecer que Deus é quem dá filhos. Quando esse reconhecimento é feito, as mães ficam mais dispostas a dedicar seus filhos ao Senhor que os criou.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Que característica predominante nos é revelada na personagem de Ana?

2. De quem ela obteve filhos?

3. De que forma isso é uma lição para nós? Que lições sua vida nos ensina?

Azenate

"E Faraó chamou a José de Zafenate-Paneia, e deu-lhe por mulher a Azenate, filha de Potífera, sacerdote de Om; e saiu José por toda a terra do Egito"
(Gênesis 41.45).

Leia: Gênesis 41.45-52.

O Faraó estava determinado a fazer de José um egípcio completo. Ele queria que esse jovem hebreu assimilasse o modo de vida nacional. José gostava dele, era um homem valioso; o Faraó o considerava um gênio, um verdadeiro estadista. Mas ele não tinha ideia sobre o Deus de Israel, que havia enviado José para salvar o Egito. Desde o início, o Faraó se opôs a Jeová.

Para transformar José em uma pérola na coroa do Egito, ele concedeu-lhe todos os tipos de honras. Ele mudou o nome dele para Zafenate-Paneia (que significa "declarante do oculto") e deu a ele Azenate como esposa. Era uma honra, pois ela era filha de Potífera, sacerdote de On, a cidade sagrada dos adoradores do sol. A casta dos sacerdotes era muito elevada no Egito, homens com estudos profundos e que eram os depositários da sabedoria egípcia, conhecida na história de forma tradicional.

José sabia interpretar sonhos e podia penetrar nos segredos da natureza. Ele também era um sábio, e é lógico que foi as-

similado à casta sacerdotal. Não sabemos se José ficou feliz com esse arranjo. Em qualquer caso, o resultado disso foi, sem dúvida, implicá-lo na idolatria egípcia e tornar-se membro dessa casta, o que trouxe para ele prestígio resultante dessa idolatria.

Não temos o direito de supor que José se casou com essa mulher com entusiasmo. Sabemos que José pôde resistir à tentação da carne, pois a esposa de Potifar, sem dúvida uma mulher de grande experiência nesse aspecto, falhou em suas repetidas tentativas de fazê-lo cair em seus encantos.

De qualquer forma, sabemos que Azenate entrou na casa de José como sua esposa. E os próprios nomes dos dois filhos que José tinha com ela nos dão a ideia de que José começava a colher os frutos da sua leveza e de sua pouca fortaleza. O primeiro se chamava Manassés, porque José dizia: *"Deus me fez esquecer de todo o meu trabalho, e de toda a casa de meu pai"* (Gênesis 41.51). O segundo se chamava Efraim: *"Deus me fez crescer na terra da minha aflição"* (Gênesis 41.52). O plano do Faraó de fazer de José um egípcio foi bem-sucedido. Azenate estava ajudando José a se conformar com a ideia de que ele havia morrido pela casa de seu pai.

Aconteceu, como sabemos, que, pela providência de Deus, a casa de seu pai o recuperou, no Egito. Então, o próprio José se juntou aos seus a tal ponto que insistiu que seus ossos fossem enterrados com os de seus pais em Canaã.

Se não houvesse outras influências em seu casamento com Azenate, José teria sido enterrado no Egito, mas há algo do sangue de Azenate nas veias de Efraim e Manassés, que o separou do verdadeiro Israel. Desses dois filhos, o cisma e a separação entre as gerações posteriores de Jacó apareceram com o tempo.

Efraim se opôs a Judá, e Jeroboão se opôs ao filho de Salomão. Isso resultou no conflito entre Samaria e Jerusalém. É em Samaria que o serviço de Baal predomina; é lá que Jezabel mata os profetas do Senhor. Então José, que ascendeu a uma posição de autoridade e distinção, foi completamente eliminado. A glória da família de Jacó se acumulou apenas sobre Judá.

Se você se pergunta o porquê de a tribo de José ter sido eliminada tão rapidamente, as Escrituras nos dão a resposta: *"Azenate, filha de Potífera, sacerdote de Om"* (Gênesis 41.45).

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Deus abençoou o casamento de José e Azenate permanentemente? Que provas podemos dar disso?

2. José se tornou um egípcio?

3. O que podemos aprender com esse casamento a respeito dos relacionamentos que devemos ter com o mundo?

4. Qual é o ensino de Deus a respeito de casamentos mistos?

Atalia

Vendo, pois, Atalia, mãe de Acazias, que seu filho era morto, levantou-se, e destruiu toda a descendência real.

(2Reis 11.1).

Leia: 2Crônicas 22.

Há um paralelo notável entre o relacionamento de Israel com Judá e o dos descendentes de Caim com os de Sete. Caim se isolou, ele e sua família, de todas as pessoas tementes a Deus de sua época. Anos depois, as filhas das Camitas tentaram os filhos de Sete e acabaram preparando o cenário para o dilúvio. Da mesma forma, o idólatra Israel primeiro se separou de Judá. Então, por meio de uma mulher licenciosa, ele tentou enredar Judá e, assim, preparou-o para o cativeiro na Babilônia.

A mulher licenciosa que dessa forma preparou a queda moral de Judá foi Atalia, filha de Acabe e Jezabel. Ela era a verdadeira personificação de toda a maldade de seus pais. Jezabel trouxe o veneno de Sidon e o injetou nas veias de Israel, e agora Atalia iria despejá-lo nas veias de Jerusalém. Notamos nessa história que um rei da casa de Davi, em vez de se aliar ao profeta de Deus no conflito entre Acabe e Elias, decidiu em favor da dinastia de Acabe. Ele até permitiu que o príncipe herdeiro Jorão se casasse com a filha de Jezabel.

Se Jerusalém já não se tivesse afastado do serviço de Jeová, a chegada de Atalia e seus sacerdotes de Baal teria causado uma reação contra o povo de Jerusalém, mas nada disso aconteceu. Pelo contrário, Atalia passou a governar Israel no momento em que foi feita rainha.

Em muitos aspectos, Atalia se parece com sua própria mãe, Jezabel, e o que Atalia fez em Jerusalém é semelhante ao que Jezabel fez em Jezreel, em Samaria. Templos a Baal surgiram em toda parte em Jerusalém. O teor da vida em Jerusalém mudou completamente. O mundanismo prevaleceu e aqueles que temiam a Jeová tiveram que deixar Jerusalém.

Contudo, Jeová chamou Jeú, que exterminou a dinastia de Acabe em Israel e matou Acazias, filho de Atalia. Em vista disso, Atalia decidiu exterminar todos os outros filhos de Jorão, seu marido, possíveis herdeiros do trono, e assumiu ela própria a liderança.

Milagrosamente, um filho de Acazias foi salvo, Joás, que estava escondido na casa de Josafá, filha do rei Jorão, esposa do sacerdote Joiada. Essa mulher era irmã de Acazias. Atalia reinou por seis anos; após esse tempo, Joiada proclamou Joás rei, e Atalia foi executada, ao que seguiu a demolição de todos os altares de Baal.

Parece não haver limite para a capacidade para o mal em uma mulher com as entranhas de Jezabel, ou em uma mulher como Atalia, quando não reconhece os limites de sua própria natureza humana e se recusa a aceitar as limitações que Deus estabeleceu.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Que religião Atalia propagou?

2. Como ela tentou eliminar o temor a Deus?

3. Como Deus parou a sua mão e ajudou o Seu povo?

Bate-Seba

"E mandou Davi indagar quem era aquela mulher; e disseram: Porventura não é esta Bate-Seba, filha de Eliã, mulher de Urias, o heteu?"

(2Samuel 11.3).

Leia: 2 Samuel 11: 2-5, 26, 27; 12: 15-24; 1 Reis 1: 11-40.

O nome de Bate-Seba está relacionado ao terrível pecado cometido por Davi. É tão terrível que ficamos maravilhados de que tal pecado possa ter sido cometido por um homem com quem Deus se agradou. Representa três transgressões diferentes. Primeiro, um ato ignominioso de adultério. Em segundo lugar, Davi deixou Urias embriagado, em um esforço para esconder sua própria culpa. Finalmente, ele se intrigou e arranjou as coisas para que Urias morresse no ataque a uma cidade. Ele deu ordens expressas para ser deixado em paz.

Deus não faz acepção de pessoas, e esses eventos estão relacionados na Bíblia. Davi, o escolhido de Deus, foi culpado de conduta vergonhosa, mas também devemos observar o comportamento de Bate-Seba. É claro que, quando falamos sobre esse assunto, sempre falamos sobre o que Davi fez, mas temos que pensar no que Bate-Seba também fez.

Davi notou Bate-Seba quando a viu tomando banho, enquanto ele caminhava no telhado de sua casa. Devemos supor que Bate-Seba tenha percebido que estava se banhando em um local onde pudesse ser observada. Provavelmente foi na sacada, encontrada na maioria das casas no leste, em vez de no telhado. O ar passa por lá e é um lugar agradável para se estar, principalmente ao entardecer. Bate-Seba não deveria ter se exposto e, portanto, devemos responsabilizá-la por sua falta de modéstia. Essas palavras não pretendem de forma alguma desculpar a Davi. Nenhum comentário adicional é necessário sobre esse ponto.

Não somos informados das circunstâncias do encontro de Bate-Seba com Davi, quando ele a chamou. Só conhecemos os resultados: "E ela veio, e ele se deitou com ela" (2Samuel 11.4). *"E a mulher concebeu; e mandou dizer a Davi: Estou grávida"* (2Samuel 11.5). Não sabemos se ela percebeu o motivo do chamado, mas sabemos que ela deveria ter resistido aos pedidos do rei. Se Bate-Seba não consentisse, como era seu dever, Davi não teria tido a chance de cometer esse pecado, nem ela. Portanto, devemos considerar Bate-Seba cúmplice de adultério.

O resto da história é bem conhecido. Urias era um homem leal, sincero e incapaz de pensar na traição que sua esposa e o rei haviam cometido contra ele. Com a morte de Urias, Bate-Seba ocupou o lugar de uma das esposas de Davi. Quando ela deu à luz ao filho, ela já estava no palácio.

As Escrituras não nos dizem nada sobre como ela julgou seu próprio comportamento. Somos informados apenas sobre Davi. A história nos mostra o pecado e o arrependimento de um grande homem, informa também o castigo que ele sofreu por isso. Finalmente, fala-nos sobre sua restituição, porque

Davi pagou a vida inteira pelas consequências desses pecados. Bate-Seba é responsável perante o rei. A história é um aviso acerca dos perigos que corre toda mulher que brinca com sua beleza física, afinal Deus exige que todos os nossos caminhos sejam retos em Sua presença.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Como a história de Bate-Seba revela a misericórdia de Deus?

2. Em que Bate-Seba foi imprudente? Podemos aplicar isso aos tempos em que vivemos?

3. Em um mundo de violência masculina contra as mulheres, podemos colocar a culpa nela por esse evento compartilhado entre Davi e Bate-Seba?

Quetura

"Quanto aos filhos de Quetura, concubina de Abraão (...)"
(1Crônicas 1.32).

Leia: Gênesis 25.1-6; 1 Crônicas 1.32-33.

Com a morte de Sara, o patriarca de Mamre ficou viúvo. Agar havia fugido há muito tempo para o deserto de Midiã. Depois que Isaque se casou com Rebeca, o filho deixou o teto paterno. Essas mudanças deixaram Abraão sozinho, e isso o levou a se casar novamente, dessa vez com Quetura.

Quetura deu-lhe seis filhos: Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Jisbaque e Sua. Isso parece estranho quando se lembra que Abraão tinha aproximadamente 140 anos quando Isaque se casou. Isso só é compatível com um curso especial de eventos. Portanto, alguns dizem que esse é um conto de fadas. Outros comentaristas dizem que Quetura era a concubina muito antes. No entanto, isso é impossível, primeiro porque "Abraão levou outra mulher", o que sugere uma ordem cronológica dos acontecimentos. Segundo: se Abraão já tinha seis filhos antes do evento de Agar e do sacrifício de Moriá, o fato se torna incompreensível.

O uso da palavra concubina indica apenas que essa mulher não possuía todos os privilégios e direitos que Sara possuía, e isso é comprovado pelo fato de não haver direitos he-

reditários para crianças. Quanto à geração de Abraão nessa idade, devemos lembrar que sua masculinidade foi milagrosamente restaurada pelo nascimento de Isaque e devemos acreditar que isso persistiu até sua morte. Isso faz parte da promessa de que sua semente se multiplicaria como a areia do mar e como as estrelas. Portanto, não vamos insistir mais nisso. O que nos interessa é que, pelo casamento, Quetura se tornou a segunda esposa de Abraão.

O exemplo do patriarca, é claro, não é uma lei de conduta. É curioso que Quetura seja a primeira mulher mencionada para nós que estava disposta a se casar com um homem que estava fazendo isso pela segunda vez. Isso não implica censura para Abraão ou para Quetura. Na verdade, foi uma bênção ele ter tantos filhos, o que contribuiu para o cumprimento da promessa feita a Abraão. Vale ressaltar que naquela época a esterilidade feminina não era rara. Lembre-se que Sara, Rebeca, Raquel e Lia tiveram pouquíssimos filhos. Há algo de engraçado na ideia de que o velho patriarca estava cercado pelo amor de uma mulher em sua última idade e por todo um círculo de crianças.

É por isso que Quetura nos é apresentada como um tipo diferente de esposa. Não é como uma jovem que dedica a vida com amor ao marido, não é como uma esposa que é, até certo ponto, independente, mas, sim, como uma esposa cuidando de uma pessoa idosa. Isso implica devoção, combinando o afeto de uma esposa com o de uma mãe. É como a filha mais velha que cuida do pai.

Esse não é um relacionamento romântico, não representa um casamento ideal, mas é um casamento em que a paixão,

que não é mais veemente, adquire qualidades altamente éticas. Naturalmente, não sabemos até que ponto Quetura amava Abraão por causa de sua vocação peculiar nem sabemos se ele compartilhava de sua fé com ela.

Podemos dizer que Quetura ocupa uma posição peculiar como esposa de um homem em um segundo casamento. De forma alguma esse segundo casamento é proibido pelo Senhor. O relacionamento no céu não é um obstáculo, como Jesus disse aos saduceus. Bem sabemos que os santos estão unidos pelo casamento, mas sabemos bem que são, antes de tudo, irmãos e irmãs em Cristo. No céu, os santos viverão como os anjos de Deus. Não é um casamento de conveniência ou, como dizem hoje, um "agrupamento de recursos" ou qualquer outro arranjo por motivos superficiais. Deve haver devoção sincera entre os dois, deve haver a consagração em que o amor é combinado com o desejo sagrado de ajudar os sozinhos e solitários.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. O que a vida de Quetura nos ensina sobre o casamento pela segunda vez?

2. Os filhos de Quetura eram considerados no mesmo nível de Isaque? Por quê?

3. Qual é o ensino de Cristo a respeito do relacionamento entre marido e mulher na vida futura?

Dalila

"E depois disto aconteceu que se afeiçoou a uma mulher do vale de Soreque, cujo nome era Dalila"
(Juízes 16.4).

Leia: Juízes 16.4-20.

Dalila morava na margem do rio Soreque e foi uma mulher que serviu de instrumento para os líderes filisteus reduzirem Sansão à impotência.

Sansão é o herói de Deus. Sua aparência como libertador de Israel permanece um mistério. Ele foi escolhido e equipado por Deus para esse propósito de uma maneira única.

Mas Sansão, o herói, apresentou uma falha fatal: sucumbiu facilmente aos encantos das mulheres. Uma mulher o subjugou e se aproveitou de seu domínio sobre ele.

Mesmo antes de conhecer Dalila, Sansão em Gaza viu uma prostituta e foi até ela. Os filisteus o perseguiram nos portões da cidade para atacá-lo ao amanhecer, mas, à meia-noite, Sansão se levantou e *"Abraçou-se, pois, Sansão com as duas colunas do meio, em que se sustinha a casa, e arrimou-se sobre elas, com a sua mão direita numa, e com a sua esquerda na outra*" (Juízes 16.29).

Depois disso, ele se apaixonou por uma mulher no vale de Soreque, cujo nome era Dalila. O nome soa lindo para nós,

mas o que Sansão encontrou em sua casa foi pior que a morte. A mulher fingiu amor por ele e o seduziu para que, em prova do amor que ele devia retribuir, ele lhe contasse qual era o segredo de sua força. *"Como dirás: Tenho-te amor, não estando comigo o teu coração?"* (Juízes 16.15) Três vezes seguidas, Sansão deu-lhe uma resposta falsa. Ao tentar colocá-la à prova, Sansão provou ser invencível: o segredo não havia sido revelado.

Dalila estava tecendo uma teia inextricável de engano e sedução. Ela o pressionava todos os dias e o importunava, até que conseguiu reduzir sua alma "a uma angústia mortal". Então ele finalmente revelou o segredo para ela. Dessa vez, Sansão foi reduzido ao desamparo nas mãos de seus muitos inimigos.

A execrável qualidade moral dessa mulher, posta a serviço por "cem siclos de prata" concedidos por cada um dos líderes filisteus, não exonera Sansão de sua culpa. Dalila é uma criatura infame nas páginas da Bíblia, mas Sansão não deveria visitar prostitutas em Gaza ou Soreque. Sansão havia perdido o temor de Jeová.

O aspecto que nos interessa destacar sobre o comportamento de Dalila é simplesmente que ela usou sua atratividade feminina de forma ilegítima, com um propósito destrutivo e homicida. No entanto, toda mulher que finge amor e usa as armas de sua vaidade e coqueteria para alcançar seus fins egoístas está jogando um jogo paralelo ao de Dalila. O encanto feminino e a atratividade do afeto são dádivas de Deus. A mulher os recebeu do Criador. Deus punirá quem os usa de maneira trivial ou frívola, pois concedeu o encanto e a atratividade para propósitos muito mais elevados.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. O que as atitudes de Dalila pode nos ensinar?

2. Como podemos evitar cair em armadilhas, como Sansão caiu na de Dalila?

3. Qual é o ensino de Cristo a respeito do relacionamento entre homem e mulher a partir da história de Sansão e Dalila?

Débora, a ama

"E morreu Débora, a ama de Rebeca, e foi sepultada ao pé de Betel, debaixo do carvalho cujo nome chamou Alom-Bacute"

(Gênesis 35.8).

Leia: Gênesis 35.1-15.

As Escrituras nos falam de duas Déboras. Uma, na época de Baraque, governou Israel como profetisa. A outra era a ama da família patriarcal de Jacó. Merece nossa atenção que essa ama de Rebeca seja mencionada nas Escrituras.

Temos diante de nós a Santa Revelação de Deus. Ele o deu à Sua Igreja para derrotar Satanás. Nesse livro, somos informados sobre o destino do céu e da terra, e ainda é possível na história referir-se a uma ama dos tempos patriarcais. Isso é o que lemos no versículo em questão. Alom-Bacute significa "carvalho chorão".

Débora seria uma serviçal de longa data na casa. Quando ela morreu, Jacó já havia retornado com sua esposa e sua família de Padã-Arã para Canaã. Ele havia armado suas tendas em Betel. Seus filhos já eram homens. Ele estaria na casa dos 70 anos a essa altura, e Débora seria uma mulher idosa entre os 80 e os 90 anos.

Observe a consideração por essa antiga serva na casa de Jacó.

Diz-se que Isaque e Rebeca a deram a Jacó quando sua família começou a crescer. Provavelmente, na casa de Jacó, ele teria cuidado de José e Diná. Ficou com a família. Todos a trataram com carinho e se sentiram ligados a ela. Quando sua última hora finalmente soou, toda a família estava presente em seu funeral. Jacó e seu povo acompanharam-na até seu último lugar de descanso com lágrimas nos olhos, como podemos ver no nome dado ao lugar.

Hoje nos libertamos da escravidão. Observe, entretanto, que mesmo em tempos em que existia esse relacionamento triste entre os homens, Deus graciosamente inspirou uma fé que transformou essa maldição em uma bênção: as cadeias da escravidão poderiam ser cadeias de amor.

Débora significa "abelha": um nome apropriado para uma empregada. Um símbolo de atividade, diligência, tenacidade. A Graça de Deus fez de Débora uma serva querida e fiel. Não é esse um exemplo hoje para muitos cristãos que só trabalham com a recompensa em mente, como a formiga também serve de exemplo?

No caso do servo, Deus inspira em Débora um terno afeto por Jacó, Lia, Raquel e os outros; afeto que é retribuído. Eles não só querem ser atendidos, mas também apreciam e louvam os serviços prestados. Débora se torna um membro da família. Quando você morre, é como se um de seus parentes próximos tivesse morrido, como a morte de uma criança, como se fosse uma irmã de Jacó ou Lia.

Também há uma lição aqui. Hoje esse tipo de relação não existe no mesmo sentido, entre escravos e donos, entre servos e senhores. Mas existem relações nas quais outros seres humanos podem ser tratados como objetos, aproveitados e depois abandonados como se não existissem. Quando uma pessoa não é mais útil para a outra, é empurrada para um canto, posta de lado: "colocaremos outra em seu lugar."

Esse tipo de relacionamento torna a fé impossível. Impede a devoção de quem serve, ajuda-o a negar a fé. Impede o cumprimento da responsabilidade de quem utiliza os serviços do outro, que ele acredita ter cumprido pagando o salário; a fé aqui também está morta. A relação humana também está morta: nela não há ajuda mútua para o crescimento da fé.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Qual é o significado do nome Débora?

2. Pelo que nos foi dito sobre o enterro, que tipo de relacionamento havia entre Débora e a família de Jacó?

3. O que podemos aprender sobre esse caso no que diz respeito às relações que temos com outras pessoas que nos prestam serviços?

Débora, a profetisa

"Cessaram as aldeias em Israel, cessaram; até que eu, Débora, me levantei, por mãe em Israel me levantei" **(Juízes 5.7).**

Leia: Juízes 4.4; 5.5.

Débora é a Joana d'Arc da incrível história de Israel, que repetidamente caiu na idolatria. Nesses períodos, Israel perdia todo sentimento de consciência nacional e renunciava ao seu prestígio e honra. Contudo, também tinha uma resiliência e elasticidade que permitia que se recuperasse como nenhuma outra nação. Israel estava se recuperando totalmente do que parecia uma desintegração espiritual e política. Essa capacidade de renascer das cinzas foi um presente de Deus. Que Deus pretendia que Israel fosse restaurado é perfeitamente evidente quando consideramos a história de Débora e os dias em que ela viveu.

Quase todas as planícies da Palestina já haviam sucumbido à força dos cananeus. Jabim, o rei deles, residia em Hazor e dominava Israel por meio de suas forças armadas. Tinha um exército poderoso, temido especialmente por seus novecentos carros de ferro. Contra eles, os esforços da infantaria foram inúteis. Consequentemente, o povo de Israel, que povoou as terras baixas, teve que pagar tributo a Jabim. Eles viviam em condições precárias, apenas as pessoas das regiões montanhosas mantive-

ram sua liberdade, simplesmente porque os carros de guerra de Jabim não eram adequados para o terreno montanhoso. Aqueles que viviam em regiões montanhosas, como Efraim, ainda possuíam certa organização e resistiram heroicamente.

A esposa de Lapidote, que vivia sob uma palmeira, entre Ramá e Betel, na terra de Efraim, os inspirou a essa resistência. Seu nome era Débora, e eles a chamavam de "a mãe de Israel". Ela era astuta, destemida e tinha o dom da profecia e da música. Ela lembrou seus compatriotas nas montanhas da história da libertação do Egito, a passagem pelo Sinai, e profetizou dias melhores por vir. Como juíza, ela administrou a justiça e aconselhou-os. Sua reputação era sólida e confiável. Com a ajuda de Baraque, ela organizou um pequeno exército permanente entre o povo, treinou e inspirou o chefe desse exército, Baraque, e deu-lhe instruções sobre como apresentar a batalha a Sísera, o general do exército de Jabim. Sua capacidade militar era evidente, sendo provada pelo fato de que Baraque exigiu que Débora o acompanhasse na batalha.

Dez mil homens de Naftali e Zebulom foram alistados e estacionados no Monte Tabor. Débora liderou destacamentos para tomar as passagens nas montanhas. Ela conhecia Jabim e sua arrogância, e sabia que entraria no Vale Quisom, um terreno extremamente perigoso para os carros de ferro, pois era a estação das chuvas.

Tudo aconteceu como ela havia previsto. Baraque estava esperando na encosta do Tabor. Os outros estavam bloqueando as passagens para a região norte. Baraque desceu a montanha com seus homens. Sísera estava no Vale Quisom. Deus enviou uma tempestade de trovões e relâmpagos que perturbou com-

pletamente as fileiras de Jabim. Os anfitriões de Baraque correram para o exército de Jabim em desordem, e as brigas foram arrastadas ou atoladas na turbulenta Quisom. A derrota de Sísera foi completa. Ele mesmo morreu em sua fuga pelas mãos de uma mulher, enquanto descansava exausto em uma tenda. Deus realizou uma grande vitória por meio de uma mulher. Baraque contribuiu para isso, mas o elogio não caiu sobre ele. Débora era poderosa porque foi movida pelo Espírito do Senhor. D'Ele, ela recebeu sua inspiração e o fogo de seu coração. Seu heroísmo contagiou todos naquele dia. Ainda hoje Deus escolhe mulheres e implanta nelas o temor de Seu nome. Ele as chama de "mães de Israel". A inspiração irradia delas e desperta os que dormem, para que a luz de Cristo os ilumine.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Podemos supor, pelo fato de o pecado não ser mencionado nessa narrativa, que Débora não os tinha?

2. Qual a característica mais admirável em Débora?

3. Deus usaria Débora hoje como juíza de Israel?

Diná

"E saiu Diná, filha de Lia, que esta dera a Jacó, para ver as filhas da terra"
(Gênesis 34.1).

Leia: Gênesis 34.1-31.

Diná era uma garota sobre a qual existe uma longa história na Bíblia. Essa história é contada no capítulo 34 de Gênesis. Observe a avalanche de catástrofes que seguiram como uma cadeia a partir de um primeiro erro cometido pela menina. De maneira especial, destaca-se a traição de seus irmãos, que macularam a Aliança do Senhor atacando os habitantes de Siquém, quando sofriam a dor da circuncisão. A circuncisão era o sinal da Aliança. Por causa de Diná, toda uma cidade foi destruída, Simeão e Levi violaram a justiça porque levaram as mulheres e crianças daquela cidade como despojo. O resultado foi tal que Jacó considerou que "os habitantes da terra a consideram abominável", e teve que fugir de Betel. Além disso, ela era culpada de Simeão e Levi receberem uma maldição ao invés de uma bênção quando Jacó morreu.

Ela foi criada em um lar que hoje chamaríamos de cristão, mas estava curiosa para ver como era o mundo e queria fazer contato com a sociedade. As tendas de seu pai ficavam

perto de Siquém. Jacó não havia feito contato com a pequena cidade. Mesmo assim, Diná queria ir para a cidade e olhar para as garotas, e talvez até se associar a elas. Um dia, quando seus irmãos estavam com o gado, ela saiu da terra de seu pai e foi "ver as filhas do país".

Diná sabia muito bem que estava colocando-se em sério perigo. Eu teria ouvido a história que duas vezes sua bisavó e uma vez sua avó tinham sido praticamente sequestradas por príncipes locais. E ela saiu sozinha, nessa idade! Não havia necessidade de se preocupar! Ela encontraria uma maneira de tudo correr bem.

Mas não foi assim. Assim que Diná entrou na cidade e puxou conversa com alguns transeuntes, o príncipe, filho do rei Hamor, que também se chamava Siquém, como a cidade, convidou-a para ir ao seu palácio. A história não nos diz se Diná consentiu ou resistiu às lisonjas de Siquém. Sabemos apenas que ele "dormiu com ela e a desonrou".

Então, somos informados de que a alma de Siquém se apegou a ela e se apaixonou pela jovem. Ele pediu a seu pai que a desse a ele como esposa.

O desejo de Diná por coisas mundanas trouxe-a para Siquém e lá ela perdeu sua virgindade. Sabemos que permaneceu no palácio e possivelmente teria persistido em servir ao mundo, mas não foi esse o curso que as coisas seguiram.

Sabemos que, uma vez que os Siquemitas foram mortos à espada, Simeão e Levi saquearam a cidade, tomaram suas riquezas e levaram as crianças e mulheres cativas. Aparentemente, isso não perturbou nem um pouco as suas consciências.

Diante da repreensão do pai por seu comportamento, eles responderam: *"Devia ele tratar a nossa irmã como a uma prostituta?"* (Gênesis 34.31). A julgar pelo fato, não nos esqueçamos que foi essa irmã que deu origem a tudo o que aconteceu.

Diná não esteve sozinha. Hoje também há filhas que se cansam de morar nas tendas do Senhor. Elas querem ver um pouco do mundo, querem se associar com outras pessoas e falar com inteligência sobre o que viram. Pensam que isso não é pedir muito: é apenas um leve contato com o mundo.

Embora não seja de se esperar que o resultado desse desejo também seja estupro e assassinato, a sua realização põe em risco a religião do lar, e isso pode implicar na morte moral da alma. Nada disso faz sentido para o mundo, naturalmente, mas isso é uma degradação séria para a Igreja de Deus.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Quais são os resultados do pecado de Diná?

2. O que essa meditação nos ensina sobre nos misturarmos com o mundo?

3. É possível dizer que as ações de Simeão e Levi são justificadas?

Ester

"Este criara a Hadassa (que é Ester, filha de seu tio), porque não tinha pai nem mãe; e era jovem bela de presença e formosa; e, morrendo seu pai e sua mãe, Mardoqueu a tomara por sua filha"

(Ester 2.7).

Leia: Ester 2.

Ester é a última mulher no Antigo Testamento de quem sabemos o suficiente para abordá-la. Encontramos pontos louváveis em seu caráter e conduta, mas também outros que são menos louváveis.

Digamos primeiro que, como diz o versículo, ela era muito bonita. Tinha que ser, pois o rei Assuero ordenou que seu império fosse rastreado e revistado para encontrar as mulheres mais bonitas, e que essas fossem trazidas para Susa. Entre tantas belezas, Ester era considerada superior. Assuero foi cativado por ela e a escolheu para substituir a rainha Vasti.

Como qualidades de caráter, encontramos duas que são agradáveis. Primeiro, a sua afeição por Mardoqueu, seu pai adotivo; e segundo, a sua determinação e coragem para se opor a Hamã. Há muitas pessoas que, ao emergirem das trevas para posições de autoridade e favorecimento, não se lembram mais, ou

fingem não se lembrar das pessoas que conheceram antes, mesmo seus pais e parentes. Não podemos dizer isso sobre Ester.

Seu valor é indiscutível. Ela arriscou a vida ao comparecer a Assuero sem ser chamada: "Se eu morrer, deixe-me morrer". Isso ainda ressoa como uma demonstração de sua coragem. Suas ações foram decisivas, realizadas com muito tato, ela era uma pessoa de caráter.

Entre os traços menos louváveis está a impressão de sua conduta, de que ele hesitou muito antes de decidir apresentar-se ao rei. Mardoqueu teve de usar uma linguagem bastante enérgica para convencê-la: *"Não imagines no teu íntimo que, por estares na casa do rei, escaparás só tu entre todos os judeus"* (Ester 4.13). E ela ficou especialmente comovida com outra parte da mensagem: *"E quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?"* (Ester 4.14).

Também pode ser feita menção ao fato de ela ter aceitado a proposta de Assuero de torná-la rainha com evidente alegria. Vasti não havia sido deposta por uma causa legítima e, embora se possa discutir com Assuero suas ações (seria ridículo pensar que ele pudesse ter encarado esse ato), não há dúvida de que uma filha de Abraão se casando com um potentado pagão era uma violação flagrante das ordens de Deus. Em outras palavras, se sua consciência a tivesse acusado de um ato repreensível, ela poderia ter tentado não causar uma impressão tão boa no rei.

É também repreensível que ela se tenha deixado levar pelo desejo de vingança, isto é, que, quando obteve o decreto que permitia aos judeus matar quinhentos homens em Susa que se opunham a eles — entre eles os dez filhos de Hamã (além do próprio) —, ela não o tenha considerado suficiente.

Ela ainda pediu ao rei mais um dia de vingança, e trezentos homens morreram nesse novo massacre, além de enforcar os dez filhos de Hamã. Isso é repreensível.

Os planos de Hamã eram para a eliminação de todo o povo judeu, inclusive Ester, mas Ester não demonstrou misericórdia. Temos que ir ao Novo Testamento para encontrar figuras doces como Maria, a mãe de Jesus, ou Maria de Betânia. Ester também contribuiu de sua própria maneira para a redenção de seu povo. Foi necessário que a cruz fosse erguida no Gólgota para que todas essas matanças cessassem, e para que a paz e o amor dominassem os corações.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Quais são algumas das boas qualidades de Ester?

2. Por que a impressão de Ester sobre nós não pode ser inteiramente favorável, apesar dessas boas qualidades?

3. Esther estava certa em se vingar após alcançar seu propósito?

Eva, a mãe de todos

"Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão"
(1Timóteo 2.13-14).

Leia: 1 Timóteo 2.9-15.

Eva significa "mãe da vida", ou seja, "mãe de todos os que têm vida". Eva personifica tudo o que é feminino na raça humana. Nela está oculta, como em um grão ou semente, toda a graça e independência de uma mulher, sua suscetibilidade a Satanás, mas também sua suscetibilidade à fé. Adão personificava tudo o que era masculino e, em geral, o humano. O mundo hoje zomba da "costela de Adão", mas, graças a esse relato aparentemente absurdo, o crente mais simples da Igreja de Deus entende muito melhor a relação entre homens e mulheres do que o filósofo mais profundo, que medita com base em seus preconceitos.

Eva foi criada a partir de Adão. Ele deve ser considerado a origem e o pano de fundo em que ela apareceu, mas isso não significa que Adão a fez. Embora ela viesse dele, foi Deus quem a criou. Por isso também ela existia no pensamento de Deus antes de aparecer na terra. Deus viu isso, e porque Ele a viu, criou-a. Eva é o produto dessa criação divina.

Eva nunca foi menina, nem filha, nem jovem. No momento da criação, ela estava com Adão no Paraíso, resplandecente e em plena maturidade feminina. Ela era uma mulher completa, cujas perfeições não eram devidas à cultura ou tradição, mas eram o produto da criação divina. A mulher, portanto, não tem motivos para reclamar que não é homem, porque ela, como ele, é o resultado da atividade divina. O pensamento de Deus se expressa em seu ser feminino. É verdade que Adão existiu primeiro, ele era a cabeça e a raiz da qual ela procedia, mas Adão não era viável sem ela. Ele precisava dela, e ela era a ajuda que ele precisava. Deus a criou como uma ajuda para ele. Na verdade, a ajuda e o apoio devem ser mútuos.

Satanás viu imediatamente que Adão poderia ser mais facilmente seduzido por meio de Eva. Satanás reconheceu sua bondade e graça, mas também sua fragilidade natural. Ela percebeu que poderia ser tentada. *"E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão"* (1Timóteo 2.14), diz o apóstolo Paulo. A mulher representa a graça humana em alto grau. O belo na natureza a instiga mais do que um homem. Sua sensibilidade é mais viva e impressionável por causa do concreto e do atraente. Ela não é instintivamente menos sagrada ou mais pecaminosa, mas ela era mais suscetível à tentação por ser constitutivamente menos adaptada para oferecer resistência do que ele. Ela não transgrediu sozinha, e sim arrastou Adão com ela para o pecado. Em vez de perdê-la para Satanás, Adão se permitiu ser atraído por ele por causa de Eva. A transgressão de Eva consiste essencialmente no "pecado de fazer Adão pecar".

Por causa do pecado, a felicidade de Eva durou pouco. Ela escorregou no primeiro passo. Adão não estendeu a mão para protegê-la, mas se permitiu ser arrastado com ela; agora eles tinham, pois, que deixar o magnífico Paraíso para entrar em um mundo de cardos e abrolhos. A angústia que precede o parto a afetou gravemente. Ela perdeu a autoconfiança que Deus lhe dera. Agora estava sujeito ao domínio de outro.

Não sabemos quanto tempo Eva viveu, mas é provável que ela tenha vivido centenas de anos. Seus dias devem ter sido tediosos e exaustivos, ocasionalmente cheios de dor. Foi glorioso por um tempo, quando ela viveu na beleza do Paraíso. Ser jogada em um mundo onde nada havia sido fornecido para as mulheres deve ter sido um contraste terrível. Eva foi removida de sua herança. Sua plenitude feminina foi completamente devastada.

Mesmo assim, no fundo da alma dessa mulher, Deus semeou a semente da fé gloriosa e, por meio dela, novamente permitiu que um céu se erguesse diante dela. A semente dessa mulher tentada quebrou a cabeça do tentador. Eva concentrou toda a sua alma nessa promessa. De fato, quando Caim nasceu dela, ela presumiu que esse filho já era a semente prometida e exclamou: *"Alcancei do SENHOR um homem"* (Gênesis 4.1). Pobre Eva! A decepção que sucedeu essa esperança, quando depois de anos a terra absorveu o sangue de Abel, deve ter sido muito amarga.

No entanto, após séculos, os anjos de Deus reconheceram a semente dessa mulher no Filho de Maria. O Filho de Maria também era filho de Eva. Nosso privilégio é poder reconhecer esse Menino de Belém em seu berço.

Então, talvez relutante, mas com uma esperança clara de que possamos nos lembrar de Eva — pensando nela, no Menino e em nós — podemos dizer que ela é a "Mãe de todos".

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. O que significa o nome Eva?

2. Eva pecou primeiro. Por que, então, o mundo foi perdido por causa do pecado de Adão?

3. Como estudar a vida de Eva fortalece nossa fé?

Hulda

"Então foi o sacerdote Hilquias, e Aicão, Acbor, Safã e Asaías à profetisa Hulda, mulher de Salum, filho de Ticvá, o filho de Harás, o guarda das vestiduras (e ela habitava em Jerusalém, na segunda parte), e lhe falaram"
(2Reis 22.14).

Leia: 2Reis 22.14-20; 2Crônicas 34.21-33.

Vimos várias mulheres ocupando posições eminentes na história de Israel. Até o trono de Judá foi ocupado por uma rainha por vários anos: Atalia. Não vimos nenhuma mulher chamada profetisa, exceto Débora, que ascendeu ao posto militar em uma época em que os homens pareciam ter perdido o vigor, servindo-lhes de inspiração. Nessa época de turbulência em Israel e Judá, vemos duas mulheres assumindo posições-chave nos assuntos do estado: Jeosabate, preservando a linhagem real em ações ousadas, quando os homens não mostraram seus rostos; e Hulda, que deu testemunho do nome de Jeová.

Na adoração de Israel, apenas os homens podiam ser sacerdotes. Até mesmo o cordeiro sacrificial tinha que ser macho, não fêmea. No mundo pagão, as mulheres ocuparam lugares de destaque nos círculos religiosos, videntes, adivinhos e sibilas. O oráculo em Delfos e na Pítia estava a cargo de uma mulher. A mulher tem uma imaginação poderosa e sensibilidade, tem uma intuição maior do que o homem e parece que ela pode receber enleio

e êxtase tão facilmente, ou mais facilmente, do que os homens. Na história do povo judeu, existem muito poucas mulheres que se destacam como profetisas. Vemos uma no reino de Josias.

Os esforços de Hulda parecem ter sido abençoados. Ezequias finalmente reagiu contra a dissolução moral e espiritual que se seguiu a Atalia, mas essa reação já havia desaparecido sob Manassés, e o clima moral era terrível. Em sua morte, a reforma foi necessária.

Surge então a figura de Josias, com um longo e belo reinado, provavelmente inspirado em Jedida, mas especialmente da profetisa Hulda, que encorajou o rei a reformar as condições pagãs do estado. Hulda era uma camponesa comum, casada com Salum, de quem não sabemos mais nada. Apesar da origem humilde de Hulda, ela tinha uma grande reputação, pois o rei enviou o sumo sacerdote e outros ministros para perguntarem a ela qual era a vontade de Deus. E o relato nos diz que, graças à sua profecia, Josias foi induzido a renovar seu pacto com Jeová.

Ainda hoje existem Huldas, mulheres que se tornaram líderes de causas que pareciam completamente perdidas. Em nossos dias de decadência da igreja, precisamos de novas Huldas para fazerem o mesmo trabalho magnífico.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Por que as mulheres, incluindo Hulda, ganharam destaque em certos casos em Israel?

2. De que forma Hulda serviu?

3. De que forma ela é um exemplo para nós?

Jael

"Bendita seja entre as mulheres, Jael, mulher de Héber, o queneu; bendita seja entre as mulheres nas tendas"
(Juízes 5.24).

Leia: Juízes 4.17-24; 5:24-31.

Jael nos lembra Judite de Betulia, que cravou uma espada no pescoço de Olofernes enquanto ele dormia.

Jael era a esposa de Héber, o queneu. Os queneus não eram verdadeiros israelitas, mas descendentes da esposa de Moisés. Por serem nômades, viviam em tendas. Nos dias de Débora, eles acamparam ao pé do Monte Tabor, em tendas situadas perto do lugar onde Baraque e Débora destruíram o exército de Jabim com seus novecentos carros de ferro. Jabim havia permitido que os quenitas se instalassem em seu território porque esperava que eles se tornassem aliados contra os israelitas, mas Jabim estava errado, porque os quenitas se aliaram a Israel.

Jael também era visto como um aliado de Israel. Ela se alegrou quando soube que Baraque havia derrotado Sísera e coletou para si a honra que Baraque teria desejado para si mesmo. Com as próprias mãos, como um julgamento de Deus, Sísera, o cruel opressor de Israel, foi pregado no chão com uma

estaca que atravessou suas têmporas. Lemos que Débora já havia dito a Baraque: *"Não será tua a honra da jornada que empreenderes; pois à mão de uma mulher o Senhor venderá a Sísera"* (Juízes 4.9). Por isso, Débora, no seu cântico, canta louvores a Jael: "*Bendita seja entre as mulheres, Jael, mulher de Héber, o queneu; bendita seja entre as mulheres nas tendas"* (Juízes 5.24).

Digamos de passagem que os comentaristas concordam que Jael matou Sísera não por impulso pessoal, mas porque seu zelo por Jeová a moveu. Isso não significa que sua ação possa ser comparada à de Davi ao matar Golias, visto que ele o fez mostrando o rosto. Deus ajudou Davi. Jael não podia confiar em Deus da mesma forma. Embora ela se sentisse compelida a eliminar um inimigo reconhecido de Deus e Seu povo, ela não tinha fé de que Deus a ajudaria e por isso fez um ataque traiçoeiro a Sísera.

O relato dos juízes nos conta que, após ter falado com ele para oferecer segurança em sua morada, ela o cobriu com uma manta, deu-lhe leite para beber e concordou em vigiar a porta para enganar quem quisesse perguntar sobre Sísera. Em vez disso, ela pegou uma estaca da tenda e, com uma marreta, se aproximou silenciosamente de Sísera, cravou a estaca em suas têmporas e o prendeu no chão.

Jael matou Sísera como um assassino mataria sua vítima, não como uma campeã do Senhor destruiria os inimigos. É bom ser zeloso de Deus, mas não é possível elogiar os meios usados por Jael.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Como Jael se relacionava com o povo de Israel?

2. Podemos considerar o ato de Jael nobre?

3. Se você estivesse no lugar de Jael, teria ido ao extremo de matar esse rei?

4. A fama de Jael entre o povo de Israel perdurou como resultado desse fato?

Jezabel

"Porém ninguém fora como Acabe, que se vendera para fazer o que era mau aos olhos do Senhor; porque Jezabel, sua mulher, o incitava"
(1Reis 21.25).

Leia: 1Reis 21.

Aos olhos de Jesus, Sidon e Tiro foram equiparados a Sodoma e Gomorra. Eram cidades dedicadas ao comércio, ricas e prósperas, centros de vício e impiedade. Jezabel veio de Sidon, ela era uma princesa, filha do rei de Sidon. Já dá para entender a reação dela, acostumada a uma vida licenciosa e refinada, ao se mudar para um ambiente rural, Jezreel, região onde a vida era simples e austera em comparação ao lugar de onde ela viera, lugar que se esforçava para viver no serviço de Jeová.

A religião judaica não era pura. Jeroboão havia reorganizado o serviço do bezerro de ouro, mas também havia a adoração de Jeová. Samaria era intolerável para Jezabel. Portanto, vendo que Acabe, seu marido, era um homem sem caráter ou vontade, ela decidiu resolver o problema por conta própria. Lentamente, ela substituiu a adoração de Jeová pela adoração de Baal, suprimiu o primeiro simplesmente eliminando os profetas e, com isso, começou a luta de morte entre Elias e Jezabel. Jezabel foi quem instigou o mal que Acabe permitiu.

Templos para Baal apareciam em todos os lugares, com sacerdotes vestidos com trajes bonitos. Banquetes e festividades eram realizados, e o povo acompanhava avidamente todas essas atividades. Enquanto isso, a adoração de Jeová foi praticamente suprimida. Os profetas eram assassinados. Elias teve que fugir e não acreditava que houvesse algum homem em Israel que não tivesse dobrado os joelhos diante de Baal, exceto ele mesmo.

A luta inexorável de Elias contra Jezabel, que culminou no milagre do Carmelo, é bem conhecida e não nos afeta agora, mas, se pudermos dizer mais algumas palavras sobre Jezabel: ela era uma mulher sem consciência e sem coração. Sua arrogância e sensualidade não conheciam limites: elas haviam silenciado a voz de sua consciência. Ela perseguiu sistematicamente os profetas de Jeová até a morte, condenou Nabote à morte para se apoderar de sua vinha, com falsas acusações, e quando Acabe foi mortalmente ferido por uma flecha e Jeú foi a Jezreel, ela se empoleirou indiferentemente na janela (2Reis 9.30) com ar sedutor. Jeú ordenou que ela fosse jogada pela janela.

Jezabel nos parece uma mulher repulsiva. Todo o seu requinte serviu apenas para fazê-la se comportar de modo mais brutal, afundando mais profundamente no pecado. Até o ímpio Acabe ficava admirado com a maldade de Jezabel. O julgamento eterno que recairá sobre ela será pior que o que ela recebeu na terra: defenestrada, pisoteada por cavalos e comida por cães. Quando tentaram enterrá-la, encontraram apenas os ossos do crânio, os pés e as palmas das mãos.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Em que ambiente Jezabel cresceu?

2. Que planos ela fez e executou?

3. A vida de Jezabel afetou o curso da história de Israel?

Joquebede

"Pela fé Moisés, já nascido, foi escondido três meses por seus pais, porque viram que era um menino formoso; e não temeram o mandamento do rei"

(Hebreus 11.23).

Leia: Êxodo 2.1-10; 6.20.

Joquebede foi incluída em Hebreus 11 entre "a grande nuvem de testemunhas" cujas vidas e atividades deram testemunho de sua fé. Ela era da tribo de Levi. De Êxodo 6.20, deduzimos que ela seria mais velha que seu marido Anrão, visto que era sua tia. Esse casamento foi mais tarde proibido, mas, durante o período de turbulência no Egito, foi permitido.

Nessa época, o Faraó ordenou aos hebreus que lançassem crianças do sexo masculino recém-nascidas no Nilo. Joquebede teve pelo menos dois filhos: uma menina, Miriã ou Maria, já crescida nessa época; e Arão, um menino de três anos. Ela está na berlinda e talvez tenha orado para não engravidar novamente, a fim de evitar uma tragédia, mas, com o filho a caminho, talvez desejasse que fosse outra menina. Se fosse menino, não seria possível resistir à ordem de matá-lo. Não é difícil imaginar a luta interna no coração de Joquebede durante esses meses de gravidez. E, quando ela finalmente deu à luz, a resposta é: "Sim, é um menino". Contudo, a dor

materna transformou Joquebede em heroína, ela decidiu lutar pelo filho, decisão essa que foi tomada ao ver que a criança "era linda" (Êxodo 2.3, Atos 7.20 e Hebreus 11.23). Que mãe não considera o filho lindo!? Mas Atos 7.20 acrescenta algumas palavras que nos dão mais luz: "Belo aos olhos de Deus". Joquebede captou essa beleza, algo de outro mundo, celestial, brilhando nas feições da criança. Joquebede pensaria que esse pequeno ser que descansava em seu colo havia sido enviado diretamente por Deus. Foi uma intuição que desvendou o propósito divino. A fé misturou-se com o amor e, em posse de ambos, ela decidiu que precisava salvar a criança a todo custo.

Não sabemos como ela conseguiu esconder o menino Moisés durante seus primeiros três meses. A imaginação de uma mãe faz maravilhas. Mas logo chegou o momento em que o menino, robusto e saudável, teria chamado a atenção de alguém com seus choros e gritos. *"Não podendo, porém, mais escondê-lo, tomou uma arca de juncos, e a revestiu com barro e betume; e, pondo nela o menino, a pôs nos juncos à margem do rio"* (Êxodo 2.3). Maria ficou a uma curta distância observando. O resto todo mundo sabe. O maravilhoso resgate ocorreu. "Mãe, mãe!" Ela corria loucamente para casa. "Uma senhora muito importante quer que você crie Moisés."

Palavras não podem descrever a dor e angústia que algumas mães sofrem por seus filhos. As dores do parto, ver a criança doente no berço com o rosto a arder de febre, a angústia do futuro incerto que se abate sobre elas e, sobretudo, saber que trouxeram ao mundo um ser com alma e que têm de dar conta desses filhos a Deus pela maneira como elas os criaram. Mas que alegria poder ouvir o que se disse a respeito de Joquebede: "Sua fé salvou o menino".

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Qual é a característica mais marcante da vida de Joquebede?

2. Qual foi a recompensa pela sua fé?

3. O que podemos aprender com sua vida que fortalece nossa fé?

Jeosabate

"Mas Jeoseba, filha do rei Jorão, irmã de Acazias, tomou a Joás, filho de Acazias, furtando-o dentre os filhos do rei, aos quais matavam, e o pôs, a ele e à sua ama na recâmara, e o escondeu de Atalia, e assim não o mataram" **(2Reis 11.2).**

Leia: 2Reis 11.

Na narrativa que fizemos sobre Atalia, vimos como ela tentou exterminar todos os descendentes reais da casa de Davi e conseguiu eliminar todos os descendentes masculinos de Jorão, exceto um neto. Este foi salvo graças à intervenção de Jeosabate.

Como vemos no versículo anterior, Jeosabate, irmã de Acazias, salvou Joás, seu sobrinho, enquanto matavam seus irmãos e, levando-o, ela o escondeu em um dos quartos de sua residência. Jeosabate era esposa do sumo sacerdote Jeoiada e, portanto, residia no templo. O poder real não tinha a prerrogativa de investigar o templo e a criança estava segura; além do fato de que isso foi realizado sem que Atalia percebesse.

Satanás usou Atalia para ver a eliminação de todos os descendentes de Davi, se possível. Se o fizesse, teria colocado sérias dificuldades no cumprimento da profecia de que o futuro Messias viria do tronco de Davi, mas Deus frustrou os planos de Atalia.

Jeosabate era uma mulher simples, cheia de fé. Embora fosse a filha do rei, tinha se casado com Joiada, um descendente da tribo de Levi. Não sabemos os detalhes da permanência de Joás sob Jeosabate, mas devemos assumir que a ama de Joás também foi temente a Deus. Já vimos que Joás foi proclamado rei seis anos depois.

Jeosabate é uma figura lembrada com carinho pela Igreja do Novo Testamento. Ela não estava interessada na vida pródiga da corte, embora fosse irmã do rei, e por isso se casou com um sacerdote e viveu semirreclusa no templo. Ela provavelmente era uma mulher de grande calma interior, mas com uma mente clara, que sabia como agir quando os homens estavam indecisos. Ela se encarregou da gravidade da situação e arriscou-se ao perigo de que Attalia ouvisse o que ela havia feito. Ainda assim, não hesitou em seu ato heroico.

Sua coragem se espalhou até o marido que, seis anos depois, foi quem tomou a iniciativa e foi o braço executor da sentença de Deus sobre Atalia.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. De que forma a vinda do Redentor da descendência foi ameaçada?

2. Como Jeosabate salvou o jovem príncipe?

3. A coragem dela influenciou as ações do marido mais tarde?

Judite e Basemate

"E estas foram para Isaque e Rebeca uma amargura de espírito"
(Gênesis 26.35).

Leia: Gênesis 26.34-35.

Esaú também escolheu duas esposas para si. Eram Judite e Basemate, duas donzelas dos hititas que vinham de famílias cananeias e estavam acostumadas às idolatrias com as quais os habitantes originais de Canaã provocavam o Senhor. O casamento de Esaú, portanto, representa uma quebra de um princípio da fé. Esaú sabia muito bem que esses casamentos iam contra a vocação que seu povo havia recebido ao partir de Ur dos Caldeus para Canaã.

Abraão partiu com sua família de Ur para evitar a idolatria da Mesopotâmia, e eles foram enviados para Canaã, onde a idolatria atingiu proporções muito mais escandalosas. Os habitantes dessa bela terra careciam de qualquer vestígio de temor a Deus. Foi algo degradante e profanador contra a confiança que Deus depositou na família de Abraão o fato de Esaú tomar esposas dessas famílias amaldiçoadas. Era inevitável que ele mesmo se contaminasse e, de fato, isso fez com que a idolatria penetrasse na sagrada família.

Judite e Basemate têm, portanto, uma má reputação nas Escrituras por serem exemplos do tipo de mulher que o filho de uma família temente a Deus não pode receber como esposa. É claro que não nos é dito nada sobre essas duas mulheres pessoalmente, exceto a sua origem e que esse casamento de Esaú foi uma causa de "amargura de espírito" para seus pais. É possível que fossem duas mulheres atraentes e razoáveis. Não há razão para acreditarmos que Esaú escolheria mulheres indesejáveis. Devemos acreditar que a dor que se abateu sobre Isaque e Rebeca veio de suas crenças idólatras e do estilo de vida pecaminoso que isso implicava.

Isaque e Rebeca estavam perpetuando as tradições de Abraão e Sara em sua casa. Eles viveram uma vida tranquila e piedosa. Agora, em sua velhice, apareceram essas duas mulheres que não tinham o temor de Deus em seus corações, mas tendências sensuais e pagãs, o que hoje chamamos de mundanismo, que se chocavam com a piedade dos pais. Por isso, eles passaram seus últimos anos em amargura.

Esse relato foi incluído nas Sagradas Escrituras para o benefício da Igreja de Deus. Muitas vezes, a Igreja vê os jovens cristãos permanecendo presos nas redes de mulheres mundanas, que não conhecem a Deus nem ao Salvador e que queimam incenso para os ídolos do mundo. Esses casamentos muitas vezes acabam sendo uma tristeza para os pais, pois a influência deles diminui ao passo que a dessas mulheres infiéis acaba ditando o tom para a nova família. O nome e a cruz de Cristo são profanados por seu modo de vida. É raro que o temor do Santo Nome seja perpetuado nas crianças.

Esaú, com suas esposas Judite e Basemate, portanto, é como uma luz vermelha, indicando perigo para a família de cada cristão. O mal pernicioso que resulta desses casamentos deve ser evitado na comunidade do Povo de Deus. Pais piedosos erram quando se recusam a apagar o fogo cedo em casa. Quando abandonam seus filhos a todos os tipos de associações pecaminosas, a tentativa de adverti-los não funciona mais. É impossível neutralizar as más influências quando os resultados estão em andamento. Os pais tentam arrancar o joio, mas não impedem que seja semeado: a essa altura, costuma ser tarde. Desde a infância até a maturidade, a semente da Igreja de Deus deve ser mantida no temor do Senhor e deve permanecer desligada da associação com influências idólatras.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. O que podemos aprender com essa meditação sobre o casamento fora dos círculos cristãos?

2. A poligamia permitia que Esaú tivesse duas esposas?

3. Rebeca encontrou consolo e satisfação na companhia de suas duas noras?

A camponesa do Baurim

"E tomou a mulher a tampa, e a estendeu sobre a boca do poço, e espalhou grão descascado sobre ela; assim nada se soube"

(2Samuel 17.19).

Leia: 2Samuel 17.18-21.

Em um momento crucial, uma camponesa de Baurim, uma vila perto de Jerusalém, foi fundamental para salvar a vida de Davi, seu exército e seu reino.

Absalão se rebelou contra seu pai. Davi foi forçado a fugir de seu próprio filho. Aitofel estava pronto para destruir Davi e tinha um exército de 12 mil homens prontos para atacá-lo. Se o conselho de Aitofel, que era extremamente astuto, tivesse sido seguido, Davi não teria conseguido escapar.

Mas Davi havia enviado Husai ao acampamento de Absalão. Ele também tinha dois amigos fiéis na fonte Rogel. Husai conseguiu frustrar o conselho de Aitofel e fazer outros planos que pareciam melhores a Absalão do que os de Aitofel. Absalão decidiu, então, segui-los.

Enquanto isso, Husai, por intermédio de dois sacerdotes, conseguiu levar uma mensagem a seus amigos Davi, Jônatas e Ahimas, que estavam em Rogel. A mensagem foi

levada por uma empregada. Contudo, um jovem partidário de Absalão viu os dois mensageiros escondidos e, desconfiado, foi dar a notícia a Absalão, que imediatamente mandou gente para procurá-los.

Tudo dependia, então, de Jônatas e Ahimas darem a notícia a Davi. Além disso, sua própria vida estava em perigo. Então, os dois correram em busca de um esconderijo e chegaram a Baurim. E, em uma das casas desse povoado, a mulher escondeu-os em um poço vazio e, para maior segurança, estendeu uma manta e colocou grãos por cima como se estivesse a secar ao sol. Quando o destacamento de Absalão chegou e perguntou sobre os fugitivos, a mulher disse-lhes que já haviam passado pelo vau das águas. Naturalmente, eles não puderam encontrá-los e tiveram que voltar para Jerusalém.

Deus guiou os passos de Jônatas e Ahimas até o pátio dessa mulher que, sem dúvida, arriscou sua vida para defender a vida de Davi. Podemos imaginar a emoção da mulher enquanto tentava escondê-los e o medo de que descobrissem a sua manobra.

Houve várias pessoas anônimas dispostas a expor suas vidas por Davi. Essa mulher sem dúvida orou por Davi durante seu exílio. Deus a escolheu para enviar Absalão a um beco sem saída para salvar a vida do rei.

Em momentos graves, a Salvação nem sempre vem das mãos dos poderosos. Uma simples mulher foi capaz de salvar toda a causa de Davi e de seu reinado.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Como Deus salvou a causa de Davi?

2. Deus usa pessoas simples para alcançar Seus objetivos?

3. Mentiras podem ser justificadas?

Esposa de Manoá

"E havia um homem de Zorá, da tribo de Dã, cujo nome era Manoá; e sua mulher, sendo estéril, não tinha filhos" **(Juízes 13.2).**

Leia: Juízes 13.

A esposa de Manoá é outra mulher do período dos Juízes que nos chama a atenção. Como Sara e Ana, ela era estéril. Todas as três receberam um anúncio especial do Senhor, que transformou a tristeza delas em alegria e felicidade. Isaque, Sansão e Samuel devem seu nascimento ao severo conflito de fé em que suas mães foram protagonistas.

A mãe de Sansão era casada com Manoá, um homem da tribo de Dã. Ele morava em Zorá. O casal vivia em abundância, pois seus estábulos estavam cheios de gado, mas eles não tiveram a alegria de ter um filho.

Certo dia, quando estava no campo, a esposa recebeu uma mensagem de um anjo que apareceu a ela. Sua aparência era "terrivelmente terrível", como ela mesma disse mais tarde ao marido. O mensageiro estava bem ciente de sua situação, anunciou o nascimento de um filho e deu-lhe instruções sobre o que evitar até o nascimento do filho.

Tudo isso a esposa comunicou ao marido quando voltaram para casa. Disse-lhe que não ousara perguntar ao men-

sageiro quem ele era. Manoá, espantado, supôs que deveria ser um anjo do Senhor. Ele caiu de joelhos e pediu a Deus que permitisse que ele visse o anjo.

Sua oração foi atendida. A mulher voltou para o campo e a forma brilhante reapareceu. Dessa vez, ela correu para casa e contou ao marido que, por sua vez, foi ao local da aparição com a esposa. "Você é o homem que falou com essa mulher?" Perguntou Manoá. E ele disse: "Eu sou". Manoá se ofereceu para hospedá-lo, mas o anjo recusou: "Não me impeça. Ofereça seu holocausto a Jeová".

Manoá sabia que ele era um anjo e perguntou-lhe qual era o seu nome. A resposta foi que o nome era "admirável". Manoá ofereceu um bode a Jeová sobre uma rocha como oferta, e o anjo desapareceu na chama que subia do altar ao céu diante dos olhos de Manoá e de sua esposa, que caiu por terra.

A visão desapareceu, mas não as palavras que o anjo havia falado. Pouco depois, a mulher ficou grávida e, no devido tempo, Sansão nasceu. Sansão foi um grande libertador de Israel, cujo nome aterrorizou os filisteus.

O Senhor ouviu o clamor de seu povo. Todas as tribos reclamaram e murmuraram. Eles balançaram a cabeça porque não havia libertador. E, como sempre, ao ouvir essas reclamações, Deus já providenciou a redenção. Sansão veio ao mundo, nascido de uma mãe estéril por muitos anos, para mostrar a providência do Senhor de um modo mais óbvio. Nessa história, Deus nos mostra que o futuro do filho está sendo preparado pelos conflitos espirituais e físicos da mãe. Sansão deveria ser um herói de fé e, portanto, sua mãe foi a primeira a ter que lutar em um conflito de fé. Sansão deveria ser um nazireu de

Deus; então, ela teve que se abster de beber vinho durante o período de gravidez. Isso mostrou que, mesmo antes do nascimento, a alma e o corpo da mãe podem causar uma impressão permanente no corpo e na alma da criança.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Por que Deus escolheu suprir seu povo de profetas e libertadores com mulheres que há muito eram estéreis?

2. Você acredita que a esposa de Manoá era crente?

3. O que significa o termo nazireu?

Filha do faraó

"E a filha de Faraó desceu a lavar-se no rio, e as suas donzelas passeavam, pela margem do rio; e ela viu a arca no meio dos juncos, e enviou a sua criada, que a tomou"
(Êxodo 2.5).

Leia: Êxodo 2.5-10; Atos 7.20-22; Hebreus 11.23-28.

Havia muito poucos judeus no Egito, que viviam no distrito do palácio real. O rei os destinou, em sua maioria, à região de Gósen ou Pitom e Ramsés. Isso explica por que provavelmente não aconteceu, em nenhuma outra ocasião, que alguma família hebraica desesperada tenha recorrido a depositar uma criança no rio para ver como salvá-la. Em todo caso, para a filha de Faraó, deve ter sido uma visão surpreendente encontrar uma criança escondida entre juncos quando foi banhar-se no rio.

O que estamos interessados em enfatizar é que deveria haver um coração humano de verdade batendo no peito dessa princesa pagã. Havia, no fundo de tudo, apesar da pompa e formalidade de sua vida no ambiente real, o verdadeiro impulso que move as mães a abraçar o filho em seu seio.

A imaginação da princesa seria cativada pelo menino, rosado e quente, vivo, provavelmente chorando entre os juncos. A princesa sabia que seu pai ordenara que todos os filhos

homens dos hebreus morressem por afogamento. E por isso é muito provável que, em certa medida, ela tenha percebido que houve um engano nesse estranho acontecimento e que a criança com a qual pretendia ficar pertencia ao povo daqueles que morreram por ordem de seu próprio pai. Mas a princesa não considera a ameaça de ter que enfrentar o cenho franzido de seu pai, que poderia responsabilizá-la por seu ato. Ela dá rédea solta a seu impulso amoroso e maternal, e aceita a oferta de Miriã, fazendo ouvidos moucos às suspeitas acrescentadas quando a menina lhe diz que iria procurar "uma babá entre os hebreus para criar a criança".

A princesa concorda, e a ordem que dá é o selo de proteção da criança.

A "ama" tem ordens para devolver a criança após criada. E assim aconteceu. "Quando a criança cresceu, ela o trouxe para a filha de Faraó, que cuidou dele e o chamou Moisés".

Essa série de ações de uma princesa pagã pode causar constrangimento a mais de uma mãe cristã hoje. Quando a criança acaba de nascer, parece que o amor sai por todos os poros, enlouquecem de alegria, como dizem, mas, assim que começam as responsabilidades e o cuidado da criança, limita-se a sua liberdade de movimentos e começa o descuido e a negligência. Esse comportamento é indigno. Todo o afeto e ilusão iniciais são espuma e desaparecem quando a dura e amarga realidade chega.

Em comparação, o comportamento dessa princesa egípcia mostra sua grandeza. Ela era uma mulher pagã, mas sua conduta para com Moisés ilustra que ela estava acima do que esperamos dos pagãos. Para ela, o menino Moisés não era um objeto de ilu-

são e brincadeira, ela teve o cuidado de planejar o bem-estar dele sem contar os riscos pessoais envolvidos em sua decisão.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. O que podemos aprender com essa meditação sobre o cuidado e a criação de nossos filhos?

2. Por que foi necessário que Moisés tivesse essa educação específica para cumprir os planos de Deus?

3. Uma pessoa com um caráter diferente de Moisés poderia ter permanecido leal a seu Deus?

Filha de Jefté

"Vindo, pois, Jefté a Mizpá, à sua casa, eis que a sua filha lhe saiu ao encontro com adufes e com danças; e era ela a única filha; não tinha ele outro filho nem filha"
(Juízes 11.34).

Leia: Juízes 11.29, 34, 40; Hebreus 11.32.

Não podemos admitir que Jefté sacrificou a vida de sua filha para queimá-la como oferta a Jeová. Isso é inconcebível na estrutura da Lei mosaica e das leis tradicionais de Israel como nação. Jeová não era um Moloque para quem os pais sacrificavam seus filhos no altar. As evidências da própria história são abundantes, como nos diz a Bíblia, para podermos interpretar o sacrifício da filha como uma partida e renúncia de conhecer um homem, isto é, uma renúncia a se casar. Em outras palavras, por causa do voto de seu pai, Jefté, a filha, foi dedicada ao serviço do tabernáculo e lá passou o resto de seus dias, segregada de seus amigos e familiares.

Não temos o direito de impor o culto pagão de Ifigênia, da mitologia grega, a uma narrativa bíblica.

Jefté acabara de derrotar os amonitas e chegara ao auge de sua carreira como juiz de Israel. Em um momento infeliz, ele jurou que sacrificaria qualquer um que saísse pela porta, ao chegar vitorioso, para recebê-lo e parabenizá-lo. Essas pa-

lavras precipitadas fizeram com que ele fosse privado da companhia de sua filha para o resto de sua vida. Também vemos a filha como vítima do voto do pai.

O que mais choca nossa mentalidade moderna é que, sem esconder sua tristeza, ele aceita voluntariamente seu destino. A filha de Jefté não era uma jovem que poderia, em uma explosão de misticismo, decidir excluir-se do mundo e passar o resto de sua vida em uma cela. Ela era uma jovem alegre e animada, cheia de entusiasmo e energia. Ele reuniu as meninas de Mizpá, sabendo que seu pai está voltando, e saiu para saudá-lo com pandeiros e danças. Vemos nela um impulso para louvar a Deus pela vitória de seu pai.

A história nos sugere que ela havia atingido a idade em que as meninas costumavam se casar. Então, ela ainda não era uma mulher madura. Nós a encontramos na narrativa cheia de graça e apelo.

Mas as palavras de seu pai cairiam como um golpe em sua mente: *"Ah! filha minha, muito me abateste, e estás entre os que me turbam!"* (Juízes 11.35). Em seguida, comunica o voto que fez e o destino que consequentemente lhe correspondia. O próprio Jefté é o primeiro a sofrer o impacto da tragédia, pois essa era sua única descendente: ele não tinha outra filha ou filho.

Qual foi a reação de sua filha? É claro que ela não foi para a sua reclusão com alegria. Com calma, porém com sinceridade, ela lhe disse: *"Meu pai, tu deste a palavra ao Senhor, faze de mim conforme o que prometeste"* (Juízes 11.36). Ele só pediu uma graça: *"Concede-me isto: Deixa-me por dois meses que vá, e desça pelos montes, e chore a minha virgindade, eu e as minhas companheiras"* (Juízes 11.37).

Seu pai concedeu-lhe esse período de carência, e ela foi para as colinas próximas com suas amigas. Lá ela tentou se encontrar e se ajustar ao novo estilo de vida.

Ela gostaria de se casar e aproveitar a vida ao máximo, mas isso lhe foi negado. O curso de seus anos foi provavelmente ocupado com tarefas monótonas e rotineiras. Este foi o maior sacrifício que ela poderia fazer: o de sua vida pessoal, mas ela não reclamou, e aceitou sem ressentimento uma vida reclusa e resignada.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Você pensa que Jefté manteve seu voto a Deus?

2. Você pensa que, após Deus ter feito tanto por nós, temos que fazer votos como esse? Eles são para nós ou para outros?

3. O que Deus quer que aprendamos com essa história?

Esposa de Jeroboão

"Então a mulher de Jeroboão se levantou, e foi, e chegou a Tirza; chegando ela ao limiar da porta, morreu o menino" **(1Reis 14.17).**

Leia: 1Reis 14.1-17.

A lição que aprendemos com essa meditação é: até que ponto uma esposa deve ceder ao que seu marido pede a ela? Essa história nos dá uma resposta muito clara.

Jeroboão era o rei das dez tribos. Eles tiveram pelo menos dois filhos, Abias, de quem se diz "algo bom foi achado aos olhos de Jeová"; e Nadabe, seu sucessor, de quem a narrativa diz "feito o mal aos olhos de Jeová".

Em tempos de tribulação, não é incomum alguém que não perdeu todo o contato com Deus sentir o desejo de se achegar a Jeová. E Jeroboão e sua esposa, diante da doença da criança, sentiram esse desejo. O filho, Abias, estava gravemente doente. O rei estava ansioso para saber qual seria o resultado da doença, e não ousando ir pessoalmente consultar o profeta Aías, decidiu que seria melhor para ele que a esposa fosse, com o cuidado de se disfarçar, para não ser reconhecida.

A mulher se disfarçou e levou vários presentes. Ela foi para Siló, para a casa de Aiás. É difícil imaginar como Jero-

boão poderia esperar que, com um simples disfarce, enganaria o profeta, mas logo sua esposa percebeu que esse estratagema não funcionaria para eles. Assim que ouviu o som dos pés da rainha, Aías a cumprimentou, dizendo: *"Entra, mulher de Jeroboão; por que te disfarças assim? Pois eu sou enviado a ti com duras novas"* (1Reis 14.6).

A mensagem era essencialmente a seguinte: *"Portanto, eis que trarei mal sobre a casa de Jeroboão; destruirei de Jeroboão todo o homem até ao menino, tanto o escravo como o livre em Israel; e lançarei fora os descendentes da casa de Jeroboão, como se lança fora o esterco, até que de todo se acabe"* (1Reis 14.10).

O que a Escritura quer nos ensinar com essa referência na história da esposa de Jeroboão? É claro que não se trata de não trapacear, nem de disfarçar, mas de algo diferente. A mensagem é que o principal pecado da esposa de Jeroboão foi concordar com o pedido ou ordem de seu marido, quando essa ordem estava em desacordo com os mandamentos do Senhor.

O dever da esposa de ser submissa ao marido e de fazer sua vontade tem seus limites. Esses limites não são o que ela aprova ou desaprova. O marido tem autoridade sobre a esposa e, em caso de divergência irreconciliável de opinião, ela deve ceder. Porém, o limite dessa submissão é marcado pela consciência que não pode ser transgredida. A consciência da mulher lhe assegura que aquilo que o marido pede, e que é proibido por Deus, ela não apenas deve recusar, mas também deve resistir. A autoridade do marido não está acima da autoridade de Deus.

A mulher que concorda com os desígnios pecaminosos de seu marido não é mais uma "ajudadora idônea" para ele. Isso ajuda a condená-lo e a ajuda a se condenar ao mesmo tempo.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. A esposa deve concordar com todas as exigências do marido? O que a Bíblia nos diz a esse respeito?

2. Qual foi o pecado da rainha?

3. Por que Deus puniu Jeroboão?

A rainha de Sabá

"A rainha do sul se levantará no dia do juízo com esta geração, e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis que está aqui quem é maior do que Salomão"

(Mateus 12.42).

Leia: 1Reis 10.1-13; Mateus 12.42.

Em nenhum lugar da Bíblia é dito que a Rainha de Sabá era uma mulher pagã convertida. Na verdade, somos informados o suficiente para supor que ela não era uma convertida. Se ela se tivesse convertido, seríamos informados de que, ao entrar em Jerusalém, ela foi ao Templo para oferecer sacrifícios ao Deus de Israel. Nos dois pontos em que somos informados sobre ela, 1Reis 10 ou 2Crônicas 9, nada é dito sobre esse fato. Somos informados de suas conversas com Salomão e de suas visitas aos palácios, da contemplação das riquezas do rei... e nada mais.

É verdade que, no final de sua visita, ele disse: *"Bendito seja o Senhor teu Deus, que teve agrado em ti, para te pôr no trono de Israel"* (1Reis 10.9). Mas essas não são palavras estranhas mesmo na boca de uma pessoa pagã, pelo próprio fato de que ela poderia reconhecer o Deus de Salomão como um entre

muitos. Ela diz: "Senhor teu Deus", o que distingue o Deus de Salomão do próprio deus dela.

O mesmo Jesus, quando afirma que *"A rainha do sul se levantará no dia do juízo com esta geração, e a condenará"* (Mateus 12.42), nada mais faz do que dar outro exemplo como o de Nínive, que devia fazer o mesmo, ou o de Sodoma e Gomorra, para darem testemunho contra a "geração atual", isto é, eles eram superiores a ela. A Rainha de Sabá era uma mulher que se interessava pelas coisas. Seus interesses eram muitos e variados: joias, vestidos luxuosos e também o cultivo da mente.

Ela ouvira falar que um rei de profunda sabedoria e grande riqueza havia ascendido ao trono de Israel e queria conhecê-lo. Ela mesma se dedicou à ciência e às artes, a ponto de poder ter uma conversa profunda com o rei: *"E falou com ele de tudo o que tinha no seu coração"* (2Crônicas 9.1). E Salomão retribuiu. Vamos pensar no que custou a viagem dela e da sua comitiva, vindas de terras distantes. Considere as ofertas de pedras preciosas, talentos de ouro e especiarias em grandes quantidades. A rainha pensou que tudo isso valeria a pena para conhecer Salomão. Ela ouvia o rei, gostava de conversar com ele, satisfazia sua curiosidade intelectual e seu senso artístico, porém nada mais.

Hoje também vemos muitas mulheres jovens, especialmente entre as classes abastadas, que sentem o desejo de ampliar seus horizontes intelectuais, para alcançar a excelência no mundo das artes, das ciências, das letras. Essa é uma atividade louvável. Não há por que pensar que a pia, a vassoura e as panelas sejam o destino exclusivo da mulher. Escolher ser medíocre na vida é uma escolha triste. Essas moças, com essas nobres ambições, se tivessem vivido na época de Salomão,

também teriam partido na viagem a Jerusalém para ficarem extasiadas com os tesouros, os sentidos e para a mentalidade na corte do sábio rei e na beleza externa do Templo.

Mas, infelizmente, na maioria das vezes, ocupadas com todos esses enfeites, elas se esquecem de algo: *"E eis que está aqui quem é maior do que Salomão"* (Mateus 12.42). Jesus pede que você não aprecie apenas a beleza de Sua palavra: Ele pede que entreguem seus corações a Ele e se rendam ao Seu serviço. Infelizmente, muito poucas dessas jovens cuidadosamente educadas estão dispostas a obedecer nesse ponto. O que lhes interessa é a cultura por amor à cultura. Elas podem até considerar que Jesus era maior que Salomão, mas elas não o consideram como o Redentor de seus pecados e culpas. Portanto, elas não estão inclinadas a se apegar a Ele ou louvá-Lo com gratidão. Elas ficam onde a rainha de Sabá ficou, vão para Jerusalém, ficam animadas e vão embora.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. A Rainha de Sabá era uma mulher controversa? Como podemos chegar a essa conclusão?

2. Essa rainha era diferente das mulheres cultas de hoje?

3. Por que Cristo disse que essa rainha condenaria a geração de seu tempo?

Rainha Vasti

"Porém a rainha Vasti recusou vir conforme a palavra do rei, por meio dos camareiros; assim o rei muito se enfureceu, e acendeu nele a sua ira"
(Ester 1.12).

Leia: Ester 1.

Vasti é uma figura nobre. É verdade que ela desobedeceu a seu rei e marido, Assuero, mas sua desobediência foi justificada. Ninguém vai defender que a esposa deva se submeter incondicionalmente ao marido.

Grandes festivais eram celebrados na Pérsia. O reino de Assuero alcançou uma extensão enorme. Ele reinou por três anos. Toda Susa, a capital, estava cheia de personagens vindos de várias partes do império, e o rei organizava banquetes diariamente. A rainha também fez um banquete para as mulheres. E, como lemos no livro de Ester, o rei mandou *"que introduzissem na presença do rei a rainha Vasti, com a coroa real, para mostrar aos povos e aos príncipes a sua beleza, porque era formosa à vista"* (Ester 1.11).

É possível que Vasti fosse uma mulher orgulhosa, mas é um grande erro pensar que o motivo de sua recusa em comparecer ao banquete seria apenas orgulho. Na Pérsia, as formas sociais determinavam que as mulheres fossem confinadas,

nunca aparecendo em banquetes públicos na frente dos homens. Vasti entendeu que tal exigência só poderia ser explicada pelo excesso de vinho que o rei havia ingerido e porque queria gabar-se de possuir uma mulher tão bonita e mostrá-la como se fosse um cavalo ou um objeto.

Vasti sabia com certeza quais seriam as consequências de sua recusa. Apesar disso, ela se recusou a aparecer. Ela mostrou que considerava sua dignidade de mulher mais valiosa do que a vontade do rei diante de fazê-la se exibir socialmente.

Dizem que Assuero ficou muito zangado e, ardendo de raiva, perguntou aos seus conselheiros (ele era um homem legalista) o que fazer com a rainha. O consenso era que a rainha havia pecado contra o rei e contra todos os príncipes e todos os povos, nada menos. O argumento-chave usado por esses conselheiros foi que *"a notícia do que fez a rainha chegará a todas as mulheres, de modo que aos seus olhos desprezarão a seus maridos"* (Ester 1.17). O conselho foi seguido, e Vasti não pôde mais comparecer diante do rei. A lei também ordenava "que todo marido seja senhor de sua casa".

No que nos diz respeito, sabemos que a lei de Deus ordena que o homem seja o senhor da criação, como vemos na história do Paraíso, uma tradição seguida praticamente em todos os povos. Essa prerrogativa tem sido arrogantemente usada pelos homens como uma arma para manter suas mulheres escravizadas, especialmente entre povos não cristãos. O sofrimento que isso trouxe às mulheres ao longo dos séculos é desnecessário.

No que diz respeito a Israel, essa ordenança foi restaurada ao seu significado original. Entre os judeus, as mulheres sempre ocuparam uma posição digna. O Cristianismo também

contribuiu para a libertação das mulheres de qualquer vínculo de servidão que pudesse infringir sua dignidade. O apóstolo Paulo nos diz que a esposa deve estar sujeita à autoridade do marido no lar, mas não há dúvida de que qualquer exigência do marido contrária às leis de Deus deve ser rejeitada pela esposa. O mesmo se aplica ao que afeta sua dignidade como mulher.

Não podemos esquecer que já houve ocasiões em que a mulher também abusou de seus direitos e tentou subjugar o marido, rejeitando totalmente a ordem de submissão. Deus não pode permitir nem um nem outro.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. O que podemos admirar na Rainha Vasti?

2. Suas ações foram consistentes com os ensinos da Bíblia?

3. Suas ações foram aprovadas pelos príncipes persas?

4. O que esse estudo nos ensina sobre nós mesmos e sobre as esposas em particular?

Empregada doméstica judia de Naamã

"E saíram tropas da Síria, da terra de Israel, e levaram presa uma menina que ficou ao serviço da mulher de Naamã" **(2Reis 5.2).**

Leia: 2Reis 5.

Como nos diz o versículo anterior, a menina serviu como cativa ou, como se poderia dizer, como escrava. Naquela época, havia um grande número de criados na casa principal, e eles eram divididos em várias categorias. Lembremo-nos de Agar e Zilpa, que eram como amas ou empregadas pessoais. Essa era a ocupação da menina a que nos referimos.

Naamã era o comandante-chefe do exército do rei da Síria. Ele ocupava uma posição semelhante à de ministro da Guerra. Após realizar campanhas vitoriosas no território de Israel, ele voltou para o seu povo carregado de despojos: entre os despojos estava essa jovem judia, por meio da qual ele deveria receber a sua cura. A natureza exata da doença de Naamã é desconhecida, embora seja chamada de lepra no livro dos Reis. Sem dúvida, era um problema de pele muito grave, embora não o impedisse de cumprir suas obrigações militares. A moça, vendo a intimidade do lar em que viviam os servos, não pôde deixar de conhecer a condição de seu senhor. Sem dúvida, ela gostava de seus senho-

res e tinha confiança suficiente na senhora para sugerir que em Samaria havia um profeta que poderia curar a doença. A história é uma das mais conhecidas do Antigo Testamento. Naamã foi para a Síria e Eliseu foi o instrumento de Deus para que a sua "lepra" fosse curada. Somente o Deus de Israel poderia realizar milagres como esse.

Seu nome, a partir de então, passou a ser celebrado em Damasco. Podemos presumir que Israel não foi atacado por partidos armados da Síria enquanto Naamã fosse o comandante supremo do exército.

Resta um aspecto que pode ser notado na história: é a influência que uma empregada doméstica pode ter em uma casa. Embora o número de casas com empregadas domésticas venha diminuindo, de uma forma ou de outra, sempre há pessoas que prestam seus serviços, seja em horários específicos, ou pelo menos com certa regularidade nas casas. Babás ou amas também já não são muito comuns. As possibilidades de influenciar a casa dos senhores, sejam os próprios senhores ou os filhos, ou o ambiente familiar são muito grandes por parte da serva. Uma serva cristã que teme a Deus e tem o devido senso de responsabilidade aproveitará as muitas oportunidades que lhe forem apresentadas para dar testemunho do Senhor, como fez essa jovem judia.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Como essa garota entrou para o serviço de Naamã?

2. Em que essa garota mostrou sua fé?

3. Qual foi o resultado do testemunho ao povo de Israel?

A sunamita

"Sucedeu também um dia que, indo Eliseu a Suném, havia ali uma mulher importante, a qual o reteve para comer pão; e sucedeu que todas as vezes que passava por ali entrava para comer pão"

(2Reis 4.8).

Leia: 2Reis 4.8-37.

As dez tribos não retiveram o serviço dos sacerdotes e levitas. Por essa razão, as pessoas tementes a Deus tinham os profetas em alta estima e, pela mesma razão, os profetas de Israel eram mais importantes que os de Judá. Personalidades do calibre de Elias e Eliseu não apareceram em Judá. Não admira que os piedosos israelitas tivessem grande afeição por eles.

Essa mulher de Suném nos dá um exemplo: Eliseu passava por Suném em suas viagens periódicas do Carmelo, onde morava, quando ia para Jezreel. No começo, fazia essas viagens em um dia, porém, à medida que envelhecia, ficava muito cansado. Uma mulher de Suném o convidou para ficar em sua casa. Isso se tornou um costume.

A sunamita se casou com um homem mais velho que ela. Essa diferença de idade deve ter sido notável, pois vemos que, em uma conversa entre Eliseu e Geazi, seu servo, ele disse ao

profeta: *"Ora ela não tem filho, e seu marido é velho"* (2Reis 4.14). Não temos ideia da razão pela qual essa mulher se casou com um homem muito mais velho que ela. Pode-se pensar que foi por conveniência da família, ou talvez, quando se casaram, ela era muito jovem; e ele, um homem maduro e no vigor da vida, oferecia-lhe mais confiança e segurança que um partido mais jovem, com menos experiência de vida. Talvez ela tenha visto nele um ideal de proteção dos pais. Todas essas são suposições. É notável, por outro lado, que ela também tinha muito carinho por Eliseu, que já era praticamente um velho.

Ela era uma mulher independente, temente a Deus, respeitava os idosos, era capaz de fazer planos e, com muita disposição, disse ao marido que eles tinham que dar um quarto para Eliseu, deviam mobiliá-lo, e não só convence o marido a fazê-lo, mas também incita Eliseu a aceitar a sua hospitalidade.

Eliseu quis retribuir o afeto dela e perguntou-lhe, por meio de Geazi, se ela queria que ele fizesse algo, caso ela precisasse falar com o rei ou com um general do exército. A sunamita respondeu que era uma mulher da aldeia e não precisava de nenhum favor.

O incidente da morte do filho é bem conhecido. Tendo saído para o campo com o pai, o menino sofreu um derrame. Levado para casa, ele morreu poucas horas depois, sentado nos joelhos de sua mãe. A sunamita então saiu em busca de Eliseu e deitou-se aos seus pés, agarrada a eles. Então lhe disse*: "Pedi eu a meu senhor algum filho? Não disse eu: Não me enganes?"* (2Reis 4.28). É evidente que a intenção da mãe foi alimentada por sua fé de que o Deus de Eliseu poderia devolver seu filho, assim como Ele o havia dado quando ela não sonhava em tê-lo.

Eliseu, após uma tentativa fracassada do servo de revivê-lo, voltou para casa e o trouxe de volta à vida. "Leve o seu filho", ele disse à sunamita. Ao restaurar seu filho para ele, Deus confirmou a sinceridade e a validade de sua fé maravilhosa.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Por que os profetas foram mais estimados em Israel do que em Judá?

2. Como podemos dizer que essa mulher era uma mãe engenhosa?

A verdadeira mãe

"Então respondeu o rei, e disse: Dai a esta o menino vivo, e de maneira nenhuma o mateis, porque esta é sua mãe" **(1Reis 3.27).**

Leia: 1Reis 3.16-28.

Não vamos demorar na frase de Salomão em si, mas, sim, considerar as características reveladas pela conduta das duas mulheres nessa situação. Vamos estudar vários pontos diferentes.

Ambas eram mulheres de vida condenável. Ambas haviam concebido, e o filho de ambas era ilegítimo. Esse é o primeiro comentário. Mas, depois disso, vemos que o comportamento das duas difere em alguns pontos e coincide em outros.

Em primeiro lugar, mesmo em uma pessoa que sucumbiu ao pecado, que é o caso das duas mulheres, podemos encontrar traços de verdadeiro valor. A verdadeira mãe, por exemplo, se opõe categoricamente ao sacrifício de seu filho. A segunda mostra entranhas insensíveis, pois sabia que o filho não era seu. Sem dúvida, a segunda é uma mulher muito mais depravada. No entanto, notemos que mesmo esta tem uma centelha de amor maternal, por mais desviante que seja: tenta ter um filho, mesmo sabendo que não é seu. Aqui, dói em nós ter que reconhecer que, mesmo em países que chamamos de cristãos, não

há objeção por parte de algumas mães de fazer uma criança desaparecer antes de nascer para evitar a reprovação ou vergonha pública que ter cometido uma imoralidade implica.

Salomão ousa dar uma ordem monstruosa porque sabia que as mulheres de seu país se rebelariam contra tal ordem, e ele não estava errado. A mãe imediatamente cedeu seus direitos ao filho para salvar sua vida. Hoje muitas mulheres se perguntam: como posso me livrar do meu filho?

Até os animais, movidos por seus instintos, defendem seus filhos. Uma cadela defende seus filhotes. Como pode uma mãe, em um país cristão, permitir que seu filho seja morto a sangue-frio, ou melhor, como pode ordenar que seu filho seja destruído?

A expressão do afeto materno deve ser considerada natural. Por termos essa afeição, não há razão para regar uma mulher com elogios. É um instinto, uma paixão por preservar a vida da criança. Em certa medida, é encontrado em pessoas essencialmente egocêntricas. A mãe de um filho ilegítimo é um caso exemplar de afeto materno, e ela merece o nosso elogio.

Por outro lado, devemos considerar que o simples fato de a mulher não ter sucumbido ao pecado não implica que ela represente um ideal de maternidade. Há muitas mulheres que temem dar à luz, ou, se finalmente deram à luz um filho, colocam-no totalmente sob os cuidados de mãos estranhas.

Em suma, temos que dizer que, independentemente de seu comportamento repreensível em outros aspectos de sua vida, a verdadeira mãe do filho é um exemplo de afeto ma-

terno. Tal exemplo, visto por muitas mães cristãs em nossa sociedade, deve fazê-las corar.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. O que achamos de bom nessas duas mulheres?

2. Qual aplicação moderna podemos aprender com esse estudo?

3. O que esse relato bíblico nos diz sobre certas formas de controle de natalidade?

A viúva de Sarepta

"Levanta-te, e vai para Sarepta, que é de Sidom, e habita ali; eis que eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente" **(1Reis 17.9).**

Leia: 1 Reis 17.

Não vamos falar sobre o milagre de Elias, mas vamos falar sobre a viúva.

Essa mulher havia perdido o marido e, com isso, o sustento da família. Ela tinha um filho, sim, mas a idade dele não lhe permitia ser nenhum suporte para a casa, mas um fardo material para a mãe. A viúva não deixava de se preocupar. Sua vida mudou completamente desde a morte de seu marido. E também podemos presumir que sua fé foi seriamente abalada. É possível que ela ainda tivesse alguma fé no Deus de Israel, mas o relato de Reis não nos permite elucidar isso.

Essa mulher que vivia com muitas dificuldades para seguir em frente, pois ela tinha que recolher lenha atirada das ruas ou estradas por causa da fome generalizada no país. A vida se tornou impossível, os preços eram exorbitantes. O fim estava próximo, então algo extraordinário aconteceu.

A mulher estava recolhendo alguns troncos secos quando um homem de aparência estranha, com um cajado na mão,

idoso, coberto de poeira, que se dirigia para a aldeia, disse para ela para trazer um copo d'água para ele.

A mulher poderia muito bem dar água para ele, mas, quando ela foi para casa buscar, aquele estranho personagem a chamou de novo: *"Traze-me agora também um bocado de pão na tua mão"* (1Reis 17.11).

A mulher com o olhar triste respondeu que não fizera pão, embora tivesse um pouco de farinha e que estava juntando duas toras para prepará-lo e comê-lo, untado com um pouco de óleo, junto do filho dela. Após comê-lo, ela não teria escolha a não ser morrer de fome.

Então veio a notícia maravilhosa, que por hora a mulher ouviu com ouvidos incrédulos: *"A farinha da panela não se acabará, e o azeite da botija não faltará até ao dia em que o Senhor dê chuva sobre a terra"* (1Reis 17.14).

A fé da mulher foi reacendida. Como é possível negar a evidência que Deus providenciou para eles, com a intervenção daquele homem estranho, que havia permanecido alojado na casa?

O segundo passo à frente na fé da viúva foi um novo teste. Dessa vez, foi o filho que adoeceu até ficar sem fôlego. Então, a viúva não pôde deixar de pensar em sua vida passada. De acordo com a mentalidade da época, uma doença tinha que ser interpretada como uma visitação divina: foram os próprios pecados que causaram o desastre no filho. Com a consciência perturbada e cegamente tentando se defender, ele se volta para o profeta em seu desespero e o repreende: *"Que tenho eu contigo, homem de Deus? Vieste tu a mim para*

trazeres à memória a minha iniquidade, e matares a meu filho?" (1Reis 17.18).

Elias clamou a Deus entristecido pelo sofrimento da viúva. Deus lhe deu poder para restaurar a saúde do filho. Somente com a criança, orou a Deus para que a alma da criança fosse devolvida. "Jeová ouviu a voz de Elias" mais uma vez, e logo a criança estava saudável no colo da mãe.

As palavras que a mãe agora fala nos contam outro milagre, não menos surpreendente que a recuperação da saúde do corpo: a recuperação da saúde da alma. Cheia de gratidão e espanto, a viúva exclama: *"Nisto conheço agora que tu és homem de Deus, e que a palavra do Senhor na tua boca é verdade"* (1Reis 17.24).

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Como Deus primeiro testou a fé dessa mulher?

2. Esse estudo mostra que Deus cuida dos Seus?

3. Deus colocou a fé da viúva à prova novamente. Ela passou nesse novo teste?

Lia

"Lia tinha olhos tenros, mas Raquel era de formoso semblante e formosa à vista"
(Gênesis 29.17).

Leia: Gênesis 29.16-35.

Lia recebeu um comentário curioso sobre seus olhos: eles eram delicados, ternos. Porém, ao compará-la com Raquel, chamada de bonita, Lia teria traços comuns, não sendo necessariamente feia. Mas aos seus próprios olhos ela era considerada desagradável.

Ser uma bela jovem podia ser perigoso para ela. Mas a falta de beleza podia ser compensada por uma natureza rica, um coração fervoroso, ternura e carinho. Sabemos que existem rostos comuns que podem esconder características angelicais. Mas essa falta de beleza pode ser uma preocupação para uma jovem. "Por que não posso ser mais bonita?" Este desejo não é pecaminoso em si, mas muito humano. As Escrituras ocasionalmente usam a expressão "belo semblante". Ao fazer isso, a Bíblia confirma que a beleza é uma das bênçãos de Deus em nossa vida humana.

Mas também devemos dizer que a Escritura oferece conforto para Lia. Lia, que não era atraente, na verdade recebeu uma

bênção mais rica do que a linda Raquel. Raquel teve apenas dois filhos, José e Benjamin. Destes, José foi vendido como escravo e deu origem a uma das tribos contaminadas de Israel. Quanto à tribo de Benjamin, ela foi quase totalmente exterminada por causa de um terrível pecado nacional em que incorreu. Lia pode se orgulhar de ser a mãe de Judá, e Judá, de Davi e de Cristo.

Isso não é dito em elogio a Lia como mulher. Sabemos que a posição econômica, social e moral de Labão era muito inferior à de Betuel. Quando Eliezer ligou para Rebeca, ela ainda conseguiu partir como uma filha livre, mas as coisas pioraram rapidamente em Padã-Arã. Isso foi demonstrado pelo fato de que Labão praticamente vendeu Lia. Jacó teve que trabalhar sete anos para ganhar Lia. Além disso, Labão enganou Jacó, e Lia foi sua cúmplice, pois Jacó queria se casar com sua irmã Raquel. É evidente que o tom moral da família havia degenerado, o que evidencia o fato de que ela mais tarde aproveitou as mandrágoras que seu filho Rubem havia trazido do campo para causar ciúme na irmã.

Porém, Lia tinha uma coisa. Deus tinha milagrosamente colocado fé em seu coração. No início, era uma fé egoísta. Quando Rubem nasceu, ela louvou a Deus porque era vista com benevolência. Ao receber Simeão, ficou feliz porque Deus a consolou do ódio de que fora vítima. Quando Levi nasceu, ela ficou feliz porque seu marido a amaria. Mas, quando Judá nasceu, ela já havia vencido o egoísmo de seu coração e substituído por uma gratidão sincera: "Agora", disse ela, "louvarei ao Senhor".

Lia não fez isso sozinha, mas foi Deus quem fez isso em seu coração. Raquel não fez o mesmo. A glória do Senhor não é expressa nem em nome de José nem em nome de Benjamin.

O louvor ao Senhor está apenas em Judá, porque Judá significa "aquele que louva a Deus".

É evidente o maravilhoso governo de Deus operando em todas essas coisas. Em Sua soberania, Ele criou Raquel linda e Lia com feições comuns. Como resultado, houve praticamente uma tragédia entre as duas irmãs. Não foi Raquel, mas Lia quem deu à luz Judá e com ele o ancestral da mãe de Cristo. O louvor a Deus vem de Lia, não de Raquel.

Segue-se que Deus não vê as coisas com os mesmos olhos dos homens. Existem dois tipos de beleza: a que Deus dá ao nascer, que murcha como uma flor; e a beleza que Deus concede quando, em Sua Graça, os homens nascem de novo. Esse tipo de beleza não desaparece, mas floresce eternamente.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. A bênção de Deus consiste na beleza externa do corpo? Se não, qual foi a bênção de Lia?

2. É pecado desejar beleza exterior?

3. O casamento arranjado de Lia e Jacó pode ser considerado uma punição para Jacó, por seu pecado anterior?

4. Qual é a lição que Deus ensina por meio da vida de Lia?

Miriã, irmã de Moisés

"Pois te fiz subir da terra do Egito, e da casa da servidão te remi; e enviei adiante de ti a Moisés, Arão e Miriã" **(Miquéias 6.4).**

Leia: Êxodo 15.20, 21; Números 12; Miqueias 6.4.

Miriã ou Maria foi uma profetisa e cantora de Israel. Ela foi uma das mulheres que, como Débora, foi escolhida e capacitada pelo Senhor para contribuir com a redenção de Seu povo.

Ele era consideravelmente mais velha do que Arão e Moisés. Por seu encontro com a princesa egípcia no Nilo, sabemos que ela era uma garota astuta. Na verdade, Joquebede, sua mãe, poderia confiar-lhe os cuidados e a supervisão do pequeno Moisés sem hesitação. E, embora tenha sido ela quem salvara a vida de Moisés, sempre era vista na companhia de Arão, e não de Moisés. Isso é perfeitamente natural. Moisés morou no palácio e frequentou as escolas dos egípcios, então, logo após sua primeira aparição pública, ele teve que emigrar para Midiã. Enquanto isso, Miriã e Arão viviam juntos em sua casa tranquila. Foi por isso que Maria não conheceu Moisés por completo.

Pelo contrário, havia uma relação íntima entre Miriã e Arão, que durou toda a vida dela, e talvez você possa perceber

nela um pouco de ciúme do irmão mais novo. Sabemos por exemplo que, no deserto do Sinai, Miriã e Arão se opuseram a Moisés. Eles o fizeram sob o pretexto de ele ter se casado ilegitimamente com uma mulher cusita. Nessa oposição, foi Miriã, e não Aarão, quem tomou a iniciativa. Isso é evidente pela ordem de seus dois nomes em Números 12:1: *"E falaram Miriã e Arão contra Moisés"*. Maria foi a instigadora e quem falou. Foi sobre ela que caiu a terrível maldição da lepra.

A mulher etíope de Moisés serviu apenas como desculpa e pretexto para a rebelião, ficando evidente pelo conteúdo do argumento de Miriã contra Moisés, em que a mulher de Moisés nem sequer é mencionada. O protesto era para enfatizar que Deus também havia falado por meio deles, não apenas de Moisés. Está implícito que não estavam muito dispostos a aceitar a autoridade superior de Moisés. Essa rebelião não foi vista com bons olhos por Deus, como mostra o versículo 7 e seguintes: *"Não é assim com o meu servo Moisés que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, claramente e não por enigmas; pois ele vê a semelhança do Senhor; por que, pois, não tivestes temor de falar contra o meu servo, contra Moisés?"* (Números 12.7-8). Miriã foi punida a permanecer sete dias fora do acampamento, e isso somente depois que *"Clamou, pois, Moisés ao Senhor, dizendo: Ó Deus, rogo-te que a cures"* (Números 12.13). Por fim, ela foi restaurada.

Após esse incidente, não somos mais informados sobre Miriã. Aparentemente o dom da profecia a havia abandonado. Só sabemos que, quando ela morreu, foi enterrada em Cades. Nada é adicionado ao comentário de que Israel lamentou sua morte.

Os dias mais brilhantes da vida de Miriã foram, portanto, não aqueles do deserto do Sinai ou Cades, mas aqueles que ela passou perto do Mar Vermelho. Foi nos dias seguintes que Moisés, voltando da experiência da sarça ardente, revelou aos escravos hebreus a vontade de Deus para eles, mostrando ao Faraó seus sinais. Quando deixaram o Egito e cruzaram o Mar Vermelho, não há menção ao ciúme de Miriã por seu irmão mais novo. Então, ela acreditou no chamado de Moisés. Como profetisa, ela foi acrescentada a Moisés e Arão em seu empreendimento comum. Ela assumiu seu lugar à frente das mulheres de Israel e cantou louvores a Deus com entusiasmo nas dunas do Mar Vermelho.

Deve ter sido uma cena impressionante. Israel está seguro na outra margem. Faraó, seus homens e seus cavalos foram engolidos pelas águas. Moisés reuniu os homens e Miriã fez o mesmo com as mulheres. Eles dão uma olhada nas águas paradas, que eram agora o túmulo dos orgulhosos egípcios, olharam para a outra margem, o odiado Egito. Então, em um coro magnífico de instrumentos e vozes, eles irromperam em louvores ao Senhor. Miriã foi à frente, seu rosto voltou a brilhar e, segurando um pandeiro na mão e acompanhada pelas outras dançarinas, ela respondeu*: "Cantarei ao SENHOR, porque gloriosamente triunfou; lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro"* (Êxodo 15.1).

Naquela época, Miriã acreditava; no entanto, o orgulho e o ciúme estavam aninhados em seu coração. Ela ficou entusiasmada com a glória de Moisés e ainda mais com as grandes obras do Senhor. Miriã atingiu sua maior grandeza naquela ocasião.

Mas a fé de Miriã oscilou. Foi por isso que ela caiu. O que ela estava escondendo em seu interior apareceu na superfície.

Ele murmurou contra Moisés e se rebelou contra o Senhor seu Deus. Deus tocou seu coração, curou sua lepra e a livrou da rebelião e incredulidade.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. O que sabemos da vida de Miriã na juventude?

2. Com quem ela foi criada? Isso teve algum efeito em sua vida posterior? Em que sentido?

3. Onde se manifestou o auge da sua fé?

Noádia

"Lembra-te, meu Deus, de Tobias e de Sambalate, conforme a estas suas obras, e também da profetisa Noadia, e dos mais profetas que procuraram atemorizar-me"

(Neemias 6.14).

Leia: Neemias 6.

Noádia é apresentado a nós em contraste com Hulda. Ambas são profetisas: a diferença é que Hulda inspirou a reforma que ocorreu na época de Josias, e Noádia ajudou a impedir aquela que ocorreu na época de Neemias. Hulda era uma profetisa verdadeira, Noádia era falsa. Hulda falou inspirada pelo Espírito; Noádia falou o que era mera invenção de sua imaginação.

Os profetas e profetisas receberam inspiração de Deus, mas também estavam sujeitos ao seu temperamento natural, à sua disposição e ao efeito da sua própria formação voluntária e pessoal. Sabemos, por exemplo, que houve escolas de profetas e que a música desempenhou um papel importante nelas.

Esse aspecto mediato da profecia (em oposição ao imediato ou divino) resultou no aparecimento de falsos profetas. Eram homens e mulheres excitáveis por natureza, que entravam em estados de fervor exacerbado e percorriam o país

nesse estado de espírito, imitando as palavras de Deus. Ainda hoje vemos conversões desse tipo, cheias de êxtase e frenesi, em que tudo é entusiasmo, espuma, mero produto subjetivo da aguda exacerbação da imaginação.

Devemos considerar Noádia como tal mulher, mas essa característica a tornava uma mulher perigosa. Essa mulher pseudopiedosa e nervosamente excitável impressionou muito pela sua paixão e zelo, pela sua sinceridade. As massas foram levadas a acreditar que ela oferecia uma revelação divina. Quando ela ajudou com suas exortações aos planos malignos de Tobias e Sambalate, para impedir a reforma de Neemias, sua palavra foi eficaz.

A situação essencialmente pode ser reduzida a este raciocínio de Noádia: "O Templo está em ruínas; e os muros de Jerusalém, destruídos. É preciso instituir uma reforma, e é isso que Neemias está tentando fazer, mas a vontade de Deus é fazer isso no tempo devido, não agora. No momento, ele quer que passemos por um período de humilhação e disciplina, pois essa é a maldição e o castigo de Deus. Portanto, temos que aceitar esse fardo de Deus com alegria e boa vontade, pois é fruto de nossos pecados. As reformas imediatas são meros esforços humanos, não planos divinos. Deus vai atrapalhar esses esforços, e Neemias vai cair pela espada se ele continuar com sua reforma orgulhosa".

Esta parecia uma linguagem piedosa para muitos. "Afastem-se dos esforços humanos, eles advêm do orgulho. Deus fará a sua reforma, é disso que precisamos, não dos homens".

Neemias ignorou qualquer uma de suas admoestações. Um profeta de Baal teria sido combatido pela espada, mas

essa falsa conversa pseudopiedosa foi um motivo de desânimo para o povo e provavelmente abalou seu próprio espírito. Ele não entrou em polêmica com Noádia, mas tentou evitar as armadilhas e amarras de Tobias e Sambalate, e orou contra todos eles: *"Lembra-te, meu Deus, de Tobias e de Sambalate"* (Neemias 6.14).

A oração foi atendida, os muros foram derrubados, a reforma foi realizada. Em toda reforma, há na Igreja almas pseudomísticas que se opõem ao seu progresso. Estavam em abundância na Reforma do século XVI, que dificultou o trabalho dos heróis da fé na época, e continuam existindo até agora. A arma de maior eficácia contra todos eles é a oração.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Que comparação podemos fazer entre Hulda e Noádia?

2. Como Neemias derrotou Noádia? Podemos usar as mesmas armas hoje?

3. O que aprendemos com esse estudo?

Noemi

"Porém ela lhes dizia: Não me chameis Noemi; chamai-me Mara; porque grande amargura me tem dado o Todo-Poderoso"

(Rute 1.20).

Leia: Rute 1.

Noemi significa "agradável". Comparada com várias das mulheres anteriores, Noemi parece ser amigável e gentil. Relaciona-se à genealogia de Cristo, indiretamente, sendo uma das mulheres nobres. A nobreza de sua caracterização suscita imediatamente nossa sincera simpatia, principalmente se considerarmos seus sofrimentos.

Casada com Elimeleque, ela fugiu com o marido de uma fome em sua terra, Belém, e eles acabaram em Moabe. Ao longo da história, vemos que seu coração permaneceu apegado ao seu marido e a Belém. Seu marido morreu em Moabe, no exílio, e ela ficou com seus dois filhos, Malom e Quiliom. Os dois casaram-se com mulheres moabitas, porém o Senhor levou seus dois filhos, quando estes já eram casados. Apenas de suas duas noras permaneceram, elas não eram de seu povo, nem serviam a seu Deus.

Reduzida à extrema pobreza, Noemi decidiu voltar para Belém, pois ouvira que em Belém o pão agora era abundante.

Ela deixou Moabe acompanhada de suas duas noras, quando já era praticamente uma mulher idosa.

A estrada foi muito difícil para Noemi, mas finalmente ela viu sua amada Belém novamente, a cidade de sua felicidade na infância. Podemos imaginar o interesse com que os habitantes da cidade observavam Noemi e a companhia que ela carregava consigo, uma das noras. É nos dito que *"entrando elas em Belém, toda a cidade se comoveu por causa delas, e diziam: Não é esta Noemi?"* (Rute 1.19). Com lágrimas nos olhos, a velha respondeu: "*Não me chameis Noemi; chamai-me Mara; porque grande amargura me tem dado o Todo-Poderoso"* (Rute 1.20).

Noemi não voltou sozinha. Uma das noras decidiu acompanhá-la, embora Noemi tivesse tentado dissuadi-la. Somos informados de que ela dispensou as duas noras: *"Voltai, minhas filhas"* (Rute 1.11). Noemi presumiu que as duas continuariam a orar aos deuses de Moabe. Duas vezes seguidas, ela implorou que a deixassem. Por fim, Orfa beijou a sogra e voltou para a família. Rute, no entanto, se recusou a deixá-la. *"O teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus"* (Rute 1.16) foi a resposta decidida de Rute. Moabe descendia de Ló e, portanto, de Abraão. É possível que um remanescente fiel de Deus tenha permanecido em Moabe e que, sem o conhecimento de Noemi, Rute tivesse entrado em contato com tal remanescente. O Senhor, em qualquer caso, aproximou-se de sua alma com Sua Graça Onipotente. O que sabemos com certeza, então, é que Rute decidiu abandonar os deuses de Moabe e ser fiel ao Deus de Israel. Portanto, não fazia muito sentido para ela ficar em Moabe, e ela preferia ir com a sogra.

Noemi era pobre e se sustentava com as espigas que Rute juntava nos campos enquanto seguia os ceifeiros. Os planos que Noemi fez para Rute diferiam dos planos a que estamos acostumados, mas seguiam os costumes daqueles dias em Belém.

As palavras de Noemi mostram ternura e consideração pela nora. Noemi superou sua amargura e voltou a ser gentil e amorosa como antes. Deus honrou essa mulher abandonada de uma forma excepcional. Além de incluí-la no relato das Sagradas Escrituras e proporcionar-lhe a simpatia da Igreja de todos os tempos, Deus permitiu que seu sangue se misturasse com o do Filho de Deus no decorrer das gerações.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. O que significa o nome de Noemi?

2. Noemi era uma mulher de fé?

3. Como Deus finalmente abençoou Noemi?

Orfa

"Por isso disse Noemi: Eis que voltou tua cunhada ao seu povo e aos seus deuses; volta tu também após tua cunhada" **(Rute 1.15).**

Orfa representa a mulher a quem a Graça é oferecida, mas a rejeita e mergulha de volta na condenação. Ela teve um contato íntimo com a Graça. Deus dirigiu os negócios de tal maneira que, como resultado da fome, uma família de Israel fugiu para o Seu povo. Então, Orfa conseguiu encontrar as pessoas que adoravam o único Deus verdadeiro. Foi o mesmo Deus que seu predecessor Ló adorou e o mesmo Deus que puniu Sodoma e Gomorra. Orfa pertencia às gerações da esposa de Ló também. E a história de como Deus a petrificou provavelmente ainda era conhecida em Moabe. Agora ela teve a oportunidade de ouvir novamente esses atos milagrosos do Deus de Israel. Ela se casou com um dos filhos de Noemi, é por isso que ela deve ter estado em contato direto com o conhecimento do Deus verdadeiro. Ela estivera em contato com os quatro missionários que foram para Belém há anos, tendo se casado com um deles.

Além disso, outra garota moabe, Rute, havia se casado com o outro irmão. Isso ilustra como essa outra mulher, estranha à fé, se deixou dominar por uma crente ao entrar em contato com ela. Apesar dessas vantagens, no entanto, Orfa fechou seu coração à Graça: ela preferiu retornar aos deuses de sua terra natal.

Não é provável que, como mulher casada, ela se opusesse abertamente ao Senhor. Tendo dito que Noemi "se voltou para

seus deuses", pode-se inferir que ela, durante aqueles anos, ao entrar na nova família, havia pelo menos formalmente aceitado a adoração a Jeová, mas foi uma conversão formal. O casamento era mais importante para ela do que a religião. Temos que acreditar, porém, que, se seu marido tivesse sobrevivido, se o marido tivesse voltado para Belém, é provável que ela tivesse continuado com a nova religião que havia adotado, aumentando o número de crentes nominais.

Quanto a Orfa, porém, ao morrer o seu marido, ela foi posta à prova quanto à sinceridade de sua conversão. Noemi é a agente desse teste: ela não a pressiona para o fazer, pelo contrário. Orfa poderia tê-la seguido até Belém se tivesse se convertido sinceramente, mas ela falhou no teste.

Orfa considerou a perspectiva de seguir uma viúva pobre e sem filhos, ao passo que, se voltasse a Moabe, teria seus próprios deuses. Ela deu um beijo de despedida em Noemi e, ao mesmo tempo, disse adeus ao amor de Deus para sempre.

Rute e Orfa se separaram, as duas mulheres de Moabe. Rute seguiu Noemi e entrou na linha ancestral de Cristo. Orfa disse adeus a Noemi e voltou às trevas espirituais de Moabe, consequentemente, à sua condenação.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Qual é a punição para aqueles que rejeitam a Graça de Deus?

2. Orfa era egoísta?

3. A decisão de Orfa foi justificada?

Raabe

"Pela fé Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias"
(Hebreus 11.31).

Leia: Josué 2.1; 6.17-25; Hebreus 11.31; Tiago 2.25.

Os rabinos, desde tempos imemoriais, e depois muitos intérpretes do Cristianismo, tentaram mostrar que Raabe era uma mulher diferente do que as Escrituras nos descrevem. Eles negam que ela era uma prostituta. Raabe casou-se com Salmon, era mãe de Boaz e, portanto, está incluída na linha materna dos ancestrais de Cristo. O apóstolo Paulo a nomeia entre a grande "nuvem de testemunhas". Ela é a única mulher, ao lado de Sara, designada como exemplo de fé. Além disso, o apóstolo Tiago a menciona como uma pessoa digna de suas boas obras (2.25). Alguns se perguntam como uma mulher assim poderia ter sido uma prostituta? É ultrajante demais. Especialmente difícil de acreditar para pessoas hipócritas que desprezam pecadores evidentes. Também é repugnante para aqueles que querem fazer modelos de piedade e virtude para todos os personagens das Escrituras.

Consequentemente, tem havido muita discussão sobre o significado da palavra hebraica *"zoonah"* traduzida, em nossa versão, como uma prostituta. Alguns dizem que ela era dona

de uma pousada, simplesmente. Outros que Raabe fora concubina, como Agar e Zilpa. Outros conjecturam que ele pode ter caído na juventude, mas que, quando morava em Jericó, era uma mulher de boa reputação. Todas essas suposições foram feitas sem a compreensão adequada do conselho de Deus para a redenção dos pecadores. Eles distorcem a história de Raabe porque desejam estabelecer um esquema de salvação baseado na bondade humana.

Mas as suposições não alteram os fatos. Raabe era uma prostituta. Não há como mudar o significado de *"zoonah"*, nem do grego *"porné"*. Embora relutemos em admitir, devemos lembrar que não apenas Raabe, mas Tamar e Bate-Seba eram mulheres pecadoras, embora estejam registradas na genealogia de nosso Salvador.

"Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus" (Romanos 3.23-24). Essa é a grande verdade a ser lembrada ao considerar o assunto, e isso se aplica a Raabe e a todas as mulheres virtuosas hoje. As Escrituras não fazem exceções, todavia Raabe teve fé e se arrependeu de seu pecado. Depois que os muros de Jericó caíram e ela foi salva, casou-se com um príncipe de Israel. Por causa de sua fé, que nasceu enquanto ainda vivia uma vida de pecado, seu nome foi imortalizado pelo apóstolo.

Raabe provavelmente ouvira falar de alguns mercadores, pessoas que frequentavam uma casa como a dela. Por outro lado, vimos que o pecado era frequente entre o povo eleito, e havia murmuração constante — lembremo-nos de Miriã, irmã de Moisés. Lembremo-nos também de Zípora,

esposa de Moisés. Até o próprio Arão pecou em várias ocasiões. Enquanto isso, Deus teve compaixão dessa mulher e concedeu-lhe a Sua Graça. Sem dúvida, havia centenas de mulheres incomparavelmente mais virtuosas em Jericó do que Raabe. Todas foram esquecidas, e o golpe de misericórdia caiu sobre Raabe.

É possível que a fé já estivesse crescendo em sua alma. Ela ouvira falar dos estranhos milagres que aconteciam entre aquelas pessoas que perambulavam pelo deserto, perto de Jericó. Nesse ponto de sua fé, dois representantes de Deus a visitaram. Sua entrada na casa foi parte da preparação para o caminho de Deus em sua cidade. Agora, a fé de Raabe se torna decisiva. Considere seus visitantes como embaixadores de Deus, pois ela arriscou sua vida por eles, correndo perigos extremamente sérios. Mesmo assim, ela salvou aqueles dois homens, não por simpatia humana, nem porque isso lhe convinha para sua própria segurança, mas porque eles foram enviados pelo Deus Altíssimo.

Raabe fez o que fez por amor a Deus. Os primeiros frutos de sua fé são imediatamente aparentes. Os exércitos de Israel estavam estacionados ao redor de Jericó, entretanto, em toda a cidade, só houve uma pessoa que reconheceu os enviados de Deus daquele exército. Ela abriu a janela e desceu um cordão escarlate. Raabe acreditava, e a sua redenção era certa. Deus a incorporou na linha sagrada de seu Filho unigênito. Assim, Deus não aprova atos pecaminosos, mas nos diz que é Onipotente e pode redimir até os piores pecadores. E ele nos diz, além disso, que pôs fim ao conflito agudo do pecado em nós e que não nos devemos considerar hipócritas e desprezar os outros por eles pecarem.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Por que a vida de tantas mulheres que não pertenciam a Israel está registrada na Palavra de Deus?

2. Essas mulheres poderiam ser salvas, mesmo nos dias do Antigo Testamento?

3. Como podemos explicar o fato de que Raabe conhecia o Deus verdadeiro?

4. Qual foi o prêmio da sua fé? As "boas obras" recebem sua recompensa?

Raquel

"Assim diz o Senhor: Uma voz se ouviu em Ramá, lamentação, choro amargo; Raquel chora seus filhos; não quer ser consolada quanto a seus filhos, porque já não existem" **(Jeremias 31.15).**

Leia: Gênesis 25.16-20; Jeremias 31.15.

O grito que Raquel deu ao morrer foi "Benôni"; Benôni significa "filho da minha dor", e é no espírito de Benôni que as Escrituras mostram toda a sua presença na Bíblia.

O Senhor é soberano e independente ao decidir em que medida cada mulher que se torna mãe participa da maldição do Paraíso: *"Com dor darás à luz filhos"* (Gênesis 3.16). A intensidade do sofrimento varia; para algumas, diante da alegria pelo filho, dificilmente é possível considerar que sofreram; outras sofrem terrivelmente, e para algumas isso significa morte. Raquel foi uma delas.

Ninguém pode dizer quão intensa foi a dor que Raquel sofreu em sua agonia ao dar Benjamin à luz no caminho de Betel para Belém. Ela provavelmente esperava chegar a Belém, mas não foi possível. "E ela teve trabalho em seu parto" (Gênesis 35.16) conta a Bíblia. A parteira garantiu que a criança chegaria, mas, quando a criança nasceu, sua alma a deixou:

"E aconteceu que, saindo-se-lhe a alma (porque morreu), chamou-lhe Benoni" (Gênesis 35.18).

Raquel era uma mulher altamente feminina, tanto que Jacó fora cativado por ela. Ele provavelmente não via muito mais nela, mas isso foi o suficiente para amá-la desde o início. Sete anos de trabalho pareceram dias; e, quando o engano aconteceu e ele recebeu Lia, trabalhou mais sete anos.

Raquel não era modelo em alguns aspectos. Sabemos que ela levou ídolos com ela para Canaã, traiu seu pai e teve ciúmes de Lia. Quando finalmente deu José à luz, além de poder ser mãe, seu orgulho maternal dominava completamente sua personalidade. Isso é notável. Todo o ser de Raquel estava focado no desejo de ser mãe. O Senhor permitiu e também permitiu que o fizesse pela segunda vez para pagar o preço de sua própria vida.

Jacó não conseguia entender o termo Benôni. Ele não percebeu o significado profético desse nome. A tribo de Benjamin seria quase completamente exterminada. Foi a geração que deu os primeiros mártires à Igreja com o massacre de Belém.

Após dez séculos, o Senhor se lembrou da profecia de Raquel. Vemos isso escrito em Jeremias 31:15: *"Assim diz o Senhor: Uma voz se ouviu em Ramá, lamentação, choro amargo; Raquel chora seus filhos; não quer ser consolada quanto a seus filhos, porque já não existem"* (Jeremias 31.15). Mais tarde, nessa mesma Belém, diante das portas em que Raquel quase exclamara "Benôni", Herodes executou um massacre terrível. As Escrituras nos falam sobre ela: *"Então se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias, que diz: Em Ramá se ouviu uma voz, Lamentação, choro e grande pranto: Raquel chorando os*

seus filhos, E não quer ser consolada, porque já não existem" (Mateus 2.17-18).

Assim, o Benôni do coração dessa mãe em agonia encontrou eco na história da Igreja de Deus em Israel. Israel não poderia esquecer Raquel que, ao morrer, deu à luz seu filho. O próprio Espírito Santo se lembra desse grito de agonia.

Se nessa terrível tragédia às vezes parece que a dor triunfou continuamente, na Igreja de Cristo está a chave desse mistério nas palavras que durante séculos ela cantou por Raquel:

"Não chore Raquel, com seus olhos tristes,
ao ver seus filhos morrerem como mártires.
Eles são os primogênitos de uma semente.
Que seu sangue comece a crescer,
apesar dos dias terríveis de tirania:
eles florescem para o louvor de Deus"

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Qual era a fraqueza de Raquel?

2. Que prova temos de sua fé?

3. Qual profecia feita por Raquel se cumpriu?

Rebeca

"E não somente esta, mas também Rebeca, quando concebeu de um, de Isaque, nosso pai"
(Romanos 9.10).

Leia: Romanos 9.6-16.

Sara é considerada uma figura real. Comparada a ela, pensamos em Rebeca como uma mulher de sua casa. Em sua juventude, ela era sem dúvida bela, uma donzela oriental, uma beleza singela, sem ostentação, era uma jovem simples, quase infantil. Observe como ela recebeu Eliezer no poço e como ela estava disposta a acompanhar o servo a Canaã sem ter visto Isaque. As mulheres orientais geralmente são passivas e introspectivas. Rebeca não. Embora viesse de uma família respeitável, ela não tinha medo de agir. Ela mesma buscou água em uma bacia, ajudou a preparar comida e providenciou para os camelos de Eliezer. Ela deve ter sido, como o nome sugere, "uma garota legal".

Ela não deu um exemplo especial de fé, mas é evidente que a fé existia em seu coração. Por exemplo, ela deixou a terra idólatra de Arã em favor das tendas de Abraão. Confirma também o fato de que, de acordo com Romanos 9:12, ela recebeu uma revelação direta do Senhor. Vejamos também seus esforços para garantir a bênção do Messias para seu filho favorito, Jacó.

Esse tipo de mulher recatada e essencialmente feminina pode recorrer a todos os meios domésticos para atingir seus

objetivos. Ela não é orgulhosa nem presunçosa, e talvez seja por isso que tende a organizar as coisas à sua maneira. Isso evita o descontentamento e contribui para a harmonia, mas, ao usar a astúcia para atingir seus objetivos, uma mulher assim confia, por exemplo, que ninguém vai notá-la.

Rebeca tinha essa característica. Isso nos dá a entender por que ela gostava tanto de Jacó e, às vezes, não tolerava Esaú. Por outro lado, o próprio Jacó tinha esse mesmo defeito antes de sua conversão. Isso não é recomendável, de forma alguma, porém veio sem dúvida de sua mãe.

Portanto, vemos que, no que diz respeito à bênção patriarcal de Isaque, Rebeca não fala diretamente com o marido, não o lembra da revelação de Deus, indicando o caráter desviante de Esaú, e, com base nisso, pede-lhe que abençoe Jacó. Em vez disso, já utilizando a ideia de que o fim justifica os meios, ele inicia suas manobras. Jacó coopera com entusiasmo. Sua mãe o treinou com a mão de um mestre. Quando fica claro que Jacó precisa fugir, Rebeca intervém novamente para preparar o seu marido (ver Gênesis 27.42).

As Escrituras não se abstêm de nos deixar saber todas essas coisas, e as contam em detalhes. Podemos supor que Rebeca agiu astutamente, em parte inspirada pela fé de que a bênção do Messias era para Jacó, mas não podemos dizer que ela agiu com justiça, e o resultado dessas decepções foi pago por ela mesma, já que nunca mais viu seu filho.

Apesar de suas qualidades, Rebeca é um aviso para a esposa não usar atalhos e truques. Essas decepções contínuas mostram o relacionamento de Rebeca quanto a seu marido.

Se houvesse confiança e sinceridade, os resultados teriam sido muito melhores.

A consideração das consequências dessa conduta é preocupante. Rebeca fomentou as tendências de Jacó para o engano. Quanto a Esaú, ela não o ajudou a alterar a base de seu caráter.

Na realidade, Rebeca descartou Esaú e se dedicou exclusivamente a Jacó. O castigo foi pago com as mulheres que Esaú trouxe para sua casa, que acabaram por degradá-la completamente. A negligência de Rebeca na educação de Esaú teve repercussões mais tarde para o povo de Israel, nos tempos de seus conflitos com Edom, que é o mesmo que Esaú. A raiva de Esaú ainda fervia em Herodes, que era idumeu, no dia em que zombou do Homem de Dores.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Qual é a primeira impressão que temos da figura de Rebeca na narrativa de Gênesis?

_____

_____

_____

2. O que o relacionamento de Rebeca com seus filhos, Esaú e Jacó, nos ensina sobre como criar os filhos?

_____

_____

_____

_____

3. Que punição Rebeca recebeu por sua desonestidade?

4. Que promessa de Deus foi cumprida em Rebeca?

5. Os meios utilizados por Rebeca são justificáveis?

Rispa

"Então Rispa, filha de Aiá, tomou um pano de cilício, e estendeu-lho sobre uma penha, desde o princípio da sega até que a água do céu caiu sobre eles; e não deixou as aves do céu pousar sobre eles de dia, nem os animais do campo de noite"

(2Samuel 21.10).

Leia: 2Samuel 3.7; 21.8-14.

A história é bastante macabra, refletindo os costumes brutais e as vinganças pessoais comuns nas histórias desse período. Infelizmente, o verniz de civilização que conseguimos colocar em nossos costumes é muito tênue. A Bíblia simplesmente nos diz o que aconteceu, sem tentar ocultar os fatos, por mais repreensíveis que sejam. Ao longo dessa história, destaca-se a força de uma mulher que, com sua conduta nobre, fez com que o rei Davi explicasse a falta de respeito pelos cadáveres de vários membros da família de seu inimigo, Saul. Vamos contar a história.

Em primeiro lugar, Rispa havia sido uma concubina de Saul e, portanto, uma mulher de destaque no reino de Israel. Deixando de lado o fato de que mais tarde ela cedeu ilegitimamente aos desejos de um dos filhos de Saul, Abner, consideremos o episódio dos cadáveres de seus próprios filhos, Armoni

e Mefibosete, e dos cinco filhos de Merabe, a irmã de Mical (essas duas eram filhas de Saul).

O episódio consiste no fato de os gibeonitas reivindicarem, para se vingar de um massacre que Saul havia cometido entre seu povo, sete descendentes de Saul. Os gibeonitas fizeram um pacto com Josué, por meio do engano, de que os israelitas não tirariam sua vida e serviriam em Israel como lenhadores e carregadores de água. A aliança deveria ser mantida, apesar do engano. No entanto, quando Saul alcançou o trono, ele suplantou as ideias de Deus, impôs as suas (fingindo que as duas eram idênticas) e decidiu destruir os gibeonitas. Ele não exterminou a todos, mas o juramento que Josué havia feito foi profanado.

Davi descobriu, após consultar a Jeová, que a causa da fome de Israel era a matança dos gibeonitas. Chamados, eles exigiam sete descendentes do sexo masculino de Saul para enforcá-los. Davi deu-lhes os dois filhos de Rispa e os cinco de Merabe (por meio de Adriel, um de seus maridos).

Todos os sete foram enforcados, mas Rispa, como vimos no versículo do texto, cobriu os cadáveres que haviam sido deixados na rocha, para evitar que fossem comidos por animais selvagens com um cobertor, e vigiou o cobertor dia e noite *"desde o princípio da sega até que a água do céu caiu sobre eles"* (2Samuel 21.10). Davi recebeu a notícia do comportamento de Rispa e então, sem dúvida envergonhado, ordenou que os ossos dos sete enforcados fossem unidos aos de Saul, Jônatas e outros, e ordenou que fossem enterrados. Com isso, a fome na terra acabou.

Vamos deixar todos os aspectos sangrentos dessa história e fazer apenas menção à força dessa mulher que desafiou a inclemência dos elementos naturais, a hostilidade das feras, o antagonismo de pessoas poderosas e acabou por dar uma lição de humanidade ao próprio rei Davi. Sua história nos emociona até hoje. Não podemos duvidar que as orações de Rispa pelo respeito devido aos mortos foram ouvidas pelo Senhor.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. O que nós podemos aprender com o estudo sobre as promessas de Deus, independentemente das circunstâncias em que são feitas?

2. Que bela característica encontramos no caráter de Rispa?

3. Como suas ações foram recompensadas?

4. O que a história de Rispa ensina para nós?

Rute

"Agora, pois, minha filha, não temas; tudo quanto disseste te farei, pois toda a cidade do meu povo sabe que és mulher virtuosa"

(Rute 3.11).

Leia: Rute 3.

Rute não era mais uma mulher jovem quando se casou com Boaz e deu Obede à luz. Ela foi casada com Malom em Moabe por quase dez anos e permaneceu viúva por algum tempo. Naquela época e no oriente, ela já podia ser considerada uma mulher de idade madura. Quando a comparamos a Noemi, tendemos a pensar que ela era jovem, mas não tão jovem quanto supomos.

Rute veio da mesma origem pagã de Orfa. Pertencia à tribo de Moabe, que se degenerou espiritualmente. Ela também havia entrado em contato com a sagrada influência de Elimeleque e sua família, mas, ao contrário de Orfa, ela abriu seu coração para a Graça.

Não temos a menor indicação de que Noemi tratou Rute de maneira diferente de Orfa. A disposição do coração de uma é totalmente diferente da disposição da outra. Orfa rejeitou a Graça em seu coração, enquanto Noemi abriu seu coração para ela. Observe que as três começaram a jornada juntas. É

possível que, se a questão de decidir por um povo e por outro, por alguns deuses ou outros, não tivesse surgido, as três tivessem chegado a Belém, mas Noemi de repente se levantou e os exortou a voltar para os deuses de seus pais.

Diante desse convite, Orfa se foi. Rute, por outro lado, foi movida pela fé que já ardia nela e se recusou a voltar. Ela tomou sua decisão e confessou que doravante sua vida e morte seriam na companhia do Povo de Deus: *"Não me instes para que te abandone, e deixe de seguir-te; porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus; Onde quer que morreres morrerei eu, e ali serei sepultada. Faça-me assim o Senhor, e outro tanto, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti"* (Rute 1.16-17).

Assim, vemos que Deus usou seu afeto pela pobre e desolada Noemi como um meio de Graça. Noemi é o elo com o qual Deus uniu Rute para sempre com Seu povo e Seu Messias.

Não vemos Rute desenhando especulações espirituais abstratas. Com gratidão, ela olha para o rosto enrugado e triste da mãe do marido e quer ficar com ela. A fé no Deus de Israel está inseparavelmente misturada ao seu amor por Noemi. Ela quer se identificar com sua sogra, mas no fundo vemos a confissão de que o Deus de Noemi será o dela. Ela admite, de fato, que o mesmo Deus que a tirou de Moabe a transplantou para o povo de Israel.

A fé de Rute é simples e transparente. Um serviço humilde e tranquilo, sem nenhum vestígio de orgulho e altivez espiritual. Rute não diz: "Alguém tem que cuidar desta velha,

e sou eu quem deve cuidar dela". Ela respeitou a posição de Noemi como mãe e decidiu ser sua filha.

Rute seguiu os ceifeiros até um campo em Belém, para sustentar sua sogra e ela mesma. Por fazer isso em humilde obediência, Deus a abençoou. Ela entrou nos campos de Boaz. Todos eram favoráveis a ela; todos a ajudaram. Mais tarde, quando Noemi ouviu da simpatia demonstrada por Boaz, ela se perguntou se era seu parente e se ele não estaria disposto a se casar com Rute. Nisso, Rute voltou a se conformar aos desejos de sua sogra. Em tudo, mesmo nos momentos mais difíceis, Rute exerceu obediência total. Dessa forma, Deus teceu o fio da sua vida no tecido da história do Seu povo.

Boaz se casou com Rute, que deu Obede à luz. De Obede nasceu Jessé. Portanto, Rute, a moabita, foi incluída na linhagem dos escolhidos de Deus para formar a linhagem da qual o Salvador nasceu. Rute era a bisavó de Davi.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Por que Rute seguiu Noemi?

2. Como Rute se revelou uma personagem melhor do que Orfa?

3. Que bênção especial Rute recebeu?

Sara

"Pela fé também a mesma Sara recebeu a virtude de conceber, e deu à luz já fora da idade; porquanto teve por fiel aquele que lho tinha prometido"
(Hebreus 11.11).

Leia: Hebreus 11.1-16.

Sara é a primeira mulher cuja fé é demonstrada para observarmos, e isso especificamente em seu papel de mulher casada. Existem dois apóstolos que nos contam a história de Sara. O primeiro é Paulo, que indica que pela fé ela se tornou mãe (Hebreus 11.11); e o segundo é Pedro, que roga às mulheres cristãs que sejam como Sara, que *"obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor"* (1Pedro 3.6). Não sabemos que tipo de mulher Sara era enquanto filha em casa, ou como empregada doméstica. Ela já nos foi apresentada como "a esposa de Abraão" e, portanto, permanece na Bíblia.

Em alguns aspectos, Sara pode ser comparada a Ada e Zilá: sua beleza é muito elogiada, por exemplo. No episódio de Agar, sua empregada oferecida a Abraão como esposa, vemos que ela estava seguindo o exemplo dado pelas mulheres de Lameque. Somos informados de que ela foi desejada duas vezes por outros homens, primeiro pelo Faraó e depois por Abimeleque. Acrescente a isso o ciúme entre ela e Agar, e tere-

mos a impressão de que o desconforto e a inquietação de Ada e Zilá também encheram a tenda de Sara. Sara é apresentada a nós como ela é: como uma conspiradora às vezes; às vezes como uma heroína. Somos apresentados à vida de uma mulher como era naquela época, uma vida de negação pessoal.

Há uma diferença importante entre a situação de Sara e a de Ada e Zilá. A Graça interveio e o mistério da fé foi realizado em seu coração. Por meio dessa fé, a posição da mulher é essencialmente enobrecida, para ela poder ser apresentada como modelo para a mulher cristã.

Essa fé, entretanto, é expressa por meio do curso natural dos eventos. Na verdade, Sara encontra na vida comum a substância em que pode criar raízes e começar a crescer. Essa fé perfeita primeiro a leva a se comportar como uma mãe de acordo com as ordenanças de Deus. Então essa fé se fixa no Filho que vai nascer e, portanto, no Messias.

Como esposa de seu marido, ela cumpre todos os requisitos dos preceitos divinos. No Paraíso, Deus havia dito que a vontade da mulher deveria ser submetida à do marido, e Sara buscou sua satisfação na obediência a essa ordem. Quando Abraão deixou Ur dos Caldeus para ir a Canaã, ela deixou seus amigos para ir com ele para um país estranho. Quando foi sequestrada para ir a um harém de dois príncipes estrangeiros, ela permaneceu fiel a Abraão. Em tudo ela se adaptou às circunstâncias. Ela recebeu convidados e, com isso, hospedou anjos sem saber. E, finalmente, ela decidiu dar preferência a Agar antes de ver seu marido sem filhos.

Por meio dessa atitude, ela recuperou a posição de dignidade que Deus atribuiu às mulheres. Pedro diz às mulheres

cristãs: *"da qual vós sois filhas (de Sara), fazendo o bem, e não temendo nenhum espanto"* (1Pedro 3.6). Portanto, ao ocupar exatamente a posição adequada que Deus lhe ordenou, Sara consegue ser uma mulher com dignidade. Então, quando Agar a provoca, ela afirma seus direitos de esposa, e Deus diz a Abraão que ele deve ficar do lado de Sara.

Sara não se aceitou. É verdade que ela acreditava que o Messias viria de seu marido, mas ela acabou acreditando que não iria ter essa honra como mãe. Então deu Agar a Abraão. Quando Deus apareceu a ela e a Abraão, dizendo-lhes que a criança nasceria de seu ventre, ela duvidou. Ele insistia em colocar a promessa sobre o filho de Agar. Foi por isso que ela riu. Apesar de sua risada incrédula, no entanto, ela finalmente aceitou a esperança de que o Messias iria emergir de seu ventre. O apóstolo diz que "pela fé ela recebeu poder para conceber", consequentemente, Deus realizou duas coisas nela. Com Seu Espírito, Ele a fortaleceu e fez sua fé crescer. Além disso, gerou uma nova vida em seu útero.

Dessa forma, ela se tornou a mãe de Isaque e, por meio dele, do Messias. E ela é apresentada a todas as mulheres cristãs como sua mãe. Todas são incentivadas a serem filhas de Sara, para poderem crescer em uma fé bem fundamentada e progressiva.

Sara, no entanto, teve momentos pecaminosos. Ceder a Agar foi um ato de incredulidade. Sua risada também foi incrédula. Por causa de sua incredulidade, Sara tratou Agar com grosseria, e as Escrituras não escondem esse fato, mas, apesar de todos os seus pecados, Sara viveu pela fé e, por meio dela, recuperou a coragem de mulher. Pela fé, de Sarai passou para Sara. Comparada a Ada e Zila, Sara foi uma princesa entre as mulheres.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Como é demonstrado que Sara teve falta de fé?

2. Como Sara foi grandemente abençoada?

3. Como Deus recompensa a sua fé?

Zípora

"E Moisés consentiu em morar com aquele homem; e ele deu a Moisés sua filha Zípora"
(Êxodo 2.21).

Leia: Êxodo 2.15-22; 18.2-7.

O primeiro casamento de Moisés foi muito infeliz. A sua própria falta de fé foi a causa disso. Lembremo-nos de como ele se levantou em defesa de um compatriota no Egito e pensou em libertar os hebreus das mãos dos egípcios com suas próprias forças. Ele certamente não fazia ideia da maneira milagrosa como Jeová o usaria para libertar seu povo do cativeiro. Diante do fracasso, um Moisés desiludido teve que fugir, e ele veio para Midiã, mas ele estava com seu coração entristecido, pois agora ele não tinha perspectiva de conseguir libertar os judeus. Ele não tinha mais nada a fazer senão morar em uma terra estranha e a ele desconhecida.

Nesse estado de espírito abatido e desanimado, Moisés aceitou Zípora, uma mulher midianita, em casamento. Ele poderia ter esperado conseguir uma esposa de seu próprio povo, mas era fraco de caráter naquela época. Ele nem mesmo teve a coragem e a determinação do período da sarça ardente, e expressou sua decepção através do nome que deu ao seu filho, que nasceu de Zípora, pouco tempo depois: Gérson, que significa "sou um estrangeiro em terra estrangeira". Pode muito

bem ser por causa desse desânimo e depressão que Zípora foi gradualmente capaz de dominá-lo e interferir cada vez mais nas tradições sagradas de Israel.

Quando Moisés teve seu segundo filho, Eliézer, sabemos que Moisés não teve coragem de insistir para ele ser circuncidado. Também é verdade, porém, que nessa época Moisés havia desenvolvido uma fé mais forte. Isso é evidente pelo nome, que significa "o Senhor é meu auxílio". Mas, como costuma acontecer, a tendência de cultivar valores espirituais internos foi compensada por essa queda na atividade produtiva e na energia. Moisés pecou gravemente: ele fez um acordo com uma mulher descrente e se absteve de aplicar no seu filho a marca da Aliança de Deus. Zípora aparentemente triunfou. Moisés não iria derrotar Midiã, mas Midiã iria subjugar Moisés.

Nesse ponto, porém, o Senhor interveio. Em uma de suas frequentes viagens pelo país, Moisés estava hospedado com sua família em uma pousada em uma cidade estranha. Lá, Deus fez com que Moisés ficasse gravemente doente. Zípora o viu prostrado; os sinais de morte apareceram em seu rosto. A consciência acusou ambos de profanarem a Aliança de Deus. Zípora, que não estava sob a influência direta da casa de seu pai, estava perdida e não encontrava solução. Em desespero, sentiu-se compelida a ceder aos desejos do marido. Moisés estava muito doente para fazer isso. Então, ela circuncidou Eliézer com uma pederneira afiada.

Zípora não o fez porque se arrependeu ou porque estava com o coração partido. Ela o fez porque foi derrotada pelo Senhor. É evidente pelo relato que ela fez isso apenas para salvar a vida do marido. Lemos em Êxodo 4:25 que ela jogou o pre-

púcio aos pés do marido e disse: *"Certamente me és um esposo sanguinário".* Decerto essa é uma linguagem arrogante, de amargura, não de um coração contrito, e isso não serviu para restaurar as relações entre os dois.

Lemos que no final ela e seus dois filhos voltaram para Midiã, e que Moisés foi sozinho para o Egito.

É verdade que Jetro mais tarde devolveu sua esposa e filhos para ele (Êxodo 18). Também é verdade que Moisés, que se tornara o líder de Israel, nem repudiou nem rejeitou a mulher com quem se casou em um ato imprudente. O casamento era uma união sagrada demais para ele. Depois disso, porém, não somos mais informados de Zípora ou de seus filhos. Nenhum deles recebeu uma legação de riquezas espirituais. Seu povo passou invisível na história do povo judeu.

Miriã, irmã de Moisés, também caiu em pecado, mas ela manteve seu valor para nós como representante da fé. Zípora não tem apelos semelhantes. As Escrituras a apresentam a nós como uma mulher não salva, que se opôs ao marido, baixando assim o nível de sua família.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Por que Moisés tomou Zípora como esposa?

2. Esse casamento trouxe uma bênção aos filhos de Moisés?

3. Podemos concluir que Zípora foi um exemplo de fé?

Sifra e Púa

"E aconteceu que, como as parteiras temeram a Deus, ele estabeleceu-lhes casas"
(Êxodo 1.21).

Leia: Êxodo 1.15-22.

Sifra e Púa eram duas mulheres de caráter. Elas eram, sem dúvida, pessoas de meia-idade vigorosas. O livro de Êxodo nos diz que elas estavam na vanguarda de sua profissão entre os israelitas. Sem dúvida, havia muitas outras parteiras, mas elas eram as principais. Sua posição havia sido designada pelo governo egípcio, pois vemos que o Faraó lhes deu ordens, como se fossem oficiais.

A ordem que ele deu a elas aqui foi terrível: quando as mulheres judias dessem à luz, se a criança fosse um menino, elas teriam que matá-lo. A ordem do Faraó as colocou em sérias dificuldades morais. A quem elas tinham que obedecer: ao Rei dos reis, ao Deus de seus pais, ou ao rei do Egito?

Elas sabiam muito bem que não poderiam desobedecer a Deus, e essas duas mulheres *"temeram a Deus e não fizeram como o rei do Egito lhes dissera"* (Êxodo 1.17). Faraó as questionou. As duas mulheres se refugiaram em uma mentira.

Sem dúvida, a mentira é um pecado, mas Deus também sabia que surgira como solução para uma crise insolúvel para elas de outra forma. O Senhor recompensou essas duas mulheres porque elas preferiram obedecer mais a Deus do que ao Faraó. Deus as abençoou e aumentou suas próprias famílias.

Sifra e Púa arriscaram suas próprias vidas para salvar as vidas das crianças judias. E com que tristeza digo: há mães cristãs que, para evitar vergonha e tribulação, ocasionam a morte de seus próprios filhos. É uma coisa vergonhosa. Referimo-nos ao fato de que, quando uma criança é concebida, existem aquelas que aplicam meios para interromper seu crescimento e eliminá-la. Como uma mãe pode fazer isso com seu próprio filho, quando Sifra e Púa arriscaram suas vidas para salvar os filhos de outras pessoas? Essa prática é o mesmo que concordar em dizer que uma jovem não deve ter sua honra e pureza em consideração, que ela não precisa preocupar-se em cair em pecado. E, se ela cair, não pode encontrar refúgio no Senhor e ajuda em seu Deus. Que vergonha!

Mas existem outros significados temporais e espirituais que podemos obter de Sifra e Púa. Referimo-nos à importância dos primeiros anos da educação e do cuidado dos filhos. Nessa tenra idade, muitos danos podem ser causados a eles. O nível de mortalidade das crianças nos primeiros meses é muito alto, em algumas áreas excessivamente alto. Com mais amor e mais temor a Deus, a taxa de mortalidade não seria tão alta. As mães que cuidam de crianças pequenas têm uma grande responsabilidade, e quem instrui essas mães também. O mundo pode não perceber que algumas mães não se dedicam e cuidam bem de seus filhos, mas Deus vê isso. Observe

os casos em que a mãe, por pura vaidade, não dá seu próprio leite ao filho, o que para ele é de extrema importância.

Essas duas nobres judias também espalharam a sua influência espiritual. A mãe ou a pessoa que cuida de um filho pode ter uma grande bênção espiritual. A babá consegue influenciar a jovem mãe, que está em um estado de espírito muito receptivo. A criação de um filho é um testemunho da onipotência de Deus, e essa influência não se limita à mãe: geralmente há outras crianças na casa. A babá pode aumentar a compreensão da responsabilidade de todos na casa, incluindo os pais.

Após ajudar a mãe nas primeiras semanas, a babá se mudará para outra casa, onde realizará a mesma ação benéfica. Se ela servir a Deus, seu nome não será esquecido. Isso é algo muito importante, Deus nunca se esquece do que é feito em Seu nome.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Por que se pode dizer que as ações dessas mulheres foram justificadas?

2. O que podemos aprender com essas ações?

3. Como a bênção de Deus pode ser proveniente de uma babá fiel?

Tamar

"Porém Tamar, sua nora, lhe deu à luz Perez e Zerá; todos os filhos de Judá foram cinco"
(1Crônicas 2.4).

Leia: Gênesis 38.6-30; 1Crônicas 2.4.

Tamar significa "magra", e é o nome usado nas Escrituras para se referir à palmeira. Disso se pode inferir a compleição física de Tamar: alta e magra. A sua sogra era cananeia.

O fato de ela ser cananeia expõe uma característica ousada da família de Jacó. Embora não saibamos exatamente, é provável que os outros filhos se tenham casado em Padã-Arã. Em relação a Judá, o que nos interessa especialmente é o fato de ele ter sido o precursor do Messias. Nós somos expressamente informados de que a esposa de Judá era cananeia, e que Er, filho mais velho de Judá, tinha uma esposa que provavelmente também era cananeia: Tamar.

Tudo isso não significa que Tamar fosse má ou idólatra, pois sabemos, pela visita de Melquisedeque a Abraão, que havia algumas famílias em Canaã que reverenciavam o "Altíssimo", embora não tivessem um conhecimento completo de Deus. E, no entanto, é evidente na história de Tamar que esse resquício de fé foi severamente distorcido por uma vida moral defeituosa.

Canaã havia sucumbido especialmente ao pecado do adultério, que havia assumido tais proporções que era até mesmo um dever em termos de ritual religioso.

Isso é evidenciado pela experiência de Fineias e da adoração de Baal-Peor. E sabemos, por outros incidentes, que o serviço de Astarote foi de extrema depravação. Quando o homem se afasta de Deus, ele acaba caindo em uma degradação lamentável.

Lembremos brevemente que Tamar havia sido a esposa do primogênito de Judá, Er. Ele, por sua maldade, perdeu a sua vida. Sendo Tamar viúva, ela se casou com seu segundo filho, Onan, mas esse homem também fez o que é mau perante Jeová e sofreu o mesmo castigo. Judá agora precisava dá-la a Selá, o terceiro filho, como ele havia prometido, mas não o fez, e Tamar ainda não tinha filhos. Isso foi uma pena para ela. Por três vezes consecutivas, ela falhou em seu desejo de dar descendentes à família de Judá.

Então, Selá traçou um plano para induzir o próprio Judá a cometer adultério com ela. Perez e Zerá nasceram de seu pecado e, com isso, seus nomes aparecem na genealogia de Cristo. Como Bate-Seba, ela também figura nessa linha ancestral. Ambos os casos nos deixam muito surpresos.

É difícil para nós entendermos como Deus, para nos humilhar e instruir, permite que os nomes de mulheres pecadoras apareçam na genealogia de Seu Filho. Não são, sem dúvida, os melhores escolhidos para serem ascendentes que vão dar à luz ao Messias. O Redentor nos é concedido por pura graça. Isso é um golpe em nosso senso moral. Tudo isso nos faz reconhecer que os caminhos de Deus são incompreensíveis.

Não há dúvida, porém, de que, em toda essa série de ações pecaminosas, Tamar é a menos culpada. Judá falou a verdade quando reconheceu que "ela é mais justa do que eu" após ordenar que ela fosse queimada por fornicar. Não podemos esquecer do desejo sincero de Tamar de dar um herdeiro a Judá. O próprio Judá quebrou a sua promessa; um último ponto é que ela foi criada entre os cananeus, para quem o adultério era praticamente isento de reprovação. Assim, se devemos levantar o dedo em reprovação desses excessos, devemos ser mais severos com Judá do que com ela, e também com os filhos de Judá.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Por que a ação de Tamar é mais justa que a de Judá?

2. Por que há pessoas que não são israelitas na genealogia de Cristo?

3. Podemos seguir o curso de ação de Tamar?

Ana, a profetisa

"E sobrevindo na mesma hora, ela dava graças a Deus, e falava dele a todos os que esperavam a redenção em Jerusalém"

(Lucas 2.38).

Leia: Lucas 2.36-38.

Toda a glória do nascimento de Jesus foi concentrada no antigo reino de Judá. José e Maria eram descendentes da tribo de Judá. Isabel morava em Judá e João nasceu lá. Belém pertence a Judá.

No entanto, Jesus veio por todo o Israel, e mais do que por Israel: Ele nasceu para ser uma luz para os gentios. Os magos vieram como representantes dos países pagãos, para homenagear o novo rei. E Ana, a profetisa do Templo, veio confessar a esperança de seus pais em Israel, que estava fora do domínio de Judá.

Ana não era descendente da tribo de Judá, ela era filha de Fanuel, da tribo de Aser, que estava situada nas tribos dispersas. É por isso que sua posição no Templo teve um significado especial. Sob Jeroboão, as Dez Tribos se emanciparam da casa de Davi e, ao longo dos séculos, continuaram a rejeitar o Messias de Israel e o Deus da Aliança. Agora vemos que Ana aparece no Templo, ao lado da figura de Simeão, para saudar o Rei da Casa de Davi. Parece que Ana veio chamá-Lo ao Lago

de Genesaré e à desprezada Galileia, para Ele poder reunir um povo rebelde ao Seu Reino.

Simeão e Ana eram os dois mais velhos. Ana tinha 84 anos. Portanto, eles não representavam a nova geração, não pertenciam ao círculo do qual o Senhor escolheu Seus discípulos, nem ao grupo em que Ele escolheu Maria e Marta. Em vez disso, eles pertenciam ao Israel moribundo. Ana estendeu sua honra a Cristo, não como representante do passado, mas do futuro. Parece que ela veio oferecer-Lhe o agradecimento de quarenta gerações aos pés de Jesus, antes de morrer.

Ana trouxe essa oferta como mulher, depois que Simeão a trouxe como homem. Assim, observamos que ambos os sexos, juntos e individualmente, são chamados para glorificar o Deus de Israel. Ao lado de Abraão, encontramos Sara; ao lado de Baraque, Débora; ao lado de Moisés, Zípora; e Ana, de Aser, está ao lado de Simeão. Ela não era sua esposa, entretanto. Seu relacionamento era intensamente espiritual, transcendendo todas as diferenças entre os sexos. Ela estava casada há 60 anos e vivia há 7 anos sem marido. Não sabemos o que aconteceu com ele, e ela não se casou novamente. Estava isolada no Templo, aguardando e servindo ali dia e noite, com jejuns e orações. Sua vida deve ter sido de piedade genuína, e ela deve ter ouvido de Simeão que o Cristo viria antes de sua morte.

Além do que foi dito, ela era uma profetisa e está incluída na longa série daqueles que foram arautos do Profeta e do futuro Mestre ao longo dos séculos. Cristo representou uma tribo de reis; Zacarias e Isabel, uma tribo de sacerdotes. Ana representou os profetas. Essa última profetisa confirma aqueles que a precederam, especialmente Isaías e Malaquias. Ela não apenas

confessou Cristo, mas *"dava graças a Deus, e falava dele a todos os que esperavam a redenção em Jerusalém"* (Lc 2.38).

Seu testemunho no Templo foi a última voz de profecia a ser ouvida. A profecia cumpriu seu propósito. João, o arauto do Senhor, estava esperando na porta.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Qual é o significado de Ana na redenção que Cristo nos trouxe?

2. Por que Ana foi a última profetisa?

3. Qual é o significado da formação de Ana para sua aceitação de Jesus como o Cristo?

Dorcas (Tabita)

"E havia em Jope uma discípula chamada Tabita, que traduzido se diz Dorcas. Esta estava cheia de boas obras e esmolas que fazia"
(Atos 9.36).

Leia: Atos 9.36-42.

O nome da mulher era Tabita, Dorcas é uma tradução do hebraico. Tabita, em grego, significa "gazela". Ela foi uma mulher *que "estava cheia de boas obras e esmolas que fazia"* (Atos 9.36). Dedicava-se a costurar vestidos e túnicas para os pobres, costume esse que posteriormente imitado, e, na igreja cristã dos nossos tempos, o seu nome foi usado nas sociedades de senhoras que se dedicam à caridade. Parece que ela foi a primeira (pelo menos que sabemos) que se dedicou a esses atos de amor inspirados por Cristo. Seu exemplo é uma fonte constante de inspiração para boas obras. A Igreja demonstrou em inúmeras ocasiões esse espírito de amor para com os pobres, especialmente no passado, quando não havia a menor forma de assistência social por parte das entidades seculares ou das autoridades.

Tabita pôs em prática as palavras de Jesus: *"Estava nu, e vestistes-me"* (Mateus 25.36). Isso originou um movimento de amor que já dura 19 séculos. A Igreja Cristã mitigou sofrimen-

tos infinitos. Em tempos passados e em países não cristãos, o destino dos humildes sempre foi cruel e impiedoso.

Quando Pedro foi para Jope, ele descobriu ao chegar que Tabita havia acabado de morrer. Lavaram-na e puseram-na no cenáculo, e ali, chorando, levaram Pedro, e as viúvas o rodearam, mostrando-lhe as vestes com que todos se ocupavam. A falta de Tabita seria irremediável. Pedro ajoelhou-se, orou e pouco depois a apresentou viva novamente. Tabita pôde continuar seu ministério de caridade.

Tabita foi uma expressão do amor cristão transformado em ação. Apela à ação de mulheres que, pela sua idade, posição ou circunstâncias, não têm outra vocação específica. Ela nos ensina que a pobreza pode ser efetivamente aliviada em nome de Jesus.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Por que as sociedades de mulheres levam o nome de Dorcas?

2. Como você caracteriza Dorcas?

3. Dorcas parece ter "fé salvadora"? Isso é típico das sociedades que costumam receber esse nome hoje?

Drusila

"E alguns dias depois, vindo Félix com sua mulher Drusila, que era judia, mandou chamar a Paulo, e ouviu-o acerca da fé em Cristo"
(Atos 24.24).

Drusila era de Edom, filha do rei idumeu Herodes Agripa, e nasceu em 34 d.C. Drusila professava a religião judaica. Quando ouviu Paulo em Cesareia, ela não tinha ainda 29 anos, embora muitas coisas já tivessem acontecido em sua vida. Era famosa por sua beleza. Aos 16 anos, casou-se com o príncipe Azizo, rei de Emesa, mas o governador romano Félix a conheceu em um festival na corte e se interessou por ela. Quando Félix enviou a Drusila um necromante judeu, Simão, com um convite pessoal, Drusila silenciosamente deixou a corte de Azizo e foi para Cesareia, onde se casou com Félix. Segundo a lei judaica, o casamento era obviamente ilegal. Drusila não teve problemas em aparecer em público como a esposa de Félix. Azizo simplesmente só precisava se segurar.

Drusila morava com o governador romano há um ano quando Paulo chegou a Cesareia sob circunstâncias que podem ser lidas no capítulo 23 de Atos. É possível que, quando Paulo foi chamado perante o tribunal de Félix para responder às acusações dos judeus, liderados por Tertulo, Drusila estivesse presente na sala, embora não encontremos confirmação da situação no livro de Atos. Contudo, descobrimos que, dentro de alguns dias, Félix e Drusila conversaram em particular com ele sobre a fé em Cristo.

Não sabemos exatamente quais ideias foram alteradas nessa conversa, mas não parece improvável que Paulo aproveitou a oportunidade para deixar claro para Drusila que, pelo menos no nome, ela ainda era judia na religião, afirmando também quais eram os requisitos éticos da Lei Mosaica e as consequências de sua infração. Isso se evidencia no versículo 25, que afirma que Paulo tratou *"da justiça, e da temperança, e do juízo vindouro"* (Atos 24.25) em termos tais, que o novo esposo de Drusila, Félix, se aterrorizou e disse: *"Por agora vai-te, e em tendo oportunidade te chamarei"* (Atos 24.25).

Drusila provavelmente zombou de Paulo e de suas ideias sobre autocontrole e justiça. Não sabemos mais nada sobre Drusila pela Bíblia, mas esse fato parece indicar que sua consciência não foi profundamente afetada e, em qualquer caso, seu comportamento não o demonstrou. Josefo, o historiador judeu, nos conta que Drusila morreu na erupção do Vesúvio, que enterrou Pompeia e Herculano. Drusila fora para lá poucos dias antes da erupção, com seu único filho, Agripa, e morreu enterrada pela lava.

Ela desonrou sua fé judaica, rejeitou a Cristo, abandonou seu marido e viveu em pecado. Drusila sabia que "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hebreus 10.31).

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. De que forma a vida de Drusila é um aviso para as jovens de hoje?

2. Onde Drusila e Paulo se conheceram?

3. Qual foi o fim de Drusila?

Isabel

"E eis que também Isabel, tua prima, concebeu um filho em sua velhice; e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril"

(Lucas 1.36).

Leia: Lucas 1.

Isabel tem a honra de ser a primeira mulher a confessar Cristo na carne, antes mesmo de Maria. Quando Maria, após ter concebido pelo Espírito, foi visitar Isabel, ela exclamou em oração profética: *"E de onde me provém isto a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor?"* (Lucas 1.43). Por meio dessa confissão inesperada e indubitável, Isabel reforçou a fé de Maria no fato de que ela carregava o Salvador do mundo em seu ventre.

É essa fé inabalável que constituiu a virtude mais proeminente de Isabel. Talvez sua firme convicção de que Cristo já havia começado a assumir a forma humana não nos parece particularmente notável. Isso pode ser porque sabemos que Maria já estava carregando seu filho em seu ventre, e que esse filho provou ser o Mediador entre Deus e os homens, mas Isabel não tinha nossa perspectiva histórica e por isso a convicção a que deu expressão é verdadeiramente notável.

Israel havia sido reduzida a quase nada, devido ao desprezo e malícia da jurisdição romana. A adoração de Jeová foi reduzida a pouco mais do que mero formalismo. Caifás, por exemplo, era um exemplo claro da condição degenerada do sacerdócio naquela época. E devemos lembrar que Isabel pertencia a esse povo, que vivia em condições espirituais humilhantes.

Além disso, Isabel era uma mulher idosa, uma mulher que há muitos anos pedia a Deus por um filho. Estava manchada com esse estigma de esterilidade e não estava presente no momento em que o anjo apareceu a Zacarias. Ela não ouvira o que Gabriel disse a Maria. Tudo isso ela ouvira de outras pessoas.

Apesar de suas circunstâncias desfavoráveis, Isabel transcendeu imediatamente todas as dúvidas. Ela não apenas esperou a vinda do Messias, mas também acreditava que viria. Quando Maria foi visitá-la, ela viu e imediatamente acreditou nesta maravilhosa verdade: "Aqui, sob as roupas desta mulher, está o meu Salvador escondido". O Messias não precisava mais vir. Isabel sabia que ele já viera e por isso ela orou e o confessou.

Os passos pelos quais o Senhor conduziu Isabel a essa fé rica e plena não estão escondidos de nós. Seu nome era o mesmo da esposa de Arão. Caifás, dizíamos, foi um exemplo da degeneração do sacerdócio em seu tempo. Isabel representou uma verdadeira ramificação da família de Arão. Ela preservou todas as tradições abençoadas da família de Arão. O Senhor, portanto, a conduzira a isso, embora por meio de humilhação, pois era especialmente angustiante para a filha de um sacerdote não ter filhos.

Então, o Senhor inesperadamente a abençoou com uma gravidez. Ela havia desistido da esperança de ter um filho. Sua

concepção foi acompanhada por uma mensagem de um anjo e pela mudez de seu marido. É patético, mas Zacarías não lhe disse nada sobre o seu encontro com o anjo: ele teve de escrever para Isabel. A partir dessas demonstrações extraordinárias, Isabel soube que Deus havia decidido fazer coisas maravilhosas. Parecia a ela que os dias de Abraão e Sara voltaram, e que Deus havia visitado seu povo novamente.

Maria foi visitá-la quando Isabel já tinha cinco meses de gestação. O instinto maternal de Isabel disse-lhe que seu filho se mexeu em seu ventre, ao ver Maria, e que esse filho se mexeu de maneira extraordinária. Assim, mãe e filho foram afetados pela influência do Espírito Santo quando o Salvador se aproximou. Instantaneamente, a flor da fé floresceu totalmente em Isabel. Ela apreciou e sentiu a bênção proveniente do fato de que Deus, revelado na carne, estava cumprindo a esperança de seus pais.

É interessante notar a evidência dessa fé em Isabel, a mãe de João. Maria, uma mulher muito mais jovem do que ela, e nem mesmo descendente de sacerdotes, era a mãe do Messias. Tal situação poderia ter causado ciúme nela. Ela poderia dizer: "Por que para ela esta honra maior?" Sabemos que em Isabel não existiam tais pensamentos. Ela deu a Maria o nome mais honroso possível para uma mulher: "Mãe de meu Senhor" e o pronunciou de forma espontânea e natural, sem afetação. Ela elogiou Maria, chamando-a de "bem-aventurada entre todas as mulheres". O filho de Isabel disse mais tarde: "Ele tem que aumentar e eu tenho que diminuir." O espírito de Isabel passou para João, ou o espírito de João já inspirou Isabel. Ela foi a

última descendente da vara de Arão. Judá deveria dar o Messias à luz, mas Arão deveria adorá-Lo no serviço.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Quem primeiro confessou Cristo na carne?

2. Como sabemos que a fé de Isabel era sincera?

3. Como sabemos que criamos um filho no temor do Senhor?

Eunice

"Trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti."
(2Timóteo 1.5).

Leia: 2Timóteo 1.

Na família de Timóteo reinava a tradição cristã. Conhecemos nomes em três gerações. Atrás de Timóteo está Eunice, e antes dela, Lóide. Todos os três manifestam uma "fé não fingida", que passou de um para o outro. A fé não é transmitida pelos pais, mas vem de Deus. Contudo, Ele se agrada em permitir que sua bênção aumente nas sucessivas gerações, imprimindo o valor e o conhecimento de ser chamado, dentro da família, para a glória de Seu nome.

Nem Lóide nem Eunice poderiam imaginar que Timóteo seria chamado para um lugar tão proeminente na Igreja de Cristo. Paulo encontrou esse tipo de nobreza espiritual, que vai de geração em geração. Ele gostou de contemplar essa situação, mas quis chamar nossa atenção para o que a mãe fez, para a maneira como Deus usou a ela e a Lóide, inspirando uma fé verdadeira e fervorosa em Timóteo.

Paulo vem nos dizer que o fato de Timóteo ter sido criado sob a influência da Graça é uma razão em si para dar graças a

Deus. A Salvação pode acontecer em qualquer idade, mesmo muito avançada. Porém, conhecer a Deus é frequentemente mais seguro quando a criança foi criada segundo as Escrituras. O coração, o espírito e a consciência da criança são mais ternos e nela os ensinamentos se instalam indelevelmente. Depois de impressos com eficácia, dificilmente serão apagados posteriormente. Timóteo teve um imenso privilégio ao ser educado desde a infância no caminho do Senhor. Para ele, o conhecimento das Escrituras e o conteúdo da fé eram vividamente reais, não eram um mero verniz formal, mas haviam crescido e se tornado um bem inseparável de sua própria vida e consciência.

Timóteo devia isso à mãe, assim como Agostinho devia a Mônica, sua mãe. Esse é o privilégio de alguns filhos de mães cristãs, mas não de todas. Alguns filhos de mães cristãs, mais tarde convertidos, disseram que não receberam a menor bênção de sua mãe. Todavia, em outras ocasiões, a mãe inspira permanentemente a vida da criança, e ela sempre guarda memórias sagradas. É algo glorioso que une as duas espiritualmente. A ternura do amor maternal é santificada pelo amor de Cristo. O amor materno fortalece o desejo fervoroso da mãe de que o filho conheça o Salvador. A mãe não descansa até que, de uma forma ou de outra, lendo histórias da Bíblia, dando conselhos, exemplos, encorajamentos, seja o que for, tais ações induzam o filho a abrir o seu coração ao Salvador, que está sendo revelado por esses meios.

Lamentamos hoje o fato de muitas crianças maduras abandonarem a fé. Mas, ao fazer isso, devemos nos perguntar onde estão as Eunices, cuja intensidade espiritual foi transmi-

tida ao filho. O pai certamente tem sua responsabilidade e seu caráter, que deve guiar o filho no lar. Porém, mesmo quando a influência do pai é exercida, a terna atividade espiritual da mãe, sua vida fiel, piedosa e devotada, é a limpeza do terreno que permite que a semente seja recebida em um solo fértil. As mães devem começar sua atividade com os filhos desde muito pequenos. Não basta apenas cuidar das crianças, instruí-las com retidão e educá-las para se comportarem bem, mas é também necessário levá-las a adentrar os mistérios do Divino.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Paulo valoriza a educação na casa de Timóteo?

2. Estamos colocando ênfase suficiente na necessidade de a criança estudar em casa?

3. Que lição a vida de Eunice ensina às mães de hoje?

Evódia e Síntique

"Rogo a Evódia, e rogo a Síntique, que sintam o mesmo no Senhor"

(Filipenses 4.2).

Leia: Filipenses 4.

As mulheres desempenharam um grande papel na introdução do Cristianismo ao mundo pagão. Paulo, desde o início de suas cartas até suas últimas palavras de despedida, nos dá nomes de mulheres que tiveram grande influência na vida da Igreja. Em Roma, estão Febe, de Cencréia; Maria, "que trabalhou muito por nós"; Trifena e Trifosa, "que trabalham no Senhor". Há Pérsida, que merece um comentário semelhante; e Júlia, irmã de Nereu. Vimos Priscila especialmente em vários pontos e também Lídia. E aqui são mencionadas duas mulheres influentes, Evódia e Síntique, das quais Paulo também às quais ele se refere como*: "Essas mulheres que trabalharam comigo no evangelho, e com Clemente, e com os meus outros cooperadores"* (Filipenses 4.3).

Os dois estariam entre os primeiros convertidos de Filipos quando Paulo chegasse à cidade. Eles se ofereceram para ajudar Paulo, evidentemente de forma eficaz. Não é apenas uma explosão de entusiasmo, mas um trabalho persistente, tenaz e difícil, perseverante em seus esforços para estabelecer a igreja em Filipos.

Não temos ideia do que causou a dissensão entre Evódia e Síntique. O que sabemos é que os efeitos disso foram destrutivos para a igreja. Não sabemos se houve diferenças doutrinárias entre as duas, ou ciúmes de natureza pessoal. Novamente vemos o maligno jogando uma irmã contra a outra, como no passado ele havia jogado Caim contra Abel. Tudo isso deteriorou o trabalho e o crescimento da congregação.

O que Paulo faz a respeito? Encolher os ombros e permitir que a luta continue indefinidamente? Isso desonra o nome do Senhor e é um escândalo na Igreja. Isso também impede a obra da Graça. Quando há brigas entre pessoas influentes, formam-se facções na congregação, já que umas são a favor de uma pessoa, e outras, de outra pessoa. Essas disputas teriam terminado com a congregação.

Paulo intervém. Aqueles aceitos pelo Senhor devem persistir unanimemente na mentalidade de Cristo. No versículo mencionado, ele exorta a fazer as pazes. Essa dissensão encontra eco na epístola em outros pontos. Sem dúvida, Paulo também se refere a isso quando diz, no capítulo 2: *"Portanto, se há algum conforto em Cristo, se alguma consolação de amor, se alguma comunhão no Espírito, se alguns entranháveis afetos e compaixões, completai o meu gozo, para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa. Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo"* (Filipenses 2.1-3).

Devemos presumir que essa dissensão foi resolvida; mas ela poderia ter se transformado em um incêndio que teria destruído a igreja. Isso aconteceu mais tarde em várias ocasiões.

É por isso que as advertências do apóstolo são válidas até hoje. Eles nos exortam a garantir que essas disputas sejam apagadas por todos os meios possíveis, e que a reconciliação seja efetuada, e a unidade seja restaurada.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Que mulheres desempenharam um papel importante na propagação da Igreja de Cristo?

2. Qual era a relação entre Evódia e Síntique?

3. O que Paulo fez para resolver suas diferenças?

Herodias

"E, saindo ela, perguntou a sua mãe: Que pedirei? E ela disse: A cabeça de João o Batista"
(Marcos 6.24).

Leia: Marcos 6.14-21.

Herodias era de Edom, povo que descendia de Esaú. Herodias era na verdade a esposa do irmão de Herodes, Filipe, um príncipe que havia sido deserdado por seu pai. Filipe e Herodias viveram em Roma. Como resultado da visita de Herodes a Roma, durante a qual ficou com seu irmão, Filipe foi privado de sua esposa. Herodias o deixou para ir com Herodes. Mas Herodes também era casado com uma princesa da Arábia, o que foi outro obstáculo para o casamento dos dois.

Herodes rejeitou sua esposa. Herodias entrou no palácio como rainha. Apenas um homem ousou protestar publicamente contra toda essa imoralidade: João Batista. Herodes ordenou que fosse preso e, presumivelmente, por medo de perder a paciência com o povo, preferiu deixá-lo vivo. Herodes era capaz de qualquer crime, mas era tortuoso e provavelmente supersticioso. Ele não tinha dúvidas de que João era um profeta.

Herodias não tinha escrúpulos e sabia perfeitamente que seu pior inimigo era João Batista. Enquanto ele vivesse, a sua

situação estaria em risco. Sempre havia a possibilidade de que João influenciasse Herodes de uma forma desfavorável para ela.

A ambição de Herodias não tinha limites. O mesmo é seu orgulho. Ela teria traçado todos os tipos de planos para se livrar de João. Por fim, a ocasião perfeita se apresentou. Herodes havia se colocado em uma armadilha da qual não conseguiria escapar. A filha de Herodíades, por instigação da mãe, pediu, como recompensa por dançar de uma maneira que despertou as paixões daquela velha raposa, a cabeça de João, que acabou decapitado.

Herodias era para Herodes algo semelhante ao que Jezabel era para Acabe. Em ambos os casos, a esposa tinha ainda menos escrúpulos que o marido. Jezabel odiava Elias; Herodias odiava João. Apenas o final da história é diferente. Jezabel morreu sem consumar a sua vingança contra Elias. João sucumbiu a Herodias.

O coração de uma mulher determinada ao mal não fica atrás do coração de um homem. Quando ela se entrega ao pecado, torna-se um instrumento de Satanás com não menos perfídia e baixeza. Hoje, os dramas dessa violência não costumam ocorrer, pelo menos nos ambientes usuais em que nossas vidas passam. No entanto, não é menos verdade que a influência de uma mulher pode ser seguida e descoberta na conduta de muitos homens responsáveis. A história nos apresenta numerosos exemplos de mulheres desse tipo, que conduziram cruéis perseguições religiosas e fizeram inúmeras vítimas. Basta-nos recordar os casos de Fernando I, o católico espanhol, e de Luís XIV, na França, cujas esposas Isabel e a *madame* de Maintenon, respectivamente, levaram à Inquisição na Espanha e à Revogação do Édito de Nantes, na França.

Ambas as decisões causaram milhares de vítimas entre os judeus convertidos e protestantes ou reformados na Espanha, e entre huguenotes na França.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Qual foi o primeiro ato pecaminoso cometido por Herodes e Herodias juntos?

2. Que paixão instigou Herodias a cometer esses atos?

A mulher cananeia

"E eis que uma mulher cananéia, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada"

(Mateus 15.22).

Leia: Mateus 15.21-28; Marcos 7.24-30.

Não podemos dizer pelo relato se essa mulher foi convertida. Só que Jesus elogiou sua fé e, por meio dela, libertou sua filha do Diabo, mas não sabemos se sua fé era a verdadeira fé para a salvação. Dizem que a mulher insistiu, apesar de seu pedido ter sido repetidamente rejeitado, e que finalmente Jesus concordou em atendê-la.

Portanto, não falamos da graça espiritual. Vemos que a comparação que Jesus faz dessa mulher, "atirando pão aos cachorros", a classifica como uma estranha para o povo de Israel, não pertencente à Aliança. A mulher era cananeia, descendente do antigo povo que ocupou Canaã antes da chegada dos israelitas. Ela morava perto de Tiro e Sidon, cidades de péssima reputação.

A mulher tinha fé que Jesus poderia curar sua filha. Fé em um milagre. Podemos supor que essa fé não foi produto de uma tendência natural, mas fruto da Graça comum de Deus,

que permitiu o encontro dessa mulher com seu Filho amado. Como resultado dessa conversa e do milagre, o povo de Israel ficou envergonhado por sua incredulidade. Essa mulher estrangeira aderiu ao Messias, embora essa adesão fosse externa. Foi um protesto contra a crença orgulhosa dos israelitas de que seriam a única nação favorecida para sempre.

Deus tem compaixão e liberta os homens da miséria humana, sem ter que lidar com a Graça que gera a fé salvadora. A mulher nos ensina que devemos orar em toda situação de aflição. A mulher cananeia orou com inteligência: ela sabia que Jesus poderia salvar sua filha. Ela perseverou e venceu.

É verdade que ela não pediu uma bênção espiritual, nem para si nem para a filha. Apesar disso, ela nos ensina algo sobre o mistério da oração. Você deve orar sem a menor sombra de dúvida, precisa se render à suprema soberania de Deus. Quanto mais ela era repreendida, mais intensamente clamava. Tiago já nos diz que quem ora na dúvida *"é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento, e lançada de uma para outra parte"* (Tiago 1.6). Essa mulher era o oposto. A fé é possível no incrédulo, embora, nesse caso, não seja a fé genuína e verdadeira que opera para a salvação.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. O que significa a frase: "Não é bom pegar o pão dos filhos e jogá-lo para os cachorros"?

2. Deus às vezes nos atende, dando-nos como exemplo de fé?

3. O que essa mulher nos ensina sobre oração e perseverança?

Esposa de Pilatos

"E, estando ele assentado no tribunal, sua mulher mandou-lhe dizer: Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele"
(Mateus 27.19).

Leia: Mateus 27.15-31.

Não é incomum que um homem sério e severo seja abençoado por uma esposa gentil em seus tratos e que exerce uma influência benéfica sobre ele. Pilatos é um exemplo. Ele era um verdadeiro déspota, abusando de sua autoridade e poder. Seus superiores tiveram que o dispensar do cargo pelos abusos cometidos. A forma vergonhosa com que tratou Jesus, mesmo estando convencido de que Ele era inocente, tendo-O açoitado e depois crucificado, evidencia a sua natureza despótica.

Mas sua esposa era muito diferente. É evidente que ela se interessava diretamente pelas atitudes do marido, procurando moderar seus excessos no desempenho de suas funções oficiais. Nesse caso, ela deveria estar ciente da prisão do rabino judeu e do julgamento a que ele seria submetido no dia seguinte. Seu sonho inquieto é, na verdade, um pesadelo. Ela se levantou angustiada e mandou um pedido ao marido*: "Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele"* (Mateus 27.19). Não sabemos até que ponto a mulher queria favorecer Jesus por considerá-lo inocente, em-

bora isso fosse perfeitamente possível. Não há dúvida de que ela estava tentando impedir o marido de fazer exatamente o que ele fez: colocar nas mãos o sangue de um homem justo e também de um mestre religioso.

Do ponto de vista humano, de fato, vemos uma mulher pagã, de natureza delicada e sensível, tentando impedir seu marido de cometer uma atrocidade que só poderia trazer ira divina e vingança. Em seu senso de responsabilidade para com o marido, ela é sem dúvida uma figura gentil para nós. Para ela, o marido e suas ações eram o que mais a interessavam, embora ele não fosse um homem muito estimado, como evidencia o fato de não ter prestado a menor atenção ao que ela lhe contara.

Nesse sentido, diante de seu exemplo, muitas mulheres cristãs podem se envergonhar, já que a responsabilidade por seus maridos é algo que nem passa por suas cabeças. A esposa pode influenciar o marido para o bem, e se não o fizer, está descumprindo o seu dever e deixando de exercitar uma de suas melhores prerrogativas. Para muitos, a esposa ocupa o lugar antes ocupado pelos anjos. Infelizmente, muitos maridos ainda agem da mesma forma que Pilatos agia com sua esposa. Nesses casos, a bondade da esposa aumenta a maldade de seu coração, pois *"amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça"* (Romanos 12.20).

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Que tipo de personagem Pilatos era como marido e governante?

2. Sua esposa foi uma verdadeira auxiliadora para o marido? Por quê?

3. O que as mulheres cristãs podem aprender com essa meditação? O que os homens devem aprender?

A mulher com fluxo de sangue

"E eis que uma mulher que havia já doze anos padecia de um fluxo de sangue, chegando por detrás dele, tocou a orla de sua roupa"

(Mateus 9.20).

Leia: Marcos 5.24-34.

A mulher ainda carrega as consequências da maldição do Paraíso: *"Com dor darás à luz filhos"* (Gênesis 3.16). E não só dor no parto, mas uma infinidade de enfermidades direta ou indiretamente relacionadas com o processo fisiológico. Não sabemos se a doença dessa mulher resultou de algum parto, mas não há dúvida de que pode ter sido esse o caso.

Essa mulher sofreu sua dor e aborrecimento em segredo. Nada mais nos é dito, a não ser que ela tinha um "fluxo de sangue" ou hemorragia, e que já se passaram doze anos do início dos sintomas. Depois de tantos anos, devemos supor que sua saúde piorou e que ela estava pálida e decadente, ao passo que sua fé era firme e enérgica, ou ela não teria ousado misturar-se à multidão para se aproximar de Jesus em público.

No entanto, ela não se atreveu a falar com Jesus sobre essa doença. É possível que ela tivesse vergonha disso, então ela se aproximou por trás e tocou a bainha do manto de Jesus. Sabemos que, como resultado desse ato de fé, a mulher foi

realmente curada de sua aflição. O fluxo parou naquele momento após tantos anos.

Devemos presumir que a mulher foi ao médico mais de uma vez, mas ele não obteve nenhum resultado. Não há dúvida de que ela agiu certo ao ir ao médico, mas o dom da medicina está longe de ser perfeito. Ela não recebeu nenhuma ajuda. Por outro lado, seu sustento não seria abundante e a pobre mulher tinha necessidades. Cansada e decepcionada, ela teria se resignado a sofrer sua doença em silêncio.

Contudo, a fé a impediu de chegar ao desespero. Ela foi até Jesus, e não pediu nada. Ela tocou a ponta das vestes dele e foi curada. A fé pode fazer grandes coisas. Jesus disse para ela: *"Filha, a tua fé te salvou; vai em paz, e sê curada deste teu mal"* (Marcos 5.34). Mesmo que nos precisemos colocar nas mãos dos médicos quando estivermos doentes, nem sempre é a vontade de Deus que recebamos a cura por esse meio ou por qualquer outro meio. Deus sempre nos sustentará e aliviará o sofrimento, mesmo que não nos cure. Ele dá àqueles que sofrem uma visão de Sua compaixão e amor.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Que resultado essa mulher obteve ao ir ao médico, ou aos outros meios de cura que ela havia tentado, antes de Jesus a curar?

2. Qual característica da mulher a levou a tocar no manto de Jesus?

3. Deus recompensa a fé de todos os enfermos curando-os de suas enfermidades? Se não, o que Ele faz?

A mulher samaritana

"Veio uma mulher de Samaria tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber"
(João 4.7).

Leia: João 4.1-42.

Não podemos dizer que essa mulher foi um modelo de virtudes. O fato de cinco maridos terem morrido não pode ser considerado culpa dela, mas, sim, o fato de que, quando ela foi ao poço e encontrou Jesus, estava morando com um homem que não era seu marido.

Ela certamente era uma mulher extrovertida, não muito recatada, provavelmente uma que tentaríamos evitar se frequentasse a mesma igreja que nós. E, no entanto, Deus, na Sua Providência, dirigiu as coisas de tal forma que essa mulher mundana, superficial e provavelmente mal-educada recebeu uma revelação extraordinária, pois Jesus lhe falou em termos de grande profundidade e simbolismo, algo reservado para ocasiões solenes.

A mulher foi até o poço onde Jesus estava sentado. Ele pediu uma bebida, mas apenas como desculpa para aprofundar o assunto. A mulher no momento não entendeu o que estava pedindo, mas Jesus gradualmente foi colocando diante dela

uma visão espiritual e delicada que nos surpreende ao pensarmos como poderia ser captada pela mulher. Alguns não hesitaram em chamar essa entrevista de pura ficção, uma alegoria. Sabemos que foi real e sabemos o resultado dessa conversa.

A lição para nós é clara. O texto nos fala sobre o conceito que temos de nossa própria piedade: provavelmente tentaríamos evitar uma mulher como a de Sicar, desistindo dela como se fosse um caso perdido. Em vez disso, Jesus a escolheu para convertê-la e a levou a fazer uma confissão de fé.

Ao mesmo tempo, Ele nos repreende por nos considerarmos bons e nobres. Pertencemos àqueles que dizem, segundo as Escrituras: *"Fica onde estás, e não te chegues a mim, porque sou mais santo do que tu"* (Isaías 65.5). A história da mulher samaritana nos deixa perplexos e envergonhados. A Graça de Deus permanece soberana e independente. Procure os perdidos, não os justos. O que conta é se é possível tocar a consciência. Foi possível no caso da mulher samaritana.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Qual era o caráter geral da mulher samaritana?

2. Qual é o significado para nós da conversa de Jesus com ela?

3. Que atitude Ele mostra que devemos adotar para com os que estão fora da igreja? Sempre fazemos isso?

A mulher pecadora arrependida

"E eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que ele estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento"
(Lucas 7.37).

Leia: Lucas 7.36-50.

Ungir os pés ou a cabeça de outra pessoa era uma forma bastante comum de receber ou honrar outra pessoa em Israel. Os rabinos mais destacados eram homenageados pela prática do beijo nos pés, costume cuja sombra permanece nas fórmulas de cortesia oficial, desde tempos não muito remotos, em algumas culturas mediterrâneas. Por isso, não é de estranhar que Jesus tenha recebido essa homenagem mais de uma vez em Sua vida, e os Evangelhos registram dois casos. Neste caso, é uma mulher pecadora. Não temos o direito de pensar que poderia ser Maria Madalena, como às vezes se faz, porque nada sabemos sobre sua formação que nos pudesse fazer pensar que ela era uma mulher pública. A segunda ocasião aconteceu em Betânia, na casa de Lázaro, pouco antes de Jesus ser preso.

A mulher em questão era uma prostituta, provavelmente estabelecida em Naim. Era uma figura desprezada nos círculos religiosos, e podemos imaginar o desagrado de Simão, o

fariseu que convidou Jesus para sua casa, ao vê-la aparecer à porta. É evidente que a mulher teria ouvido Jesus falar e Suas palavras penetraram em seu coração, e, como resultado, ela teria decidido mudar seu modo de vida. Ao entrar na casa de Simão, ela tirou um frasco de alabastro com perfume *"E, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas, e enxugava-lhos com os cabelos da sua cabeça; e beijava-lhe os pés, e ungia-lhos com o unguento"* (Lucas 7:38). Essas são as palavras do Evangelho.

Toda a cena e a conversa que então se deram entre Jesus e Simão nos surpreendem. Confirma-se nessa cena já ocorrida em outras ocasiões, que Jesus censurou a boa sociedade de Jerusalém: *"Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus"* (Mateus 21.31). Simão recebeu Jesus com bastante frieza, o que o Mestre sublinhou claramente em seu comentário. Não é difícil entender, mas a coisa vai além. Continuemos: *"Por isso te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco é perdoado pouco ama"* (Lucas 7.47). Lembremo-nos de que antes ele havia apresentado a Simão a parábola dos dois devedores, na qual se supõe que aquele que tem a maior dívida mais ama, uma vez que tenha sido perdoado. Jesus explica que o maior amor da mulher é porque ela foi mais perdoada. Esse conceito parece um pouco precário para nós, mas devemos aceitar o julgamento do Salvador sobre esse assunto. No final, a mulher desprezada por todos foi exaltada por Jesus acima de Simão, um cidadão respeitado por todos.

A mulher tinha um caráter afetuoso. Ela liberou suas emoções aos pés de Jesus, regando-os com lágrimas e enxu-

gando-os com o cabelo. Jesus comenta essas coisas e as elogia, em contraste com a fria cortesia de Simão. Deus pode usar pessoas que são capazes de simpatia ardente, como essa mulher. Primeiro você tem que purificá-las e santificá-las. Mas essas pessoas são mais receptivas à Graça e ao amor, e a fé se desenvolve nelas com mais facilidade.

A mensagem suprema deste caso, entretanto, é que Deus escolhe pecadores de todos os tipos, e que, aos seus olhos, nossas gradações de pecado ou respeitabilidade não são muito importantes. Ninguém pode orgulhar-se de ser muito melhor do que essa pobre mulher a quem Jesus exaltou para nos humilhar.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Por que nos disseram que essa mulher era uma "pecadora"?

2. Como você revelou seu amor por Cristo? De que modo Jesus aceitou sua confissão e arrependimento?

3. Como esse incidente nos revela como pecadores?

As servas de Caifás

"Ora, Pedro estava assentado fora, no pátio; e, aproximando-se dele uma criada, disse: Tu também estavas com Jesus, o galileu"

(Mateus 26.69).

Leia: Mateus 26.56-75.

Embora não nos sejam dados os nomes, somos informados de duas criadas na casa do sumo sacerdote Caifás. As duas coincidem em trair Pedro, acusando-o de ser um dos seguidores do homem a quem seu mestre e os outros sacerdotes estavam julgando.

Vamos falar da situação. Era madrugada, ainda escuro. O galo não cantou. A casa estava cheia de gente O julgamento de Jesus estava ocorrendo perante o Sinédrio, que se reunia com urgência.

As criadas provavelmente não se haviam aposentado para cuidar do fogo no pátio. Eles perceberam a importância daquele julgamento e a seriedade das acusações. Não sabemos exatamente por que e de que maneira, mas as duas perceberam a presença de Pedro, alguém totalmente estranho naquele ambiente, e provavelmente nervoso e inquieto diante do desenrolar dos acontecimentos. Para as criadas, isso provavelmente não passava de diversão, fazendo com que Pedro temesse enquanto elas zombavam dele e expunham o que ele tentava esconder: sua relação com o acusado.

Pedro reagiu fortemente. Ao ser descoberto em um ambiente perigoso, ele negou categoricamente que tivesse algo a ver com Jesus, com juramentos e maldições. Pedro cometeu o pecado mais grave de sua vida. Podemos supor que as criadas se divertiram com tudo isso, indiferentes às consequências desastrosas para Pedro, que logo se retirou para chorar amargamente sua culpa.

É possível que as empregadas tenham gostado de poder contribuir dessa forma para o clima de violência e vingança. Talvez não fosse nada mais que vaidade, a vaidade que pode esmagar até os impulsos nobres, se é que existem. Não sabemos se foi esse o caso. Provavelmente elas se divertiram ao ver a perplexidade de Pedro e sua total perda de controle.

As empregadas não perceberam seu próprio pecado. Para elas, tudo terminaria com algumas risadinhas e fofocas junto aos outros criados da casa. Elas provavelmente se parabenizaram por seu sucesso. A sua fofoca e risos eram maliciosos. Todos conhecemos pessoas que adoram colocar os outros em uma situação constrangedora apenas por diversão. Tais pessoas não pensam sobre as feridas que infligem e sobre os danos que causam.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Por que as duas criadas ridicularizaram Pedro?

2. A que pecado as palavras das empregadas levaram Pedro?

3. O que esse incidente nos diz sobre o respeito pelos outros, em palavras e ações?

Lídia

"E uma certa mulher, chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus, nos ouvia, e o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia"

(Atos 16.14).

Leia: Atos 16.14-40.

Lídia veio da cidade de Tiatira, mas, quando conheceu Paulo, ela morava em Filipos. Era dona de uma loja que vendia vestidos tingidos de púrpura. Obviamente ela estava vendendo não apenas púrpura, mas muitos outros itens. Ela devia estar em uma boa posição e morava em uma casa espaçosa, na qual poderia acomodar Paulo e Silas, e outros que os acompanhavam.

Não sabemos se ela era de ascendência judia. Em todo caso, ela havia se convertido ao Deus de Israel, porque aos sábados se encontrava com outras mulheres judias no lugar de oração de costume. Esse lugar não era a sinagoga, pois naquela época não havia nenhuma em Filipos. Em lugares onde não havia sinagogas, os judeus se reuniam fora da cidade em um prado ou lugar sombreado. O culto regular judaico não era realizado, mas apenas havia uma reunião para orar. Em Filipos, havia um lugar sombrio na margem do rio que atendia a esse propósito. Esse rio é atualmente denominado Maritza. Existe uma pequena ilha que divide o rio em dois canais que é um local com um aspecto agradável. O local da reunião é geral-

mente indicado, mas essas tradições são duvidosas. Estando Lídia com as outras mulheres, Paulo e Silas foram até o local e começaram a conversar com as mulheres ali reunidas. Eles falaram, é claro, sobre Jesus de Nazaré.

Parece que sua pregação não teve muita aceitação, com exceção de Lídia, a quem *"o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia"* (Atos 16.14). Aparentemente, foi apenas recentemente que Paulo chegara a Filipos. Ele esperou até sábado para ter uma audiência. Lídia não abriu a loja no sábado.

Lídia não se converteu por Paulo ter pregado para ela, e sim porque seu coração foi aberto pelo Senhor.

A Graça é o que abre o coração. Todas as mulheres ouviram a mensagem. Para algumas, a mensagem era incompreensível ou detestável. Para ela, foi uma chama que fez seu coração queimar. Lídia acreditou.

Paulo e Silas não podiam hospedar-se com muito conforto em uma pousada pública. Elas costumavam ser frequentadas por pessoas de classe baixa. Lídia, acostumada a lidar com o público, principalmente as classes abastadas, não teve problemas em convidá-los a ficar em sua casa. Ela não o fez como um serviço, mas os obrigou a ficar. Parece que aqueles que viviam naquela casa (Lídia era possivelmente viúva ou, em qualquer caso, nenhum marido é mencionado) teriam compartilhado a fé de Lídia no Messias, porque confessaram a Cristo e foram batizados com ela.

Paulo e Silas ficaram alguns dias lá. Logo houve um tumulto por causa de uma vidente, e Paulo e Silas foram presos.

Muitas horas de ansiedade se seguiram para Lídia, ao ver que Paulo não voltava, e mais ainda quando ela soube que ele e Silas estavam na prisão. Podemos imaginar suas orações fervorosas por Paulo, acompanhadas por outros filipenses em sua casa. Mas finalmente houve uma batida na porta, e Paulo e Silas foram milagrosamente resgatados por causa de um terremoto.

Lemos sobre Paulo e Silas: *"E, saindo da prisão, entraram em casa de Lídia e, vendo os irmãos, os confortaram, e depois partiram"* (Atos 16.40).

A memória de Lídia e o que ela fez por Paulo gravou seu nome nos corações dos fiéis até hoje.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Onde morava Lídia? O que ela estava fazendo?

2. De que serviços Lídia participava quando conheceu Paulo?

3. O que a vida de Lídia nos ensina?

Lóide

"Trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti"
(2Timóteo 1.5).

Lóide tem o honroso papel de "avó" nas Escrituras. Nelas, a grande importância da avó na família nos é revelada. Ela representa, entre as mulheres da Bíblia, a influência espiritual única que resulta de sua posição peculiar.

Não há dúvida de que Lóide era uma crente. Parece que, quando Paulo enviou sua segunda carta a Timóteo, ela já havia falecido. Somos informados da fé não fingida *"a qual habitou primeiro em tua avó Lóide"* (2Timóteo 1.5). O que nos interessa destacar aqui é que essa fé não foi enterrada com ela, mas passou para sua filha Eunice e, posteriormente, para seu neto Timóteo. Portanto, vemos três elos de uma corrente espiritual. Um relacionamento espiritual paralelo ao relacionamento de sangue. Aos laços de sangue são acrescentados os laços de fé. É Deus quem dá fé, mas, como vemos frequentemente, esse fato ocorre frequentemente como resultado da Aliança da Graça. Embora haja exceções, é mais comum que apareça em uma família cristã do que em uma família pagã.

A regra, e não a exceção, é que os eleitos apareçam em famílias em que haja tradição cristã, principalmente quando a mãe e a avó pertencerem ao Senhor. A Graça refletida no

batismo satura toda a educação em um ambiente cristão. Tende a se tornar uma tradição familiar. Daí, vemos que Paulo se lembra de Lóide e Eunice com amor.

Os serviços que uma mãe pode realizar para que o neto nasça e cresça na Graça são mais proeminentes quando o elo do meio está faltando: quando a mãe não é crente. Mas, mesmo quando a avó está, ela tem muitas oportunidades, tanto quando os filhos ainda estão em casa quanto no momento em que saem. A mãe está muitas vezes mais ocupada e cansada. A vida da avó pacifica as coisas; seu rosto revela maior calma e paz. E, quando os netos entram em sua esfera de influência, a avó pode estampar a fé neles por meio de seu exemplo e admoestação. Nesse sentido, a avó pode ser, em alguns casos, até mais eficiente que a mãe, mais ativa e menos experiente por sua vez. A avó não deve ser dominadora dos netos, em vez disso, pode dar a eles e aos filhos a bênção única que uma pessoa madura e espiritualmente experiente pode proporcionar.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. A influência da vida de Lóide contribuiu para a salvação de Timóteo?

2. Timóteo recebeu fé de Eunice?

3. Que lição podemos aprender do relacionamento entre Lóide, Eunice e Timóteo?

Maria de Betânia

"E Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada"
(Lucas 10.42).

Maria de Betânia representa uma mulher mística, ao contrário de Marta, um exemplo de piedade ativa. A primeira escolheu viver em seu mundo interior; a segunda preferiu deixar o mundo ao seu redor mais bonito. Esses são dois exemplos, mas há naturalmente todos os tipos de posições intermediárias em nossas igrejas.

Não se trata de algo que se escolha, ser de um jeito ou de outro, mas é uma questão de temperamento e da verdadeira essência da personalidade. Portanto, um não deve emitir um julgamento condenatório sobre o outro. Os dois tipos devem existir. Além do mais, não podemos negligenciar nenhum deles. O mundo geralmente prefere a mulher ativa, mas também precisamos dos pensamentos profundos e da meditação do outro. Por outro lado, uma vida de introspecção excessiva seria como um sonho.

Por isso, Maria de Betânia ocupa uma posição peculiar no grupo de amigos de Jesus. Representa a mulher de pensamentos íntimos, profundos e cultivados. Ela vê o que os outros não veem. Ela observa, e suas palavras e ações costumam ser mais profundas que as das pessoas ao seu redor.

Percebemos três detalhes de sua vida, os três típicos desse tipo de mulher. Cerca de um ano antes da morte e ressurreição

de Lázaro, Jesus parou em Betânia. Naquela ocasião, Marta se apressou a servir Jesus, mas Maria colocou-se aos seus pés, ouvindo suas palavras. *"Maria escolheu a boa parte"* (Lc 10.42), disse Jesus. Um ano depois, Lázaro morreu. Observamos que Marta corre ao encontro de Jesus, enquanto Maria ainda está atordoada com os acontecimentos e fica em casa. Pouco antes de sua morte, Jesus voltou para Betânia. Marta havia preparado a comida e cuidaria para que não faltasse nada na mesa, mas Maria percebeu que algo estava faltando. À prosa, acrescentou poesia divina, ungindo o amado Mestre com um frasco de perfume. Era como se ela dedicasse o Cordeiro de Deus ao sacrifício iminente.

O mundo nem sempre aprecia essas características delicadas. Essas pessoas são acusadas de ser passivas. Marta a culpou por negligenciar o dever de ajudar nos preparativos, mas Jesus a defendeu. No túmulo de Lázaro, as lágrimas de Maria comoveram o Mestre, que também acabou chorando ao vê-las. E, quando Maria o ungiu com o perfume, Jesus novamente aprovou o que os outros estavam criticando e disse que sua ação seria lembrada nas gerações futuras.

Não podemos esquecer o valor da vida emocional e meditativa das Marias. Elas são lâmpadas na igreja, são uma chama viva de amor.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Qual foi a parte boa que Maria escolheu?

2. Como Maria dedicou Cristo para o seu sacrifício? Que outras coisas nós lembramos dela?

3. Um misticismo puramente sentimental é justificado?

Maria de Jerusalém

"E, considerando ele nisto, foi à casa de Maria, mãe de João, que tinha por sobrenome Marcos, onde muitos estavam reunidos e oravam"

(Atos 12.12).

Leia: Atos 12.1-12.

Maria de Jerusalém era uma viúva rica. Sabemos disso porque ela possuía uma casa grande o suficiente para acomodar toda a congregação. E porque a casa tinha um grande portal, podemos supor que era uma das casas notáveis de Jerusalém. Ela também tinha empregadas domésticas, uma das quais se chamava Rode, que foi abrir a porta para Pedro.

Essa Maria se juntou ao serviço do Senhor muito cedo. Seu filho, João Marcos, havia se tornado ministro da Palavra e acompanhou Paulo em uma de suas viagens. Ele também é o autor de um dos Evangelhos, o de Marcos. Mas vamos ver o que as Escrituras nos dizem sobre ela. A congregação se reunia em sua casa regularmente durante os dias da perseguição de Herodes Agripa, que expulsou os cristãos do Templo, onde se reuniam usualmente. Então, Maria abriu a porta de sua casa para eles. Pedro foi para lá imediatamente após sair da prisão.

Maria nos interessa pelo fato de não se ter limitado a dar sua pequena contribuição para o trabalho da igreja, mas, por

ter uma casa espaçosa, ela colocou tudo à disposição da congregação. Não é raro haver idosos, talvez viúvas, cujos filhos já saíram de casa e estão espalhados, que possuem casas amplas e espaçosas. Antes cheias de vida, agora há muitos quartos vazios nessas casas sem vida. Ela se reaviva com reuniões, grupos de meditação na Palavra, oração ou como lugar onde são cantados salmos e hinos mais ou menos. Isso também aliviaria o silêncio e a solidão da casa e de seus proprietários.

Em alguns pontos, é até possível que existam congregações em formação que ainda não possuem instalações próprias. Não se trata de alugar quartos para esse fim, mas de colocar a casa à disposição do Senhor.

Maria fez isso e também as empregadas se encarregaram de ajudar o máximo possível. Vemos que Rode abre a porta a Pedro, sem dúvida essa serva também era cristã. Toda a atmosfera nessa casa era propícia para ajudar a obra do Senhor a crescer. Devemos ter Marias hoje para oferecerem suas casas para o serviço religioso.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Qual dos quatro evangelistas era filho de Maria?

2. De que maneiras específicas Maria ajudou a congregação de Jerusalém?

3. Que significado particular essa mensagem tem?

Maria de Roma

"Saudai a Maria, que trabalhou muito por nós"
(Romanos 16.6).

No final de sua carta à igreja de Roma, Paulo enviou suas saudações apostólicas a vinte pessoas que ele menciona pelo nome. Entre elas está uma mulher romana a quem ele chama de Maria, possivelmente um nome adotado na época do batismo. Paulo diz a respeito dela*: "Saudai a Maria, que trabalhou muito por nós"* (Romanos 16.6). Mais tarde ele diz: *"Saudai à amada Pérside, a qual muito trabalhou no Senhor"* (Romanos 16.12).

A partir dessas afirmações, alguns teólogos conjecturam que as duas eram evangelistas, empregadas na proclamação do Evangelho por meio do contato pessoal, algo parecido com o que algumas mulheres fazem no Exército da Salvação.

Outros consideram que o que elas fizeram foi estender a hospitalidade a outros que propagaram o Evangelho.

A maneira como Paulo se expressou nos faz pensar que elas fizeram mais do que isso, embora não saibamos exatamente o quê. Não é provável que fossem diaconisas, no sentido que damos agora à palavra, como Paulo provavelmente teria indicado. Não é provável que tenham pregado diretamente ao público, pois, se o tivessem feito, é duvidoso que Paulo as tivesse considerado dignas de louvor.

Enfim, embora não possamos precisar o tipo de atividade que realizavam, isso não nos faz duvidar da eficácia de seu tra-

balho, elogiado por Paulo. As mulheres, sejam quais forem as suas condições, têm muitas oportunidades de ajudar a causa de Cristo.

Naquela época (e hoje), elas podem ajudar por meio do marido, ou das pessoas ligadas a ele, por meio de sua relação com os seus filhos ou pelas famílias dos amigos dos filhos. Nos tempos da Igreja de Roma, havia muitos problemas que desconhecemos. Havia esposas cristãs frustradas porque seus maridos permaneceram pagãos, escravos convertidos (ou talvez servos) que eram forçados a servir em casas pagãs, crianças cujos pais as proibiam de serem batizadas. Em muitas casas, ninguém que pregou o Evangelho foi autorizado a entrar. No entanto, as mulheres tinham inúmeras oportunidades de servir.

O serviço de Maria de Roma pode ter diferido daquele de qualquer uma das outras Marias que vimos, mas mesmo assim foi extremamente útil para a congregação de Deus. E uma forma de servir é evitar que a influência pessoal prejudique a causa de Cristo. É o caso de uma mulher fofoqueira ou intrigante.

A mulher, mesmo quando a sua principal ocupação é o lar e os filhos, tendo essas responsabilidades sobre si, não precisa limitar-se a isso e cortar todo contato com o mundo. Existem inúmeras ocasiões em que mulheres podem servir ao Senhor com sua inteligência e energia.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Maria e Pérsis eram evangelistas?

2. Qual ato dessas mulheres foi comentado com louvor por Paulo?

3. Quais são as seis Marias mencionadas no Novo Testamento?

Maria, mãe do apóstolo

"E junto à cruz de Jesus estava sua mãe, e a irmã de sua mãe, Maria mulher de Clopas, e Maria Madalena"
(João 19.25).

Leia: João 19.25-42.

Não devemos confundir as seis Marias sobre as quais o Novo Testamento nos fala. São elas:

1. **Maria de Nazaré, a mãe de Jesus;**
2. **Maria de Betania, irmã de Lázaro;**
3. **Maria de Magdala;**
4. **Maria de Jerusalém, a mãe de João Marcos;**
5. **Maria de Roma, ajudadora de Paulo;**
6. **Maria, a mãe do apóstolo, que não sabemos onde morava, embora fosse nas proximidades do Lago da Galileia.**

Falaremos aqui da última, que distinguimos das outras chamando-a de "a mãe do apóstolo". Ela às vezes é chamada de "a outra Maria", mas isso não significa nada e leva à confusão.

Ela se casou com Cléofas, de Alfeu, e teve dois filhos, Tiago e José. Tiago foi um dos apóstolos. Geralmente é chamado de Jacó, o mais jovem, para diferenciá-lo do irmão de

João. A característica essencial da Maria que estudamos era que, como as outras mulheres, ela seguia Jesus e atendia às Suas necessidades. Isso é o que vimos Maria Madalena fazendo também, e outras que são mencionadas. Maria, a mãe do apóstolo, também testemunhou a tragédia da cruz e participou do sepultamento de Jesus. Ela também foi uma das que viu Jesus ressuscitar do túmulo.

Se a compararmos com Maria Madalena, veremos que era uma mulher muito diferente: não tinha as feições, a impetuosidade e o ardor desta, mas seu serviço não precisava ser menos útil porque era imperceptível. Ela era uma pessoa piedosa, quieta, prestativa, que não precisava aparecer na linha de frente, como gostavam de fazer Maria Madalena e Pedro.

Mas a escala de valores de Deus difere da nossa — nós costumamos dar mais importância às pessoas que mais se destacam. Deus também quer aqueles que cantam no coro, não apenas os solistas.

Muitos há cuja ambição excede sua capacidade. Alguns conseguem alcançar o *status* de heróis. Há outros que, sem serem heróis, trabalham constantemente, e seu zelo não deve ser menor. Deus tornou alguns mais determinados, mais impulsivos e ardentes. A fé silenciosa pode dar tantos frutos quanto a fé espetacular. Maria tem um encanto especial: ela amou Jesus e O serviu em silêncio.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Identifique as seis Marias do Novo Testamento.

2. Que encanto tem a vida desta Maria?

3. Como podemos compará-la a Maria Madalena?

Maria, a mãe de Jesus:

I. SUA HUMILDADE

"Porque atentou na baixeza de sua serva; Pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada"
(Lucas 1.48).

Leia: Lucas 1.

Maria, a mãe de nosso Senhor, também era descendente ou filha de um rei. Cristo nasceu dela e somente dela. O apóstolo Paulo afirma que *Cristo "nasceu da descendência de Davi segundo a carne"* (Romanos 1.3). E, embora as genealogias de Mateus e Lucas terminem com o nome de José, foi somente por meio de Maria que Cristo pôde ser filho de Davi segundo a carne.

O fato de Maria ser prima de Isabel não nos impede de acreditar que ela era de ascendência real. É verdade que Isabel era descendente de Levi e que geralmente os filhos dos sacerdotes se casavam com membros da mesma tribo. Contudo, essa não era uma regra rígida.

Maria era, portanto, filha de um rei. É por isso que sua humildade se destaca ainda mais. Não pense que pertencer a uma classe humilde seja algo vergonhoso, embora a filha de um rei fosse casada com um carpinteiro. É possível para uma pessoa de alta posição social descer repentinamente a um plano social ou econômico mais humilde. Assim, as privações

materiais geralmente não são tratadas com elegância, mas, sim, são uma reclamação permanente. No entanto, podem ser uma bênção para alguns. Em geral, essas pessoas tendem a desenvolver melhor sua alma e a serem mais cultas e refinadas.

Há um ponto na vida de Maria em que discordamos dos católicos romanos. Desde 1879, eles confessam que a concepção de Maria, ou seja, seu próprio nascimento, também foi milagroso: ela não teria sido afetada pelo pecado original. Costuma-se acrescentar a isso que ela também nunca pecou. Se assim fosse, Maria estaria separada do resto da raça humana. Essas são as implicações da doutrina da Imaculada Conceição.

Se perguntarmos a base dessa crença, remetemo-nos a Lucas 1.28: *"Bendita és tu entre as mulheres"* (que por sinal não é encontrado nos manuscritos mais antigos). Isso é expresso em grego pela palavra *"kecharitomene"*. Orígenes interpretou o termo como significando uma graça especial concedida a Maria, mesmo antes de seu nascimento. Se aceitarmos isso, podemos dizer o mesmo de João, porque ele recebeu o Espírito Santo antes do nascimento. E ninguém diz que João Batista nasceu imaculado e puro. A Igreja Católica cita outros Padres da Igreja como evidência adicional, mas todas essas declarações são inúteis se não se apoiarem na Palavra de Deus. E ainda podemos perguntar: se era possível a Maria nascer imaculada de pais pecadores, por que também não deveria ser possível que Cristo nascesse assim?

No entanto, há um argumento muito mais poderoso contra essa doutrina da Imaculada Conceição. Se ela fosse verdadeira, tornaria a obra de salvação desnecessária e supérflua. Se Maria pudesse nascer imaculada e permanecer sem pecado, a Graça poderia ter feito isso para o resto dos homens após a

queda. Com isso, o pecado teria sido imediatamente anulado e a vinda do Mediador teria sido desnecessária.

Portanto, para nós, a humildade e a pequenez de Maria têm um duplo sentido. Ela estava em uma condição de humildade, para ilustrar como uma princesa da casa de Davi desceu de sua posição elevada. Além disso, ela ilustra como toda a raça caiu de sua posição elevada no Paraíso para os planos inferiores do pecado e da culpa.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. O que significa a humildade e a pequenez de Maria?

2. Por que foi necessário que ela assumisse esse estado?

3. O que significa a doutrina católica romana da "Imaculada Conceição de Maria"?

Maria, a mãe de Jesus:

II. A MÃE DE NOSSO SENHOR

"Porque me fez grandes coisas o Poderoso; E santo é seu nome"
(Lucas 1.49).

Leia: Lucas 2.

Em seu canto de louvor, Maria diz que o Senhor fez grandes coisas por ela, e ela diz que Seu nome é santo. Seu elogio não foi exagerado. Não há maior honra no ser humano que aquela que correspondeu à de Maria. Ela foi realmente a mais abençoada de todas as mulheres. De todas as filhas dos homens, ela foi escolhida para que o Altíssimo a favorecesse com Sua Graça. Ao longo dos séculos, recebeu o nome de Mãe de Deus, e não há objeção ao seu uso, desde que esse nome seja interpretado de maneira adequada.

As Escrituras cantam honras a Maria, e elas não têm vergonha disso. O anjo a saudou como altamente favorecida. Isabel a chamou de *"bem-aventurada"*. A própria Maria estava ciente de suas bênçãos quando disse: *"Pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada"* (Lucas 1.48). Não precisamos ir ao outro extremo, quando reagimos contra a ênfase exagerada em sua glória que as Igrejas Católicas romana e grega lhe dão.

Maria foi escolhida por Deus em um sentido único. Seu privilégio era maior que o concedido a qualquer mortal. Isso é mais notável por seu *status* humilde, apesar de ilustres predecessores. Mas não devemos tirar a glória que pertence a ela pelo fato de outros lhe darem honras indevidas.

O único favor concedido a ela foi o de ser mãe de Nosso Senhor, que o Filho de Deus tomou a forma humana de sua carne e sangue. Maria bebeu dos olhos sagrados da criança o amor que os outros demoraram muitos anos para conhecer. Essa honra foi concedida a ela por Deus em Sua soberania absoluta. Ele escolheu Maria. Ele salvou a sua vida e enviou o anjo para entregar a mensagem. A abundância de Graça concedida a ela é motivo para amá-la, não no próprio nome de Maria, mas no nome do Senhor Deus que a concedeu ser quem foi. A própria essência da Graça nos impede de amar a criatura. Se houvesse virtude no homem para merecê-la, deixaria de ser Graça.

Devemos considerá-la altamente favorecida e abençoada entre todas as mulheres. Somos gratos por essa Graça ter sido concedida a ela e por vir a cada um de nós por meio dela. No entanto, ela continua a ser "a serva do Senhor" que aceita com alegria fazer a Sua vontade. Ao pensarmos nisso, devemos proclamar: "Glória a Deus nas alturas!"

Resta ser mencionado que, se Maria ascendeu ao Céu sem morrer, como nos é dito sobre Elias, como a Igreja Católica defende, isso não está na Bíblia. O catolicismo alega isso com base nas tradições. Ninguém sabe quando Maria morreu e onde ela foi enterrada. A série de ideias que levaram à ideia de Assunção de Maria é a ausência de referência sobre onde ela foi sepultada e a dificuldade de admitir que o corpo dela,

que deu forma humana ao Filho de Deus, se desintegrou no túmulo. Por isso se diz que ela morreu, ressuscitou e ascendeu ao Céu. No Ocidente, fala-se da "Ascensão de Maria". No Oriente, diz-se que ela "dormiu" e é celebrado o seu "sono". Essa ideia passou para o Ocidente. Posteriormente, foi substituída pela ideia da "Assunção", o que significa que Maria ascendeu ao Céu sem morrer.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Por que dizemos que Maria foi "bendita entre todas as mulheres"?

2. Qual foi o privilégio concedido a Maria?

3. Maria estava ciente desse privilégio? Como nós sabemos dele?

Maria, a mãe de Jesus:

III. SUA FÉ

"Bem-aventurada a que creu, pois hão de cumprir-se as coisas que da parte do Senhor lhe foram ditas"
(Lucas 1.45).

Leia: Lucas 1.45-55.

A exaltação religiosa de Maria, certamente exagerada por alguns, repousa principalmente em sua fé, concebida como um mérito pessoal. Quando Maria recebeu o anúncio glorioso do anjo, ela respondeu*: "Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra"* (Lucas 1.38). Isabel afirmou a respeito dessa confissão: "*Bem-aventurada a que creu, pois hão de cumprir-se as coisas que da parte do Senhor lhe foram ditas"* (Lucas 1.45). A fé manifestada por Maria às vezes se perde de vista, porque lhe foi dada gratuitamente pela Graça. Não foi seu mérito. Se for considerado que sim, segue-se imediatamente que a encarnação do Senhor só foi possível pelo consentimento de Maria, sendo deliberação de Maria o fato de Cristo oferecer o supremo sacrifício da redenção e o perdão de nossos pecados pelo sangue do Cordeiro. Isso é inaceitável.

Não se trata de diminuir a qualidade da fé de Maria, isso seria contra o espírito das Escrituras, que repetidamente con-

firmam essa fé. Antes, trata-se de mostrar que essa fé não suscita a exaltação de Maria, pois não se afasta da regra*: "Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus"*. (Efésios 2.8). Deus influenciou sua alma e seu corpo: em sua alma, dando-lhe fé; e, em seu corpo, formando nele o Salvador, a partir de sua carne e de seu sangue.

Sua virgindade é enfatizada como se fosse mais uma virtude excepcional. A Escritura não nos dá nenhuma base para acreditar que ela permaneceu virgem. Nem mesmo o nascimento de Jesus deixou sua virgindade intacta no sentido físico. Todas as referências a profecias nesse ponto específico, como Ezequiel 44.2, estão mal colocadas.

Esse ponto não é pressionado para negar ou afirmar que ela teve outros filhos após o nascimento virginal de Belém. Isso nunca pode ser provado. A conversa dos "irmãos" de Jesus não significa nada. "Irmão" é usado na Bíblia para meio-irmãos e, ainda mais geralmente, para parentes (Gênesis 3.18; 14.16; 29.12; Números 8.26; 15.10, etc.). Se insistirmos nisso, é para dizer que não sabemos se Deus prefere a virgem à mãe. O caso de Maria não é aplicável, visto que ela não foi escolhida para dar à luz virgem porque isso significava um *status* mais elevado, mas por razões teológicas muito mais profundas.

Podemos ter Maria em alta estima como Mãe do Senhor e como Escolhida do Altíssimo, mas as Escrituras não nos dizem que ela foi uma mulher de extraordinária vitalidade espiritual. Isso é mencionado 15 vezes após o relato dos eventos em Belém. Quando Jesus tinha 12 anos, ela foi com ele ao Templo de Sião. Naquela época, Maria não entendia Jesus. Nós a

vemos novamente na festa de casamento em Caná. Ela mesma diz que não entendeu os pensamentos profundos de Jesus. Então, em Mateus 12.46, quando ela quer falar com seu filho, Jesus a repreende. No Gólgota, ela não revela nenhuma visão espiritual, mas os sentimentos normais de toda mãe. Quando Jesus sobe ao céu, encontramos Maria entre o grupo de crentes (Atos 1.14). Seu nome é mencionado no final de tudo. Ela é muito frequente na história da redenção.

Ainda que Maria faça parte dos relatos, os apóstolos não a mencionam como objeto de pregação, nem no Pentecostes nem em qualquer outro momento ao pregarem a Cristo. Paulo recebeu o Evangelho diretamente de Jesus e nem mesmo mencionou seu nome. Nem nos Atos nem nas Epístolas ela é conhecida por qualquer honra. Sua opinião não é solicitada em nenhuma ocasião. Ela desaparece das Escrituras discretamente.

Quem compara a posição de Maria nas Igrejas Católica, romana e grega, no culto e no seio de sua religião, e compara com o silêncio que se faz sobre ela em Atos e nas Epístolas, não pode deixar de pensar que os Pais Apostólicos pensaram nela mais ou menos igual aos teólogos da Reforma.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Por que Maria é parcialmente elogiada pela redenção do mundo?

2. Existe alguma prova bíblica de que Maria permaneceu virgem após o nascimento de Cristo?

3. Maria era uma mulher excepcionalmente espiritual?

Maria Madalena

"E algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios"

(Lucas 8.2).

Leia: Lucas 8.1-2; Mateus 28.1-15.

Maria Madalena é o equivalente feminino a Pedro no círculo que seguiu Jesus. Os dois eram caracterizados por seu zelo e fervor — fervor às vezes excessivo e que deve ser repreendido.

Magdala, a cidade natal de Maria, ficava a 5 km de Cafarnaum. Não é incomum, então, que ela logo tenha ouvido falar de Jesus e tenha entrado em contato direto com Ele. Maria era uma personagem conhecida em Magdala, era relativamente rica e estava sujeita à influência de demônios. Alguns dizem que era adúltera, mas não é justo dizer isso sem ter nenhum dado. Não tinha nada a ver com a mulher pecadora que lavou os pés de Jesus. Podemos supor, uma vez que possuía demônios, que ela era apaixonada e impetuosa por natureza. Mas Maria havia se livrado dessas influências. Jesus expulsou seus sete demônios e, a partir de então, Maria Madalena dedicou seu fervor apaixonado a servir a Jesus.

Ela permaneceu com as mulheres que seguiram Jesus e Seus discípulos, servindo-os quando necessário e cuidando deles. Jesus e os discípulos precisavam de dinheiro, comida, roupas. O dinheiro foi fornecido por essas mulheres, como vemos em Lucas 8.3.

Mas esse serviço material não foi a única prova da lealdade de Maria Madalena a seu Salvador. Quando Jesus foi a Jerusalém para sofrer e ser crucificado, Maria Madalena O acompanhou. Na cruz, todos os discípulos, exceto João, haviam fugido no momento da crise. Mas Maria Madalena permaneceu e testemunhou a morte de Jesus (Marcos 15.40-41). E, após os eventos do Gólgota, ela participou dos preparativos para Seu enterro. Ela também foi uma das mulheres que foram ao túmulo para derramar especiarias sobre o jazigo. E, quando descobriram que o corpo não estava ali, foi Maria quem foi a Jerusalém e encontrou Pedro, contando-lhe a notícia de que Jesus não estava mais na tumba.

Mas isso não foi o suficiente. Ela voltou imediatamente ao túmulo, provavelmente antes de os apóstolos chegarem lá. Sabemos que ela teve um encontro com Jesus e que não O reconheceu, mas foi sem dúvida a primeira mulher a vê-Lo. Foi necessário que Jesus a chamasse pelo nome antes que seus olhos fossem abertos. Então ela O reconheceu e caiu de joelhos. Novamente, ela mostra seu zelo e tenta se aproximar de Jesus, mas o Senhor ordena que ela não O toque. Jesus teve que parar Maria. Quão diferente, por exemplo, de Maria de Nazaré, ou de Salomé, ou de Marta, a irmã de Lázaro, foi Maria Madalena. Seu fervor, sua impetuosidade devidamente temperada, pode dar muitos frutos.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Maria Madalena é equivalente à qual apóstolo de Jesus? Por quê?

2. Qual foi a fraqueza do caráter de Maria Madalena?

3. De que maneira especial ela ajudou Jesus?

Marta

"Marta, porém, andava distraída em muitos serviços; e, aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe que me ajude"
(Lucas 10.40).

Leia: João 11.1-45.

É difícil para nós pensarmos em Marta sem trazer Maria ao palco. As duas são diferentes, é verdade: Maria era uma cristã quieta, que gostava de ouvir Jesus sentado a seus pés; Marta estava constantemente ocupada, esforçando-se para servir melhor ao Mestre. Seria um erro fazer o contraste entre as duas como contrastamos o claro e o escuro, o bem ou o mal.

Jesus disse a Marta, quando ela O exortou a mandar sua irmã ajudá-la, que Maria havia escolhido a parte boa, isto é, algo melhor do que a atividade incessante de Marta. Poderíamos comparar dizendo que uma trabalhava com ouro; e a outra, com prata. Mas não devemos esquecer que Deus, em Sua eleição soberana, chamou cada um para um serviço diferente. Isaías foi um profeta, assim como Amós, mas eles não ficaram confusos. João era um evangelista; o mesmo era Marcos, mas o Evangelho de João é diferente do de Marcos, pois a mensagem de Isaías é diferente da de Amós. Cada um cumpriu sua responsabilidade seguindo o caminho que indicou.

Jesus não repreendeu Marta por estar ocupada. Ele a repreendeu porque ela queria arrancar Maria dos Seus pés, a porção que sua irmã havia escolhido. Marta provavelmente olhou com desdém para sua irmã arrebatada ouvindo Jesus, sem entender sua quietude e misticismo. A vida de Marta era feita de atividade e serviço, porém o serviço de ministrar a misericórdia e a ajuda não é tudo. Na igreja também existe o ministério da palavra. O diácono que visita os enfermos não pode menosprezar o pastor que prega a Palavra, pensando que seria melhor que ele também visitasse os enfermos.

Marta, então, tinha seu emprego particular e tinha orgulho de fazê-lo bem. É aí que ela tem seu ponto fraco. Ela era uma mulher íntegra, que amava apaixonadamente a Jesus, que cuidava dos humildes para servir ao Mestre. Na vida, você precisa de mulheres capazes e dispostas como Marta, mulheres que possam aceitar todos os tipos de responsabilidades. Na família, tais mulheres são absolutamente indispensáveis.

Maria ouviu Jesus, a melhor parte. Então, todos eles se sentaram à mesa, abençoados pelo Senhor, mas servidos por Marta.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. É justo pensar pouco em Marta?

2. Como podemos comparar a posição de Marta com a de Maria, sua irmã?

3. Existe um lugar na Igreja de Cristo para “Martas”?

Rode

"E, batendo Pedro à porta do pátio, uma menina chamada Rode saiu a escutar"
(Atos 12.13).

Leia: Atos 12.13-25.

Não nos é dito muito sobre Rode, mas alguns traços de seu caráter são evidentes em sua breve aparição no livro de Atos. Ela era uma das empregadas de Maria, mãe de Marcos, e morava na casa deles em Jerusalém. O incidente em que ela aparece é o ato de abrir a porta a Pedro quando este havia milagrosamente saído da prisão. Existem três coisas notáveis: primeiro, Rode aderiu à mesma fé que seus senhores. A pequena congregação se reunia na casa de Maria e já passava da meia-noite. Eles estavam juntos orando por Pedro que estava na prisão. Rode participava plenamente da vida daquela casa, não se limitava apenas a receber manutenção e salário, como também acreditava no mesmo Deus de Maria e compartilhou as suas alegrias e tristezas. Ela era uma criada ideal, que serviu à sua senhora e à igreja de Deus.

Rode também serviu diligentemente. Ela prestava atenção para atender à porta, separada da casa por um pátio ou corredor. Rode teria ficado contente com os outros em oração e conversa. Mesmo assim, ela manteve vigilância na porta. Ela

percebeu ser melhor cumprir seu dever do que se dedicar a exercícios internos mais piedosos.

Finalmente, a terceira característica que vemos em Rode é sua natureza exuberante. Isso é demonstrado pela maneira como se comportou quando Pedro anunciou sua chegada com uma batida forte. Reconhecendo a voz de Pedro, *"de gozo não abriu a porta, mas, correndo para dentro, anunciou que Pedro estava à porta"* (Atos 12.14). É possível que ela tenha interrompido a oração ou uma mensagem de alguém, mas não teve nenhum problema em fazê-lo. Os que estavam lá dentro, ao verem sua alegria e seus gritos, provavelmente meio incoerentes, porque ela estava dominada pela emoção, disseram que ela estava louca. Só mais tarde abriram a porta, o que demorou, pois disseram que *"Pedro perseverava em bater"* (Atos 12.16). Rode era uma garota espontânea, cheia de emoção, cheia de entusiasmo e leal à causa.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Rode estava trabalhando apenas pelo seu salário?

2. Como ela desempenhou suas funções?

3. Que espírito saturou seu trabalho? O que Rode significa para nós?

Safira

"Mas um certo homem chamado Ananias, com Safira, sua mulher, vendeu uma propriedade, e reteve parte do preço, sabendo-o também sua mulher"

(Atos 5.1-2).

Leia: Atos 5.1-11.

Deus puniu Safira com a morte por ter colaborado com o marido em ato fraudulento. O que aconteceu não parece que deveria ter levado a um desfecho tão trágico. Vamos considerar os fatos juntos.

Ananias e Safira se segregaram do Judaísmo e aderiram ao grupo de seguidores de Jesus. Eles não eram apenas simpatizantes: venderam uma propriedade e deram aos apóstolos uma boa parte da venda, para caridade ou necessidades deles e para pregação. Por que um ato de generosidade levou a uma punição tão severa?

Um espírito de extrema cooperação foi formado na Igreja de Jerusalém, afetando até mesmo a entrega de bens pessoais para atender às necessidades dos santos. Muitos venderam suas propriedades, casas, terras e deram o produto aos apóstolos. Não é incomum, no início de movimentos ou avivamentos, os seguidores mostrarem grande entusiasmo.

É possível que Ananias e Safira fossem bem conhecidos, assim como o fato de eles possuírem propriedades. Retê-la,

quando outros vendiam os seus, poderia causar a impressão de egoísmo diante dos outros fiéis. Ananias e Safira queriam ter certeza de que mantinham as aparências e sua reputação de piedade. Então eles decidiram vender a propriedade. Uma vez vendidos, concordaram de comum acordo que, sem prejuízo de sua reputação, eles reteriam parte do produto da venda. É possível que eles não tenham retido muito, caso contrário, a discrepância teria se tornado aparente.

O que vemos aqui essencialmente é que sua ação não foi motivada espiritualmente. E, por dar a impressão de que desistiram de tudo o que obtiveram com a venda, a ação adquiriu o caráter de fraude aos olhos dos apóstolos e de mentira aos olhos de Deus. Foi um verdadeiro sacrilégio.

Não sabemos se Pedro soube do preço indiretamente ou se ele foi revelado por Deus. Mas sua acusação era fulminante: *"Guardando-a não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus"* (Atos 5.4). Ananias expirou ao ouvir essas palavras. Após mais ou menos três horas, Safira apareceu e, quando Pedro lhe perguntou a que preço haviam vendido a herança, Safira, que concordou com o marido, repetiu a mentira. Então, Safira caiu aos pés de Pedro e expirou.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Que ação benéfica Ananias e Safira decidiram fazer?

2. Como o Diabo frustrou seus planos?

3. Como essa fraude foi punida?

Salomé

"Então se aproximou dele a mãe dos filhos de Zebedeu, com seus filhos, adorando-o, e fazendo-lhe um pedido" **(Mateus 20.20).**

Leia: Lucas 20.20-28; Marcos 15.40-41.

Salomé foi esposa de Zebedeu e mãe de João e Tiago. Percebemos isso comparando Marcos 15.40 com Mateus 27.56. Marcos dá-nos o nome de Salomé como uma das mulheres que assistiram ao sepultamento de Jesus. Em Mateus, seu nome não é mencionado, mas ela é designada como a mãe dos filhos de Zebedeu.

Salomé poderia ser considerada muito abençoada entre as mulheres, já que era mãe de dois dos discípulos mais queridos de Jesus. Não há dúvida de que os três apóstolos em quem Jesus mais confiava eram Pedro, João e Tiago. Mais tarde, Paulo apareceu, mas ele não era um dos doze. Ainda assim, Tiago e João, com Pedro, sempre são mencionados em ocasiões diferentes. Tiago morreu como um mártir, como vemos em Atos 12.2 — sua entrada no céu precedeu a dos outros apóstolos. Dos onze que testemunharam a ascensão de Jesus no Monte das Oliveiras, Tiago foi o primeiro chamado à comunhão com o Senhor.

Portanto, a vida de Salomé deu muitos frutos por seus dois filhos, os quais mantiveram suas posições-chave entre

os apóstolos. João morreu muito depois. Ele foi o último dos apóstolos a morrer, após a revelação de Patmos.

Salomé era esposa de um pescador. Eles moravam nas margens do Lago Genesaré. Era de se esperar que seus filhos João e Tiago continuassem se movendo entre os barcos e as redes, continuando a ocupação do pai. Mas o curso da família mudou repentinamente quando Jesus os chamou para fazer parte de Seu grupo. Sua posição como apóstolos de um Rei com poder no céu e na terra mudou as ambições de Salomé para eles, como veremos a seguir.

Existem muitas lendas sobre Salomé. Por exemplo: que nasceu de um primeiro casamento de José e, portanto, era aparentada com a família de Maria. Outra, que era filha de Zacarias. O objetivo deles é estabelecer o fato de que Tiago e João provavelmente já teriam ouvido falar de Jesus quando Ele os chamou. É mais provável que a família ouvira falar de Jesus por meio de João Batista, quando ele estava pregando perto do Jordão. Isso significa que a família já estava preparada para receber a mensagem, visto que não nos é dito que Zebedeu fez o mínimo esforço para retê-la; Quanto a Maria, sabemos que posteriormente foi ela mesma ouvir Jesus e também sabemos que seguiu as mulheres. Já vimos que foi uma das mulheres que preparou o linho e as especiarias para o sepultamento de Jesus.

O pecado de Salomé foi o de querer beneficiar seus filhos entre os apóstolos. Ela reconheceu que Jesus era o Messias, mas não conseguiu separar o Messias da glória temporal de Israel. Ela não percebeu que os filhos de Abraão o eram pela fé, não por seus filhos e por Pedro, e talvez ela até tivesse ciúmes de Pedro e quisesse ter certeza de que seus filhos, quando

Jesus viesse em seu Reino, teriam um lugar de honra. Essas razões, compreensíveis quando se considera o orgulho natural da mãe, levam-na a esse pedido pecaminoso. Não veio da fé, mas do oposto da fé.

Qual foi a resposta de Jesus? Virando-se para seus filhos, que estavam com ela, perguntou-lhes se poderiam beber do cálice. As crianças responderam que sim. Jesus lhes confirmou o fato de que eles realmente o fariam: eles passariam pelo martírio e morreriam em circunstâncias diferentes. Essa era a coroa de Salomé! Uma coroa de peso eterno de glória!

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Quais dois filhos de Salomé eram seguidores de Jesus desde o início de Seu ministério?

2. Que posição eles tinham entre os discípulos?

3. Qual foi o principal pecado de Salomé?

Sogra de Pedro

"E Jesus, entrando em casa de Pedro, viu a sogra deste acamada, e com febre"
(Mateus 8.14).

Leia: Mateus 8.14-17.

Quando Jesus disse "siga-me" a Pedro e a André, os dois deixaram tudo o que tinham e O seguiram. Os laços que uniam Pedro e os discípulos em geral com suas famílias tiveram que ser rompidos e novos laços tiveram que aparecer para substituí-los. Mas Pedro não pertencia mais a Betsaida nem à família de seu pai Jonas. Pertencia a Jesus e ao Seu Reino. Lembremo-nos de Jesus: *"Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim"* (Mateus 10.37). Isso parece uma demanda extrema, e os primeiros cristãos fizeram este sacrifício por suas convicções: eles deixaram tudo para seguir Jesus.

Isso não foi um obstáculo para que os laços rompidos entre o discípulo e sua família fossem reconfirmados posteriormente. Isso aconteceu no caso de Salomé, a mãe de João e Tiago, e, neste caso, entre Pedro e sua sogra, essas mulheres que acreditamos que foram convertidas à fé. Sabemos da sogra de Pedro que serviu a Jesus. Não há dúvida de que o milagre recebido a obrigou a adorar ao Senhor.

Não sabemos se ela morava em Betsaida ou em Cafarnaum, embora isso não tenha importância. Lá, Pedro e André eram

donos de uma casa possivelmente herdada de seu pai. Pedro se casou e, seguindo Jesus, saiu de casa cuidando de sua esposa. Quando Jesus visitou a casa, sua mãe morava com ela. Não sabemos se André era casado, também não sabemos se tinha filhos. Sabemos que a esposa de Pedro ainda estava viva quando Paulo era crente, por sua referência a ela em 1 Coríntios 9.5.

Em nossa história, vemos que a sogra de Pedro está doente. Não sabemos se foi uma doença grave. Mas, sim, Jesus veio, tocou-lhe na mão e, apesar de estar "acamada", ficou boa: levantou-se e serviu-os.

Desse incidente, aprendemos que o fato de Jesus mandar seus discípulos deixarem tudo para segui-Lo não os impediu de manterem relações com a família: caso contrário, Pedro não os teria visitado.

As relações entre genros e sogras nem sempre são suaves e tranquilas. Em alguns casos, pode não haver a devida discrição ou paciência nesses relacionamentos. Por outro lado, o amor pode superar todas as discrepâncias e diferenças na maneira como você vê as coisas. No caso da sogra de Pedro, temos que acreditar que sua doença uniu toda a família em oração. Agora, uma vez curada, ela mostrou seu amor e se dedicou a servir ao grupo que seu genro havia trazido para casa, especialmente Jesus que a curou. A harmonia reinou naquela casa.

Perguntas sugeridas para estudo e discussão:

1. Cristo curou essa mulher de alguma forma?

2. Que lição particular aprendemos aqui sobre os relacionamentos no seio da família?



